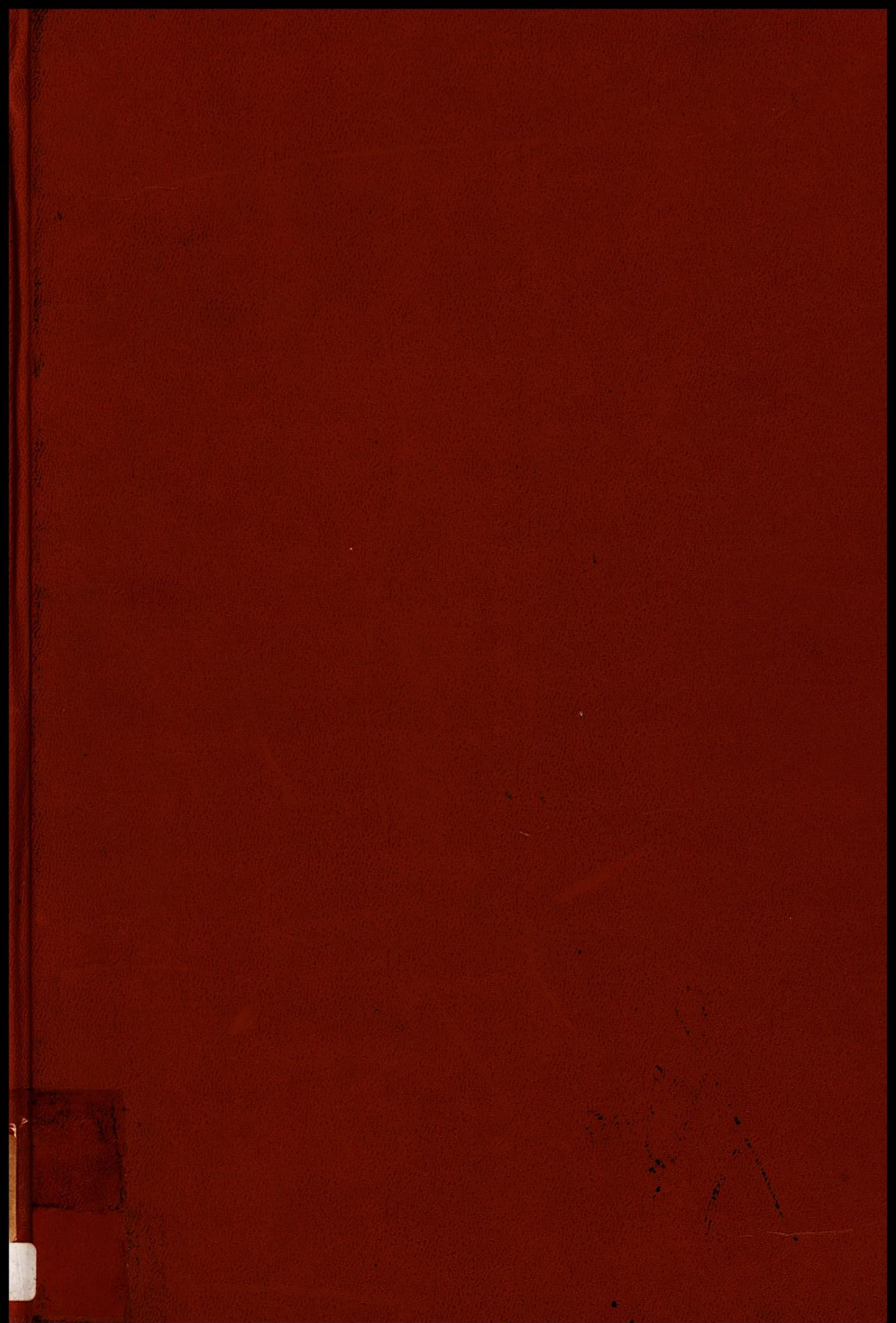






TEREZINHA DE JESUS BOTEON

BIBLIOTECA	
UNESP - CAMPUS DE BAURU	
Data:	
Stoc:	
CRS:	
Reg:	
Nº chamado	
Nº	

**TV BAURU - CANAL 2: O homem como agente no processo de sua
criação e instalação**

**Dissertação apresentada no Curso de Pós-
Graduação - nível de Mestrado, da Faculdade de
Arquitetura, Artes e Comunicação da
Universidade Estadual "Júlio de Mesquita
Filho" - UNESP - Campus de Bauru.**

Orientador: Professor Doutor LUIZ BARCO

BAURU

1995

N.º 218

BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU



(A)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
CAMPUS DE BAURU



**TV BAURU - CANAL 2: O homem como agente no processo de sua
criação e instalação**

T/UNESP
B759t

BAURU
1995

"Fabricador de instrumentos de trabalho, de habitações, de culturas e sociedades, o homem é também agente transformador da história.

Mas qual será o lugar do homem na história e o da história na vida do homem?"

(Paul Veyne)

DEDICO:

Àqueles que deram sentido, o
sentido da "vida", que trabalharam
pelos seus contemporâneos e por
nós;

Aos meus pais: Joaquim e
Sebastiana dedico a "vida" deste
trabalho;

Às amigas Eliana e Marinil, cada
uma a seu modo estiveram sempre
presentes!

AGRADEÇO:

A Deus pela força nos momentos
difíceis da caminhada...

Ao Professor Doutor Luiz Barco,
pelo sorriso mágico...

A Todos que colaboraram,
incentivaram e dividiram sutilezas!

RESUMO

Este trabalho configura uma tentativa de situar a forma e a dimensão da presença da TV Bauru - Canal 2 no cenário da história da Televisão no Brasil. O objeto de estudo desta pesquisa tem suas fronteiras no tempo e no espaço, assim percorre um período que se estende da década de 50 aos anos 60, num espaço geográfico delimitado: a cidade de Bauru, localizada no Estado de São Paulo. A TV Bauru - Canal 2 foi idealizada e concretizada pelo Sr. João Simonetti por volta de 1959, quando instalou a primeira estação de televisão interiorana na América Latina, realizando sua própria programação. A documentação desse fato é importante em seus aspectos históricos, técnicos e sociais, já que a televisão representa, na atualidade brasileira, o meio de comunicação de massa com maior poder de persuasão.

UNITERMOS:

Televisão - História

Televisão - Bauru

TV Bauru - Canal 2



ABSTRACT

This study is an attempt to place the form and dimension of the presence of Bauru TV - Canal 2 in the scenery of the television history in Brazil. The aim of this research has its limits in time and space. In this way it goes through a period that stends from the 50^s to the 60^s in a limited geographical space: the city of Bauru, located in the state of São Paulo. Bauru TV - Canal 2 was idealized and it come true by Mr. João Simonetti about 1959, when he installed the first inland broadcasting station in Latin America with its own programming. As the television represents in the Brazilian reality a means of mass communication with great persuasion power, the documentation of this fact is important in their social, technical and historical aspects.

KEYWORDS:

History - Television

Television - Bauru

TV Bauru - Canal 2

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 QUESTÕES PRELIMINARES	12
1.1 Reflexões sobre a História.....	12
1.2 O papel dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea	21
2 BAURU: A PRESENÇA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA	31
2.1 Forças Políticas e Financeiras.....	39
2.2 Forças Humanas e Sociais	44
3 TONS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DA TV NO BRASIL	49
3.1 Idéias e práticas que se repetem.....	49
3.2 Questão de Sintonia.....	58
4 PRIVILEGIANDO O INTERIOR	65
4.1 TV Bauru - Canal 2: 1a. Emissora do Interior de Estado da América Latina.....	65
4.2 TV Bauru - Canal 2: Alternância de Sinais	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
APÊNDICES	87
ANEXOS	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
BIBLIOGRAFIA	164



INTRODUÇÃO:

Hoje, constitui gesto rotineiro e mecânico girar botões ou acionar controles remotos, para alcançar-se transmissões e receber, assim, sons e imagens de uma tela exterior ao homem para a sua tela interior. Gesto esse considerado extremamente simples, em sua aparência, e tão mais simples e automático, quanto mais ignorados forem os passos que antecederam o, até não muito tempo atrás, considerado inacreditável fenômeno.

De onde vem, então, deve-se indagar essa aparente simplicidade? Como entender a trajetória humana neste planeta se for desvinculada do momento presente sua ancestralidade e seu futuro?

Nesse sentido, a história da televisão brasileira difere muito pouco da história do homem brasileiro. E, se, em muitos aspectos, a trajetória desse homem é obscura e velada, o mesmo pode ser dito da televisão aqui praticada. Recuperar ou responder a todas as circunstâncias e razões norteadoras do processo de identidade do homem brasileiro e mesmo da trajetória da televisão no Brasil consiste, certamente, tarefa que não pode ser denominada de simples.

O interesse deste trabalho configura-se, então, como uma tentativa de situar a forma e dimensão da presença da TV Bauru - canal 2, no amplo cenário da história da televisão no Brasil. Assim, o objeto desta pesquisa compreende um período iniciado na década de 50 deste século e ainda em vigor, num espaço geográfico delimitado: a cidade de Bauru, localizada no interior do Estado de São Paulo.

Atender a esse interesse específico, implica na necessidade de responder primeiramente a questões concernentes à história e ao historiador, enquanto estudioso e tradutor do "design" adotado em cada tempo e lugar, e às questões fundamentais relativas ao papel dos meios de

comunicação de massa na sociedade contemporânea. E são exatamente estes aspectos que se procura desenvolver no primeiro capítulo desta pesquisa.

Indissociável do trabalho de um historiador é o tempo e o espaço social por ele analisados. Em atendimento a esta premissa, procura-se expor, no segundo capítulo, a situação de Bauru em face aos meios de comunicação de massa e as inter-relações destes com os mecanismos do poder. E, fundada na mesma premissa empregada no estudo do contexto local, nunca desvinculada de um contexto histórico mais abrangente, aborda-se em seguida, notadamente, os aspectos político-sociais do instante nacional no qual se deu a implantação da televisão.

Como toda história tem seus protagonistas e coadjuvantes, estes sempre em maior número, fixar-se-á cada momento espaço-tempo social na órbita das personalidades mais representativas. E não se entenda essa atitude como privilegiadora de um ou outro personagem. Acredito que o melhor entendimento deste percurso são as margens deixadas a descoberto para futuros estudos.

Se aparentemente existe algum privilégio, este destina-se à elucidação dessa abordagem, na qual em alguns momentos, se fizeram necessárias intervenções pessoais dos personagens mais diretamente responsáveis pela construção do objeto desta pesquisa: TV Bauru - Canal 2.

É claro que uma pesquisa não deve nem pode limitar-se apenas à colocação de um objeto e da intenção que o norteia. Requer, além de uma fundamentação teórica, uma perspectiva que vise o crescimento do homem em determinado setor do conhecimento, uma linha que se direcione ao preenchimento de lacunas perceptíveis no fio de ligação entre os tempos passado, presente e futuro. Fio condutor da determinação da hierarquia e linhagem de cada evento humano, social e histórico.

Partindo deste pressuposto entende-se que analisar o momento, o espaço e as circunstâncias que permearam o processo de criação e instalação de uma emissora de televisão em uma cidade interiorana, ratifica a



intenção de compreender ou pelo menos, abrir caminhos e, conseqüentemente, colaborar no preenchimento de lacunas ainda existentes no que diz respeito a história da televisão no Brasil.

Analisar é um vocábulo tão complexo quanto recuperar. Se análise representa, neste estudo, o conhecimento dos diferentes elementos de um determinado conjunto, suas relações e propriedades, conceituadas numa linguagem dirigida à sua explicação, aqui se entende por recuperar a retomada da trajetória de um dado processo, não com a finalidade única de restituir-lhe o uso original, mas como base para percepção e compreensão do conjunto maior no qual está contido, bem como das forças nele aplicadas, das regras seguidas e transgredidas. Recuperar não apenas o objeto enquanto objeto ou sua função, mas reincorporando o homem num processo no qual ele está naturalmente inserido, mesmo quando ainda desconheça os caminhos percorridos.

Teoricamente este trabalho calcou-se em duas linhas referentes à construção do conhecimento. Uma primeira relacionada com elementos conceituais dos meios de comunicação de massa e, uma segunda moldada pela teoria da história social explicativa de alguns momentos, entre os quais se destaca: o tempo, a perspectiva histórica e sociológica, e a importância dos fatos e abordagens para a recuperação, pela pesquisa histórica, dos eventos fundamentais que nortearam a efetivação da TV Bauru - Canal 2.

Da fundamentação teórica extrai-se a importância e necessidade de consubstanciar o produto aqui apresentado como evento específico de sua criação e existência. Para resgatar os aspectos históricos marcadores da presença de uma emissora de televisão no interior paulista, procedeu-se a busca de documentos comprobatórios - registros, fotografias, jornais - não dispensando as *deixas* das conversas informais e, dos depoimentos com familiares do protagonista e com seu elenco de auxiliares, isto é, aqueles profissionais envolvidos na implantação e desenvolvimento da

TV Bauru. Todos os elementos possibilitadores desta reconstrução foram utilizados, visando sempre o resgate da memória da TV Bauru - Canal 2.

Justificar a necessidade de preservação da memória do patrimônio cultural de uma cidade é dispensável, se acreditarmos que a memória de um povo é condição básica de sua sobrevivência na relação espaço social e tempo histórico.

Assim, os aspectos abrangidos neste estudo colocam a necessidade de uma análise descritiva pelo método histórico para permitir avaliar no contexto mais amplo da história da TV Brasileira o papel e contribuição da TV Bauru - Canal 2.



1. QUESTÕES PRELIMINARES

1.1. Reflexões sobre História

Para muitos, a função do historiador resume-se e limita-se em recontar episódios passados da vida humana embasados em fontes documentais. Para nós, historiar vai além de registrar e documentar. Historiar é ler nas entrelinhas a atuação de homens de outros tempos sobre as forças humanas e naturais com as quais interagiam. É remontar, num tempo e espaço determinados, um intrincado jogo de quebra-cabeças. Não exatamente uma quiromancia ou qualquer outro adivinhacionismo em moda. É desvencilhar a espécie humana de sua aborrecida ilha, mostrando-lhe velhos filmes, - já vividos por sua ancestralidade - indicando-lhes novas perspectivas para preservação da espécie. Historiar assemelha-se mais a inserir novos genes no código genético humano, o gene favorecedor da sobrevivência associada a novas descobertas e inventos, sem desvencilhar-se da árvore genealógica que lhe permitiu existir.

Os homens são os produtores da História, ainda que dentro das condições encontradas, não sendo estas sempre compatíveis às desejadas e sonhadas. A História preenche-se, pois, de conhecimentos, servindo ao homem como meio de entender, questionar e relatar com outras formas de conhecimento as condições da realidade vivida, tendo em vista o delineamento de seu percurso no fazer histórico.

Assim, a História procura reconhecer as transformações e as permanências, pelas quais passaram e passam nossas sociedades. As transformações provam as mudanças constantes; as tradições, as permanências, e estas são percebidas pelo tempo histórico. Então, para não deslocar o homem



do seu tempo e espaço social, o historiador deve ater-se a uma ligação básica, implícita dentro da idéia geral de tempo: passado-presente-futuro. O homem tem consciência de sua historicidade, porque vive em determinado período, num espaço concreto, cumprindo com objetivos e interagindo com a natureza e outros homens. Nessa direção, é demonstrado o seu caráter histórico e para descobri-lo, o pesquisador deverá perguntar: o quê? quando? onde? como? por quê? para quê?

O processo histórico é contínuo, mas tal afirmação não induz a entendê-lo atrelado a um desenvolvimento linear, isto é, não constitui uma linearidade de tendências constantes. No processo, estão incluídas idas e vindas, desvios, avanços e recuos, além de inversões. Existem transformações possíveis de serem entendidas como rupturas, já que alteram a trajetória de viver da sociedade. As rupturas são lentamente preparadas, estão ligadas a fatos, algo pré-existente e facilitador do advento do novo. Por isso não se pode admitir o surgimento de uma situação sem conexão com outras precedentes ou concomitantes.

As alterações no processo histórico são decorrentes da ação dos próprios homens, onde não se pressupõe uma evolução natural, visto ser a história da humanidade diferente da história da natureza. Construída pelos homens organizados em sociedade, estes atuam para que os fatos se passem de uma maneira ou de outra, embora nem sempre conscientes dos efeitos e reflexos de suas ações.

Quanto ao historiador é preciso dizer que este não deve posicionar-se como mero espectador da realidade histórica. Para cumprir sua função obriga-se a proceder a uma leitura crítica da memória e do processo, necessitando, assim, de fazer um registro inteligente, procurando conhecer e compreender os mecanismos e contornos da realidade. Nesse sentido, Mills(1986:169) afirma:

"é, evidentemente, bastante claro que para compreender uma sociedade que se movimenta lentamente, presa por séculos num ciclo de pobreza e

tradição e moléstias e ignorância, temos de estudar o terreno histórico, e os mecanismos históricos persistentes de sua terrível limitação pela sua própria história. A explicação desse ciclo, e da mecânica de cada uma de suas fases, exige uma análise histórica profunda".

Ao explicar uma realidade histórica tende-se a ressaltar mais um aspecto em detrimento de outros, conduzindo com isso a um esquecimento da idéia de totalidade. Portanto, ao estudar-se uma realidade histórica há necessidade de vê-la em conjunto, não priorizando seus frutos isoladamente, mas analisando os fatos em sua amplitude, com causas e conseqüências interligadas, interdependentes e relacionadas à outros momentos.

Esse entendimento pode ser apreendido e ratificado na afirmação de Le Goff (1988:71)

"O homem não vive somente de pão, a história não tinha mesmo pão; ela não se alimentava senão de esqueletos agitados por uma dança macabra de autómatos. Era necessário dar a esses mecanismos descarnados o contrapeso de outra coisa. Era necessário descobrir na história uma outra parte. Essa outra coisa, essa outra parte, eram as mentalidades.

Mas a história das mentalidades não se define somente pelo contato com as outras ciências humanas e pela emergência de um domínio repellido pela história tradicional. É também o lugar de encontro de exigências opostas que a dinâmica própria à pesquisa histórica atual força ao diálogo. Situa-se no ponto de junção do individual e do coletivo, do longo tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral."

A realidade passada pode ser desvendada por meio de relatos, registros e documentos. Portanto, o pesquisador deve fundamentar-se numa busca dos fatos reais comprováveis. Selecionando os mesmos tomará como base os dados mais significativos para explicação do objeto investigado, não ignorando a mentalidade vigente de cada momento histórico.

Para Cardoso (1981:95)

"as fontes históricas são todos os tipos de informação acerca do devir social no tempo, incluindo tal noção igualmente os próprios canais de transmissão dessa informação, isto é, as formas em que foi preservada e transmitida. Assim, serão fontes históricas as redações que nos



chegaram em papiros, tijolos de barro, paredes de monumentos, pergaminhos, papéis: objetos materiais diversos como templos, túmulos, moedas, móveis, quadros; restos ou contornos de paisagens agrárias ou monumentos desaparecidos perceptíveis através da fotografia (...)"

Atualmente, o jornal e a fotografia representam exemplos bem específicos de fontes históricas, no sentido de estarem sendo bastante utilizados nos trabalhos dos historiadores. Desse modo, o jornalismo investigativo ao buscar a verdade o faz reduzindo o campo das incertezas e ampliando as probabilidades do correto registro. Por isso passa a ligar-se estreitamente ao trabalho do historiador.

Esse posicionamento é reafirmado com a discussão de Kossoy (1989:16) sobre o documento fotográfico:

"as imagens sem conta produzidas no último século e meio dos microaspectos captados de diferentes contextos sócio-geográficos têm preservado a memória visual de inúmeros fragmentos do mundo, dos seus cenários e personagens, dos seus eventos contínuos, de suas transformações ininterruptas. Estas imagens são documentos para a história e também para a história da fotografia. É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a miniatura de seu referente: reflexos de vida congelados pelo ato fotográfico".

Como outras ciências, a História vem modificando-se. Assim, percebe-se claramente novo ponto de partida indicando novos rumos, novas abordagens e levando a novos objetos, novos problemas. Essa nova configuração dá margem ao historiador para considerar o essencial, aquilo que pensava não ser importante e/ou até impróprio. Além disto, possibilita preencher silêncios forçados, bem como propor novos métodos e novas fontes.

Marc Ferro (1988:200-201) corrobora com essa colocação quando observa:

"por força de se interrogar sobre sua profissão, de se perguntar como se escreve a história, o historiador terminou por esquecer de analisar sua própria função. Ora, se a ideologia do historiador variou, se diversas espécies de historiadores coabitam e constituem grupos que, entre si, não se reconhecem quase, mas que os não - historiadores identificam, contudo, graças aos signos específicos de seus discursos,

percebe-se também que a função quase não mudou. São poucos os historiadores, de Otto de Freising a Voltaire, de Políbio a Ernest Lavisse, de Tácito a Mommsen, que, em nome do conhecimento ou da ciência, não estiveram a serviço do príncipe, do Estado, de uma classe, da nação, em suma de uma ordem ou de um sistema, e que consciente ou inconscientemente, não tenham sido um sacerdote, um combatente. (...) a história é compreendida do ponto de vista daqueles que se reponsabilizaram pela sociedade: homem de Estado, diplomatas, magistrados, empresários e administradores (...) Anos se passaram. A ciência histórica se transformou".

Ribeiro Jr. (1993: 36-37) afirma que:

"a crise dos paradigmas surge e se desenvolve por força da necessidade de superação de determinismos que provaram, na História, a sua ineficácia. Depois da formação da História-ciência, cuja expressão maior é Leopold Von Ranke, veio a reação das ciências humanas. O historiador, ao alargar os horizontes do social, do mental, do econômico e do político negou as leis da História contidas no positivismo. A relação de causa e efeito na História não dava conta, por simplista e mecânica, da complexa realidade humana. Daí as reações exemplificadas pela escola francesa ou Escola dos Annales.

Paralelamente surgiu uma outra bem articulada historiografia marxista. Mas esta também estabelece novo determinismo enquanto paradigma que prevê as contradições capitalistas e o advento do socialismo (...) À medida em que os paradigmas positivistas e marxistas não davam conta do acontecer histórico, mais os cientistas sociais foram buscando novas explicações."

As novas teorias filosófico-científicas, as novas indagações das ciências sociais, entre outras, e as exigências de um novo espírito histórico propiciaram o surgimento de uma Nova História. E esta confirma a importância das novas fontes de pesquisa - fotografia, cinema, história oral e outras -. Já que a transformação da sociedade reflete as questões da inovação técnica e/ou tecnológica que possibilitam outros enfoques e o entrelaçamento de diferentes ramos do conhecimento.

Entretanto é preciso considerar que as novas fontes não foram percebidas em sua amplitude. Sabe-se que há uma resistência advinda da tradição escrita de representar uma fórmula mais antiga de transmissão de conhecimento, e da dificuldade defrontada pelo pesquisador no sentido de

análise e interpretação da informação transmitida. Saraman apud Le Goff, (1985:39) afirma "Não há história sem documentos. Há que tomar a palavra 'documento' no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer maneira".

Os pesquisadores que utilizam as novas fontes como artefatos de desvendamentos para suas hipóteses e postulados, necessitam abarcar um denso universo de conhecimento especializado em fotografia, em som, em obras - filmes ou pinturas -, entre outras, para poderem usá-las devidamente como documentos. Por outro lado, é necessário também recuperar as especificidades do momento histórico e fazer conexão com as informações do contexto - econômico, político e social -, da ideologia, dos usos e costumes do período retratado.

Então, "precisamos aprender a esmiuçar as fotografias criticamente, interrogativamente e especulativamente (...) no que uma boa fotografia desvenda para o olho e a mente compreensiva, ela falhará em desvendar para o olhar apressado". (Weinstein, apud Kossoy (1989:79). Ao encontro deste enfoque vêm as seguintes considerações de Marc Ferro (1988:203)

... "partir da imagem, das imagens. Não procurar somente nelas exemplificação, confirmação ou desmentido de um outro saber, aquele da tradição escrita, considerar as imagens tais como são, com a possibilidade de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Assim um método que lembraria o de Febvre, de Francastel, de Goldmann, desses historiadores da nova história, da qual se definiu a vocação. Eles reconduziram a seu legítimo lugar as fontes de origem popular, escritas de início, depois não escritas: folclore, artes, tradições populares, etc. Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que o produz. A hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é história; o postulado? Que aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão história quanto a história".

Portanto, essas novas fontes são informações inéditas, contraponto de fontes tradicionais. Desestabilizando a supremacia de suas



congêneres, mais antigas, impõem uma contra-análise da sociedade, na qual é preciso buscar, agora usando todos os recursos, sua célula básica: o homem.

Defendendo essa via de entendimento do processo histórico, faz-se necessário lembrar Marc Bloch (1987:28) quando questiona:

"o que aconteceu todas as vezes que houve que fazer-se imperioso apelo à intervenção da história?", e de sua resposta a essa questão: "Surgiu o que era humano. Há muito, com efeito, que os nossos grandes precursores, um Michelet, um Fustel de Coulanges, nos tinham ensinado a reconhecer: o objecto da história é por natureza o homem. Melhor: os homens. Mais do que o singular, favorável à abstracção, convém a uma ciência da diversidade o plural, que é o modo gramatical da relatividade. Por detrás dos traços sensíveis da paisagem, dos utensílios ou das máquinas, por detrás dos documentos escritos aparentemente mais glaciais e das instituições aparentemente mais distanciadas dos que as elaboram, são exactamente os homens que a história pretende apreender. Quem não o conseguir será, quando muito e na melhor das hipóteses, um servente da erudição. O bom historiador, esse, assemelha-se ao monstro da lenda. Onde farejar carne humana é que está a sua caça".

É interessante abordar algumas colocações a respeito das categorias tempo/espaço, noções que comandam as nossas vidas.

Sabemos que os homens ocupam lugar em um e vários espaços. E, esse lugar ou lugares são compartilhados e modificados. O conhecimento, a compreensão do lugar que ocupamos, nos dão condições de refletir sobre nossas relações sociais, o que irá favorecer o desempenho de nossa dimensão social e temporal. O homem na abrangência bio-psico-social está em constante mudança e as transformações que ocorrem são produzidas por ele no espaço em que ocupa.

Os espaços são criações humanas, e compreendem: o espaço geográfico que não é único pois sofre a intervenção do homem em sua paisagem ; o espaço econômico do qual se origina o espaço social, construído pelas transformações operadas pelos homens na natureza. Do mesmo modo, os tempos são abstrações que também guardam concepções diferentes.



Entendemos melhor a relação espaço/tempo através das palavras de Harvey (1989:187):

"O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. E, no entanto raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhes damos atribuições do senso comum ou auto-evidentes. Registramos a passagem do tempo em segundos, minuto, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e eras, como se tudo tivesse o seu lugar em uma escala temporal objetiva. Embora o tempo na física seja um conceito difícil e objeto de contendas, não costumamos deixar que isso interfira no nosso sentido comum do tempo, em torno do qual organizamos rotinas diárias. Reconhecemos, é verdade, que os nossos processos e percepções mentais podem nos pregar peças, fazer segundos parecerem anos-luz ou horas agradáveis passarem com tanta rapidez que mal nos damos conta. Também podemos aprender a apreciar o fato de diferentes sociedades (ou mesmo diferentes subgrupos) cultivarem sentidos de tempo bem distintos (...). Na sociedade moderna, muitos sentidos distintos de tempo se entrecruzam. Os movimentos cíclicos e repetitivos (...) oferecem uma sensação de segurança num mundo em que o impulso geral do progresso parece ser sempre para a frente e para o alto - na direção do firmamento do desconhecido".

Em relação ao espaço diz o autor:

"O espaço também é tratado como um fato da natureza, 'naturalizado' através da atribuição de sentidos cotidianos comuns. Sob certos aspectos mais complexos do que o tempo - tem direção, área, forma, padrão e volume como principais atributos, bem como distância - , o espaço é tratado tipicamente como um atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido. Reconhecemos, é verdade, que a nossa experiência subjetiva pode nos levar a domínios de percepção, de imaginação, de ficção e fantasia que produzem espaços e mapas mentais como miragens da coisa supostamente 'real'. Também descobrimos que sociedades ou subgrupos distintos possuem concepções de espaço diferentes." (Harvey, 1989:188).

O primeiro contato do homem com a natureza garantiu-lhe a sobrevivência. Sobrevivendo altera suas relações com o meio ambiente e modifica-o criando os espaços: agrícola, urbano, industrial e cultural. Da organização econômica surgem as relações sociais e estas definem o espaço social. Este ao ser ocupado, organizado e transformado pelas relações dos homens entre si e com o meio que habita definem o espaço histórico - espaço que contém um tempo e um lugar.



Daí decorre a validade de se poder afirmar que trabalhar com a concepção de espaço equivale a trabalhar com as noções de tempo, estendendo-se aos conceitos de movimento, mudança, transformação, rompimento, reatamento e processo evolutivo.

Delineadas algumas questões básicas é pertinente também afirmar que essas categorias esclarecem os vínculos materiais entre os processos políticos-econômicos e processos culturais.

Nas sociedades modernas, dominadas pela ciência e tecnologia, distingue-se, progressivamente a noção de tempo. A perda da noção de totalidade, a grande compartimentalização do saber tem prejudicado sensivelmente o percurso do homem como agente da história que é.

Esta linha de pensamento propõe ao historiador um compromisso com a sociedade na qual está inserido. Então, adquirir o embasamento teórico metodológico propiciador da condução de seus trabalhos, tendo como objeto de análise o conjunto do social, centrando sua atenção em seu elemento básico: o homem. Determinando, enfim, o não fim da história.



1.2 O Papel dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea

Muitos debates e pesquisas têm surgido na sociedade contemporânea sobre o papel dos meios de comunicação no processo de desenvolvimento ou alienação do homem, ou sobre a sua participação no processo do poder. Em suma, a capacidade do homem de lançar mão de signos, fantasias e estereótipos, para produzir mudanças no comportamento da sociedade, tem sido objeto de investigação.

Pretende-se, aqui, ressaltar o veículo como agente de transformação do homem, no que diz respeito as suas relações com os outros, com o meio que habita e consigo mesmo. Nesse sentido, procurar-se-á esboçar num primeiro momento, o conteúdo que informa três vertentes do pensamento moderno acerca da ação dos meios de comunicação sobre a sociedade. Numa primeira vertente, incluir-se-ão os representantes da Escola de Frankfurt, que radicalmente não aceitam os pressupostos sócio-políticos e culturais que norteiam a produção dos meios de comunicação de massa. Em suas reflexões apontam, sobretudo, para o vínculo estreito da indústria cultural com a proposta da dominação burguesa. Assim, atribuem aos meios de comunicação de massa uma ação catastrófica sobre o futuro do homem.

Numa outra linha de reflexão, podem situar-se aqueles que como Marshall McLuhan aceitam o fato consumado de viverem numa sociedade em que os meios de comunicação de massa possuem espaço indiscutível.

E num terceiro grupo estariam os denominados filósofos da pós-modernidade. Estes, entre outros fatores, atribuem aos meios de comunicação de massa, papel preponderante no processo da alienação humana. A esse grupo pertence, por exemplo, Jean Baudrillard.



Estabelecido os contornos de um quadro que outro objetivo não teve senão o de situar a direção do pensamento dos principais teóricos da comunicação do nosso tempo, far-se-á a seguir considerações que têm por alvo explorar reflexões existentes acerca das transformações com alcance social trazidas pelos *media*. A primeira delas aqui levantada diz respeito a questão da percepção.

Quanto a este aspecto as idéias de Marshall McLuhan são paradigmáticas. São encontradas notadamente em *A Galáxia de Gutenberg* e em *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*.

Assim, segundo o pensamento do autor canadense, se a expressão oral é o meio onde a audição e a visão se interrelacionam, o surgimento da palavra escrita e da impressão, impõe um novo padrão de entendimento e condicionamento do processo mental e psíquico do homem ocidental. A dissociação dos sentidos e a conseqüente alteração da percepção, suscitados pelos tipos móveis de impressão, determinaram a mecanização da escrita fonética, estenderam-se e agravaram-se a partir de cada nova tecnologia implantada. Conseqüentemente, a comunicação vai deixando de ser basicamente oral ou escrita, para tornar-se, fazendo uso do adjetivo joyceano, *verbo-voco-visual*.

Em *Visão, som e fúria*, artigo de 1954, portanto anterior a publicação das obras citadas, McLuhan lembra que Platão se preocupou com os efeitos da palavra escrita, que no seu pensar traduziria uma decadência da qualidade cultural por substituir o pensar pelo contemplar, o buscar viva e ativamente a verdade pelo aprender mecânico e passivo, ao abolir da atividade humana o exercício da reflexão. Walter Benjamin (1978:165-196), por sua vez, quando trata da substituição da percepção direta pela impossibilidade de captar-se a *aura* de uma obra de arte, em decorrência da reprodutibilidade técnica aponta, entre outros valores, para o atrofiamento da percepção. Assim, nas sociedades capitalistas contemporâneas, os objetos de arte e criações culturais perdem sua especificidade identificando-se com mercadorias

quaisquer e desta forma são consumidos, sem produzirem maiores efeitos na experiência do viver. A obra de arte, assim adaptada ao mercado de produção e consumo, não é, conseqüentemente, mais deflagradora dos sentidos.

Talvez mais grave que a própria reprodução, em larga escala, das criações artísticas pressionada pela intenção única do lucro, seja o fato da abolição do privilégio cultural, ao contrário do prometido, ter tornado a cultura mecanizada, proporcionando, assim, condições altamente favoráveis à desintegração do relacionamento do homem com o mundo, esmagando e sufocando os sentidos do indivíduo com uma enxurrada de informações e imagens, que ao invés de lhe servirem de estímulo para alterar a trajetória desse caminhar desumano, acabam por nocauteá-lo e afundá-lo na poltrona reduzindo-o à condição de objeto receptor passivo.

O efeito desse elevado grau de reificação ao qual conduziu-se o homem, viabilizado pelo aprimoramento desta sociedade dirigida pela prepotência do poder econômico, cujo objetivo parece ser o total embotamento dos sentidos, é definida por Marcondes Filho (1988:15-38) como um esvaziamento do repertório mental do homem, confiscado pela necessidade premente do consumo indiscriminado.

Incapacitado de esboçar reações o homem integra-se nesta sociedade, denominada democrática, cujo contexto determina que a violência e opressão, com objetivos de controle, não mais sejam exercidos somente sobre o corpo. Investe-se, agora, diretamente na alma. Não que se proíba o pensar e o agir diferenciadamente, apenas, sutilmente são inibidas essas tentativas, pois ao fazê-lo o indivíduo estará automaticamente banido do conjunto.

Desta forma, as instituições aprisionam o homem, seu corpo e sua alma, a ponto de este, já fragilizado e destituído de suas faculdades, sem maiores resistências, sucumbir diante de tudo que lhe é oferecido. Isto porque só o sucesso no ritmo de produção e de reprodução mecânica pode garantir sua segurança enquanto peça da sociedade. É a vitória absoluta do sempre igual e da obnubilação dos sentidos.



Feitas essas reflexões, centralizadas na problemática da percepção, abordar-se-á a seguir a questão dos meios de comunicação de massa enquanto estrutura de poder.

Sob esse aspecto é impressionante o fato de que a indústria cultural difunde a idéia de que a condição de vida desumana pode e deve ser aceita em sua totalidade e tida como ideal. Desta premissa o poder econômico, mandatário mor dos Meios de Comunicação de Massa, tira seu sustento: apresentando ao indivíduo necessidades de satisfação como se fossem necessidades reais e, garantindo-lhe, fraudulentamente, que estas só podem ser saciadas pelo consumo do ilimitado estoque de ofertas, enquanto antecipada a inescrupulosamente cria e organiza tais necessidades, torna o indivíduo escravo delas sempre e apenas como eterno consumidor. Regra fundamental deste mecanismo é não permitir nunca, a satisfação -total ou real- da necessidade (forjada e imposta), por mais que se produza, por mais que se acumule bens, e que a isto se deve até ser grato.

Neste percurso, a persistente influência dos meios de comunicação de massa sobre os homens, deriva não apenas do que lhes é mostrado ou dito, mas também, e talvez com maior poder de ação daquilo que lhes é inculcado, sem ao menos ter sido explicitamente afirmado. Aqui os meios de comunicação de massa são empregados com a finalidade de afirmar o *status quo* e deixam de abordar questões mais essenciais da estrutura social, levando o público a busca impensada da satisfação destas necessidades na compulsividade doentia do consumo.

O resultado destas influências é a caracterização do indivíduo narcotizado, coisificado, apto a ver, ouvir, receber as projeções do mundo, conhecer a existência dos problemas do cotidiano, mas incapacitado de agir sobre elas. Este indivíduo, na descrição de Buselmeier apud Marcondes Filho (1989:39-96), elucida o fato de a sociedade, assim estruturada, requerer um condicionamento comportamental contínuo do homem que nela habita. Neste universo, o viver pleno, sem subterfúgios, sem dominação, torna-se cada



vez mais uma impossibilidade estabelecida: a sociedade de consumo não admite como razão da presença do homem uma forma alheia e não vinculada ao acúmulo de bens, de qualquer natureza. Desta base emerge a função da indústria de entretenimento, ou seja, exatamente a de reforçar os aspectos de produção e de consumo como necessidades vitais.

Desta forma, o divertimento é procurado pelos que precisam escapar da mecanização estressante do trabalho, para estarem, amanhã, novamente em condições de enfrentá-lo. Mas a mecanização exerce tanto poder sobre o homem, que seu período de lazer e sua felicidade são determinados, largamente, pelos produtos de entretenimento, cuja produção está adaptada e orientada a atuar como reforçadores do processo de trabalho.

A sociedade assim projetada e dirigida produz um homem coisificado. Um receptáculo de inércia onde pouca ou nenhuma ação o despertará de sua passividade, onde a fábrica de diversões pode atuar, cada vez mais brutalmente, sobre suas necessidades, produzindo-as, guiando-as e disciplinando-as, retirando do homem, até o seu divertimento. Sob esse aspecto, divertir-se significa estar de acordo. E, isto só é possível se isolado e afastado da totalidade do processo social, se renunciar a qualquer pretensão de perceber o todo. Divertir-se significa que não se deve pensar, que se deve ignorar a dor, mesmo onde a dor se mostra. Nesta concepção de divertimento, reafirma-se a impotência. É de fato, fuga, mas não fuga da realidade perversa, e sim de qualquer resquício de resistência que a realidade possa ter deixado sobreviver.

Um homem, que entrega gradualmente seus sentidos, que permite ser sua individualidade extirpada, que resignado assiste o desfile do mundo na tela, divide-se no fascínio e no tédio, tão atônito não percebe o quanto está doente e dominado pela estrutura de poder advindo dos meios de comunicação de massa.

Nesse mesmo quadro de preocupações acerca do papel dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea, situa-se o



pensamento de Prokop (1986:149-194). Esse autor aborda a questão da fascinação e do tédio que centralizaria o relacionamento do homem com o veículo TV, indubitavelmente, o veículo reconhecido como o que exerce o mais intenso poder sobre o receptor. Dissecando esta relação ambígua, revela o prazer congelado no enfado, uma vez que para permanecer prazer não pode solicitar esforço algum. O espectador não deve trabalhar com a cabeça. O produto foi criado para desestimulá-lo de qualquer reação, independente de sua atenção ou descaso, mesmo porque seu descaso não passa de outra forma de atenção. Em consequência, quanto mais efetivas as ações dos meios de comunicação de massa, mais distante a possibilidade do cotidiano próprio. Em substituição a vida particular, ou íntima, impõe ao indivíduo um simulacro. E a massa, entre embriagada e sóbria, acolhe a falsificação.

Atrofiando sua imaginação e espontaneidade, mecanizando os sentidos, automatizando suas relações com o mundo, aniquila sua dimensão humana. No emergir de suas capacidades entrega-se à máquina, e através dela vive. Baudrillard (1990:59-96) batiza esse homem - divorciado do humano e conjugado a máquina - de telemático. A tela é, agora, seu universo, sua única dimensão, faz tudo por ele, e nada exige - ao acionar o comando adequado ela o satisfaz e o completa -, comunga-se a ele. O mundo dessa tela é asséptico, nas relações desse mundo o homem é, simultaneamente, ele e outro, um só, ele mesmo. Desnecessário o outro impossibilita-se o amor - neste caso, inútil -, institui-se a clausura em si mesmo, perde-se a magia do deslumbramento. Viver é operar as virtualidades da máquina, existir potencialmente nas telas. Viver é embriagar-se com um mundo mágico que não existe.

Encantado, com a própria imagem na tela, o homem alcança seu último estágio de fragmentação, propiciado pela fascinação e tédio dela procedente.

Resta saber, porém, se esta imagem corresponde à verdade da existência humana. Se, existindo este processo, até onde ele é realidade, e



qual a extensão social dessa verdade. Importante e urgente é delimitar estas fronteiras. São tão débeis os homens?

Apesar dos autores até agora citados terem, exaustivamente, chamado a atenção para os sinais visualizáveis nas sociedades industrializadas, mais acentuadamente e em direta proporção ao estágio de desenvolvimento tecnológico, uma indicação óbvia da insistência do homem em prosseguir nesta rota de colisão com o humano, percebe-se também, embora não claramente, a possibilidade de ocorrer um desvio de curso, ainda que tardio. Uma rebelião. Existe ainda alguma esperança - não só porque falamos do homem e portando devemos considerar o cumprimento de uma lei natural, relacionada a sobrevivência e perpetuação - traduzível no fato de resistir na raça humana o dom de revoltar-se - e revoltando-se cair em si -, uma tendência a reverter essa eminente e, às vezes, atraente distorção do viver.

Mesmo parecendo fácil explicar todas as derrotas humanas e a decadência do homem, pela contemporânea superficialidade dos relacionamentos do homem com o mundo, é repugnante admitir que a complexidade da vida, as dificuldades da existência humana, os segredos e embustes que impossibilitam a felicidade continuem a ser ocultados por esta máscara de normalidade.

Debray (1993:31) argumenta:

"Durante milênios, os homens produziram e trocaram bens, sem ter necessidade de recorrer a uma disciplina especial como a economia política. O valor-trabalho existia antes de Ricardo. Mas a noção de trabalho abstrato, portanto, de valor de troca, requeria a multiplicação dos trabalhos concretos e o aprofundamento da divisão técnica e social do trabalho, bases de uma possível generalização. Digamos que a categoria abstrata, médium, supunha o impulso da multiplicação técnica dos meios de comunicação de massa, assim como sua progressão em força. Não podia aparecer em sua simplicidade enquanto seu desenvolvimento efetivo não tivesse atingido uma razoável complexidade. Efeito crítico de toda retrospectiva: descobre-se melhor a função do manuscrito a partir do impresso, do escrito a partir da imagem. A memória analógica (TV, rádio, etc.) assume todo o seu relevo à luz das tecnologias numéricas (CD e leitura laser) que lhe sucedem. Da mesma maneira que o telecomputador de amanhã permitirá

compreender melhor a televisão de hoje, nossos atuais e rústicos meios de comunicação de massa esclarecem a função do médium 'ex post ante', absolutamente como a anatomia do homem esclarece a do macaco, e o grande capitalismo industrial do século XIX a pequena produção do feirante do século XV. É após um longo desenvolvimento histórico que se descobre o que estava sendo desenvolvido desde o princípio. (...) Durante milênios, os homens modificaram seu meio natural, sem ter necessidade de refletir nos efeitos provocados por essas modificações. As noções de 'meio ambiente', 'biótopo', 'equilíbrio', só podiam aparecer depois de ter sido atingido um certo volume de produção industrial, afetando os equilíbrios adquiridos, até então considerados como naturais. Para descobrir que o pedestal natural do desenvolvimento econômico não tem nada de 'natural', em poucas palavras, que existe uma história social da natureza, foi preciso a intervenção de algumas catástrofes, por penúria ou ingurgitação, no mundo físico dos países industrializados."

Talvez, para que o ser humano não se confunda com essa forma alienígena, mais que reverter este processo seja imprescindível traçar e cumprir uma nova trajetória. Goldmann (1972:07-17), acena com uma alternativa quando esclarece o conceito da consciência possível e o seu papel no desencadeamento de mudanças. Onde o novo traçado partiria da ação exercida sobre essa consciência, num momento em que as transformações necessárias, em muito dependem da capacidade de passar mensagens, da habilidade em não ultrapassar o limite desta consciência, do cuidado em não descompatibilizá-la com a própria existência humana.

Cabe então, propor o emprego das *media* como elemento catalizador das mudanças necessárias, agindo no despertar dessa consciência possível. O veículo na qualidade de chave, que inicia o homem nos segredos fundamentais da vida, que dá ao homem a oportunidade de crescer. Esta proposta, leva a pensar o veículo não como simples tecnologia, mas estendendo este pensar para sua concepção social e humanística. Especialmente, quando assumido como premissa básica o desejo de obter as mudanças possíveis de serem fomentadas na consciência do homem, sem com isso desestruturá-lo ou desumanizá-lo.

Acreditamos ser possível empregar os meios de comunicação, especificamente, em sua forma construtiva, canalizando seu

poder de ação para a promoção do desenvolvimento humano e do bem estar coletivo...

... "o progresso de uma nação depende primeiro e acima de tudo do progresso de seu povo. A não ser que ele desenvolva seu espírito e potencialidades humanas não poderá desenvolver-se em maior extensão, materialmente, politicamente, ou culturalmente. O problema básico dos países sub-desenvolvidos não é a pobreza de recursos naturais, mas o subdesenvolvimento de seus recursos humanos. Assim, a sua primeira tarefa deve ser a de construir o seu capital humano". (Cherry, 1978:56)

Pressuposto básico para o desenvolvimento desse capital humano é, entre outras ações, a manutenção da vitalidade do tecido social. Condição, esta, em muito facilitada se preservados os patrimônios culturais que conferem o suporte de uma civilização. A consciência de cidadania, o sentimento nacional. A ética de um povo perpassa pelo reconhecimento, apreensão e conservação de cada detalhe, cada etapa de sua produção. Seja ela popular, técnica científica, artesanal ou produto de avançadas tecnologias. Desnecessário enumerar a multiplicidade de manifestações humanas nessa sociedade pós-industrial que exige, de cada homem, uma produção acelerada e contínua de bens, nunca imaginados em qualquer outro momento da história.

Preservar a memória cultural não significa unicamente uma operação de resgate dos detalhes do passado, perdidos ou extraviados no presente. Refere-se também à manutenção do fio condutor da história de um povo devendo assim, assentar-se em uma concepção coletiva, atemporal, nutrida e transmitida ao longo das gerações. Mais que elemento deflagrador da evolução humana, a memória coloca o homem em seu papel de agente da história. Se retrocedéssemos, por alguns instantes, aos tempos aurorais e não gravássemos nas pedras as cenas daquele cotidiano; se, a esse tempo, tendo descoberto a tecnologia de produzir fogo não a tivéssemos espalhado em nosso clã; se, ainda, em cada situação de dificuldade vivida não tivesse havido a preocupação de transmitir ou registrar a solução, hoje não seríamos homens modernos - talvez uma espécie extinta, ou vagando pelo planeta, disputando a existência e o refúgio com outros homens e animais.

Todo esse caminho milenar do homem traz ao momento presente a necessidade de resgatar seu passado de sujeito da história, construindo uma identidade cultural integradora do indivíduo na sociedade que o contém.

Talvez seja esse o momento propício a se indagar qual a dimensão humana e social de uma emissora de TV no interior?

Hoje muito se alardeia sobre a indispensável democratização do uso dos meios de comunicação de massa. Mas, quem pode garantir uma estrutura de regionalização dos canais de radiodifusão? Quem pode nos assegurar seu correto e legítimo emprego? Quem sabe a verdade sobre a encampação de diversos canais concedidos no início da TV do Brasil, por uma única empresa? Por isso é preciso interessar-se pela História. Passado, presente e futuro, num só complexo. É aqui, no espaço deste trabalho, a sintonia com a TV Bauru - canal 2.



2 BAURU: A PRESENÇA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Ao final do século XIX - 1896, 1º de agosto -, o povoado de Bauru, situado na *Boca do Sertão*, foi elevado à categoria de município. Em janeiro de 1896, estava o povoado ainda atrelado politicamente à Fortaleza. Para romper com tal tutela os quatro vereadores bauruenses eleitos naquele ano - para mandato na Câmara de Fortaleza, que na época comportava seis membros - durante a primeira sessão da Câmara, na qual assumem seus mandatos, votam a transferência da sede para Bauru. Vencem, mesmo porque representam a maioria e decidem pela mudança imediata, mesmo sem autorização de instâncias superiores.

Documentos e relatos da época apontam Azarias Leite como principal articulador político desta e outras mudanças na trajetória bauruense. Suas amizades e afinidades políticas, em 1896, atraíram o apoio de Cerqueira Cezar - membro da Comissão Central do Partido Republicano Paulista - PRP, de Júlio de Mesquita - do Jornal "O Estado de São Paulo" -, e do "Jornal Correio Paulistano" para a causa da mudança de sede do Município.

Este, utilizando suas habilidades políticas, consegue da comitiva de engenheiros, enviados pelo Governo Federal para avaliação das propostas para implantação da N.O.B. - Noroeste do Brasil, um parecer favorável à opção por Bauru como ponto de partida desta ferrovia.

Decorrente da urbanização gerada pela cafeicultura e pelo avanço das ferrovias - Sorocabana, Paulista e posteriormente, Noroeste - ocorre incremento nas necessidades sociais representadas pela inauguração da transmissão e distribuição de energia elétrica, água e esgoto, telefonia e outros meios de comunicação. Neste período, começa a veicular *O Baurú*, tido por alguns historiadores como o primeiro jornal de Bauru, fundado por Domiciano



Silva. Outros pesquisadores citam como precursor da imprensa local o semanário *O progresso de Bahuru*, impresso em Avaré, São Manoel e posteriormente Botucatu, que circulou por aproximadamente quatro meses, deixando de atuar por problemas financeiros. Este fato representou, por um lado, séria lacuna nos serviços de comunicação interiorano, mas, por outro abriu portas ao florescimento de uma imprensa local.

Surgem a partir de 1909 *A Cidade de Bauru* substituído em 1913 pela *A Gazeta de Bauru* (destinado basicamente ao atendimento das idéias do PRP - Partido Republicano Paulista); *O Tempo* (1910); *O Comércio* (1915); *Diário da Noroeste* (1925) de João Maringone, Jorge de Castro e Paulo Amaral - este defendia os interesses do Comércio e da Lavoura -; a *Folha do Povo* (1934) de Paulino Raphael; *O Correio de Bauru*, de Manuel Gomes Ferreira Sandim e o *Correio da Noroeste* (1931) de José Fernandes. A década de 10 foi marcada pelo aumento do número de semanários circulantes e pela repercussão local da disputa presidencial *hermista x civilistas*.

"Pela primeira vez na história da República Velha, uma campanha eleitoral ganha as ruas e empolga a opinião pública. Nos redutos bauruenses, a cisão torna o clima tenso no seio de PRP: Azarias Leite, hermista de primeira hora, decide manter-se fiel a seu candidato, recebendo em troca as farpas, habilidades e ameaças dos civilistas liderados por Gerson França. Em meio a indisfarçada animosidade reinante, atizada pelos jornais O Bauru, O Município e O Tempo - declaradamente civilista - e pelo solitário A Cidade de Bauru - único hermista (...)" (Wenzel, 1988:33).

Mantendo a hegemonia dos partidos Republicanos Paulista e Mineiro, venceu o Mal. Hermes da Fonseca.

Dos inúmeros jornais que circularam em Bauru considera-se *O Diário de Bauru*, fundado por Nicola Avallone Jr., o mais antigo, por estar circulando ininterruptamente desde seu primeiro número lançado em 01 de janeiro de 1946.

De estarem atrelados aos políticos situacionistas ou em oposição aos mesmos dependeu, em grande parte, a sobrevivência física e financeira de muitos jornais, tanto os locais, quanto os de maior circulação. O *fechamento* de inúmeros veículos impressos, como é de conhecimento, correspondeu aos períodos de governos com tendências centralizadores do poder, de caráter eminentemente ditatorial, auto-desobrigados ao respeito pelos direitos às liberdades individuais e em menor escala as de expressão. Como exemplos bauruenses, há historicamente registrados o empastelamento, em 1930, de dois jornais: *Correio de Bauru* e *Diário da Noroeste*.

Mas, no interior não havia apenas o veículo impresso, ouvia-se, e ouve-se mais agora, o rádio. A voz passou a fazer parte do cotidiano bauruense pela iniciativa de João Simonetti, através de um serviço de alto-falantes instalado à rua Marcondes Salgado confluência com a rua Agenor Meira a partir de 1932. Como precursor da comunicação na cidade de Bauru e região, Simonetti transmitiu músicas e propagandas das casas comerciais através de *slides* até 1934. Durante esse período manteve contatos com diretores da Sociedade Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, a fim de receber orientações sobre os procedimentos necessários para obter concessão de um prefixo e instalar uma emissora de rádio na cidade.

De acordo com Caldeira (1984:22)

"Com êxito em seu propósito foi formada a sociedade que ficou assim constituída: João Simonetti, Ernesto Monte, Gustavo Dias Oliva, Carlos Fernandes Paiva, Quintiliano José Setrangulo, Vicente Savastano, José Machado Santana, Professora Nair de Araújo Antunes, Sr. Cussy de Almeida, Fernando Lima Ramos, Professor Henrique Richetti, Carlos Correa Viana, Dr. Carlos Ribeiro, José Ribeiro de Lima, Monteiro Filho, Athos Davi Teixeira, Antonio Costa Neves, José Pinto Ribeiro, José Gouveia, Trajano Gomes Quintanilha, Francisco Antunes, José Vani Sobrinho, Francisco Simonetti, Manoel Sandin, Dr. Alípio dos Santos, Alexandre Tundisi e A. Pacheco em 25 de fevereiro de 1934 e já nessa época a sociedade recebeu o nome de Bauru Rádio Clube.

A primeira transmissão de rádio feita em Bauru foi ao ar no dia 08 de março de 1934, aliás uma das primeiras transmissões



radiofônicas feita no interior do Brasil e a segunda transmissão no interior de São Paulo.(...)

Como acontece ainda em nossos dias, a fixação de um prefixo de rádio depende de um funcionamento em caráter experimental e por esse motivo a Bauru Rádio Clube depois de estar em atividade provisória desde março de 34, recebeu o seu prefixo PRG-8 no dia 26 de abril de 1935, quando então ficou selada a inauguração total de uma emissora de rádio em Bauru.

Até 1936, a PRG-8 (Bauru Rádio Clube), funcionava nas mesmas instalações do serviço de auto falantes na esquina da Rua Marcondes Salgado com Agenor Meira, 3-49 onde residia o Sr. João Simonetti, proprietário da emissora, quando mudou seus estúdios para o Jardim Bela Vista, em frente a praça dos Expedicionários.

A programação da Bauru Rádio Clube, neste início de atividade era executado em dois turnos: matutino e vespertino. O primeiro período de irradiações iniciava-se às nove horas e ia até às treze horas para retornar às quinze horas e encerrar os trabalhos às duas horas.(...) A PRG-8 desde os seus primeiros dias dedicava-se com muito carinho a programações artísticas e foi, ao poucos, formando o seu próprio 'cast', aproveitando ao máximo os valores locais, dele fazendo parte como primeiros cantores: Severo Resta, conhecido por Tamoio, Guiomar Ferrari, a Baiana, e sua irmã Ornelina, Ramires de Lucena, que gostava de interpretar músicas mexicanas, Francisco Ponce, o Paquito, que em Bauru era o rei dos tangos. Leda, a cantora de samba e Alba Resta."

Na década de 40, antes de efetivar-se a segunda concessão de Rádio em Bauru, a comunidade do atual Instituto Lauro de Souza Lima e região contou com uma emissora de Rádio Pirata: a Radio Publicidade Aymorés - RPA, conforme apuramos nos levantamentos e depoimentos para compor uma proposta de recuperação da referida emissora. Como nos conta um dos entrevistados: "naquele tempo se rotulava todas as pessoas que vinham para cá como imbecis, o que era tudo mentira porque tinha cara super inteligente, tanto que esse cara que eu estou dizendo, se ele não fosse inteligente não teria montado essa rádio aqui e, quando teve alta foi trabalhar na Record, no tempo do Paulo Machado de Carvalho, e era uma rádio de nível(...)"

Na seqüência dos depoimentos podemos perceber que apesar de ter sido uma época marcada por muitos dissabores, dissoluções e mágoas, foi um tempo bom. Foi um período que o homem, mesmo

banido, pode mostrar o seu valor. Quando apesar da sociedade o ter excluído com suas leis ele foi capaz de crescer, construir, criar. Recriou seu mundo à partir da imagem do mundo que o rejeitou. E quem sabe até com mais liberdade, com mais respeito ao indivíduo, não porque era um leproso, mas porque era um homem que como outros também tinha seu anseios, desejos, idéias e ideais. Talvez até mais que os homens comuns porque, enquanto doente, foi obrigado a carregar este rótulo de nocividade e na luta do dia-a-dia teve que provar a essa sociedade sadia que a doença não afetava, como diziam, seu raciocínio, sua capacidade inventiva.

Dos sonhos de um grupo destes homens nasceu , na década de 40, a *Rádio Publicidade Aymorés - RPA* - que foi ao ar até 1985. Por esta rádio veiculavam as propagandas dos estabelecimentos internos, noticiava-se a chegada de novos doentes, as partidas de outros, chamava os pacientes para revisão, para o pagamento, para receber os mantimentos, além de cumprir sua programação musical e esportiva.

Como foram obtidos os equipamentos não foi possível resgatar, mas de acordo com os depoimentos, eles teriam sido adquiridos com verbas provenientes de donativos : "*...a Rádio você sabe quem doou? Fomos nós doentes mesmo... a Caixa, que tinha o dinheiro, que funcionava com o dinheiro que as Prefeituras mandavam, que recebia os donativos e que recolhia aqui dentro... e era bem administrada, era bem feito... era para os doentes, para os internos.*"

"*...Era uma rádio clandestina, porque naquela época você ia fazer o que em um hospital?. O cara ficou leproso, ele vinha prá dentro do hospital e acabou, não existia mundo... Então era clandestina, mas você podia colocar, ter uma idéia e realizar... Era clandestina, mas tinha uma antena, e um raio que se você quizesse podia jogar o som para até 18 Km ou restringir para 2 Km. Mas para não virem reclamar que a gente estava impedindo a PRG 8, porque quando eu cheguei só havia a PRG 8, a gente trabalhava com um raio de uns 12 Km... Mas se você telefonasse lá do Horto e dissesse que estava captando a RPA,*

então eu procurava derrubar também, que eu sabia que vinha bucha (...)"

"Fazia uma programação que era para o paciente, havia duas cornetas, um estúdio, havia transmissão, e a gente na época de política entrava em contato com a PRG 8 e fazia uma retransmissão do palco do cassino... então naquê tempo você vinha da cidade fazer propaganda política, e ficava no palco do cassino, a gente colocava microfone, porque tinha coxia esse palco... é!, a gente fazia teatro, a gente era leproso mas era inteligente e eles não achavam que a gente era... e pegava no microfone num transmissor e jogava num amplificador e aí colocava no telefone e fazia direto com a portaria e saía na PRG 8, em Bauru"

Nessa época a Rádio funcionava, fazendo propaganda do bar, do boche, das tinturarias, e outros estabelecimentos daqui e cumpria a programação, que tinha que cumprir(...) Olha só para você ter uma idéia, era assim, faz de conta que seria uma cidade em miniatura. O que você usava lá, a gente usava aqui (...). Cada atividade ou acontecimento que se anunciava na rádio, tinha seu disco prefixo, que informava os internos da entrega da cesta de mantimentos no entreposto, do horário do pagamento e outras.

(...)Esse trabalho da rádio era ótimo, bom eu acho que se você gosta do rock, de ouvir música, seja lá o que for, então a gente tinha uma programação que você não acredita!. Reiniciava a programação às 14:30 e não dava prá você parar, e tinha que parar às 18 horas para fazer a Ave Maria e a seguir entrava a hora do esporte, que a gente sabe fazer esporte... Estava bem organizado, era o mesmo que uma emissora da cidade. Aí terminava o esporte, tocava umas músicas e encerrava porque às 20 horas tinha filme" (Boteon, Luz , Ogusku, 1991: 9-10)



Em 1949, os bauruenses passam a contar com uma estação de Rádio em Frequência Modulada - FM. Caldeira (1984: 25-26) afirma: "esse canal foi obtido através da ligação de amizade existente entre João Simonetti e o ex-Presidente da República: Getúlio Vargas." Dez anos após (1959) esta emissora tem sua concessão suspensa devido as irregularidades nas transmissões, conforme estabelecido pela legislação.

As emissoras PRG-8 e FM contribuíram intercambiando sua programação com emissoras de São Paulo - Tupi e Difusora -, com a formação de grupos musicais; veiculação de notícias de interesse local e regional; possibilitando despontar no cenário a criatividade e ação/arte do bauruense.

Neste panorama, surge em 1955 a possibilidade de instalação de uma segunda emissora - Rádio Auri-Verde de Bauru. Concretiza-se os procedimentos técnicos e administrativos em meados de 1956. No dia 21 de janeiro deste ano estabelecia-se o local - Jardim Araruna - para instalação da torre e dos transmissores, seu auditório funcionaria em um prédio da Rua 13 de maio, porém inicialmente ocupou o Cine Bauru, na quadra sete da Rua 1º de agosto.

Coube ao então diretor do departamento do interior da Rede Piratininga, de São Paulo, Sr. Tobias Ferreira - primeiro Diretor da Rádio Auri-Verde - oficializar a inauguração para 04 de setembro e esclarecer que entraria em funcionamento em caráter experimental no dia 28 de agosto de 1956.

A nova emissora introduziu novidades na sua programação utilizando o *long playing* para veiculação dos musicais. Através de uma programação no sentido comunitário implantou um equipamento portátil denominado *hand talk* para reportagens ao vivo, dinamizou os programas jornalísticos e esportivos.



Neste contexto de disputa de audiência e aumento de atrações o Sr. João Simonetti recebeu do CONTEL - Conselho de Telecomunicações - concessão para operar também a Rádio Emissora Terra Branca, em 11 de fevereiro de 1957.

Foi inaugurada oficialmente em 13 de janeiro de 58 contando com suporte operacional e financeiro de Horário Alves Cunha e Paulino Rafael. Esta emissora para avaliar sua audiência recorreu a uma estratégia de pesquisa, inédita na época, deixando a linha telefônica aberta para que os ouvintes espontaneamente se manifestassem, este espaço denominava-se *rádio enquête*.

Utilizou-se deste mesmo recurso nas prévias eleitorais de 1958. Sua programação com as reestruturações ocorridas nos anos seguintes, a contratação de artistas famosos, e a parceria com o Diário de Bauru em seu noticiário conferem-lhe a liderança na audiência, desbancando as concorrentes.

Nas décadas seguintes outras rádios são instaladas, entre elas *Rádio FM Sem Limites*, *Rádio Jornal de Bauru - AM*, *Rádio Comunicação FM 94*, atualmente contando também com a *Rádio UNESP- FM*. Verifica-se a importância deste veículo pelo seu poder de penetração no cotidiano das pessoas, oferecendo-lhes as mais diversas programações, o que favorece também a oportunidade de escolha já que o espaço urbano é ocupado por pessoas e gostos diferentes.



2.1 FORÇAS POLÍTICAS E FINANCEIRAS

Dentro do círculo dos meios de comunicação de massa - impressos e falados - é fácil constatar que o respeito à cidadania e à garantia das liberdades individuais de expressão e veiculação de idéias não representou o principal marco da História real do Brasil. Situação bastante explícita em dois grandes e importantes períodos: O Estado Novo (1937-45) de Getúlio Vargas e o Regime Militar imposta pelo golpe de 1964. - Em ambos os períodos evidencia-se a supressão da Constituição e encerramento das atividades do Congresso Nacional -. Com distensões gradativas, embora de caráter exageradamente restritos, a partir do mandato do General Ernesto Geisel (1974-79), debilmente continuadas por seu sucessor, General João Figueiredo (1979-85) e, depois, no período José Sarney (1985-89), o Brasil foi encaminhando-se para a sua normalização em termos democráticos.

Embora, atualmente, pareça haver a almejada liberdade de expressão observa-se que os grandes veículos de comunicação mantêm-se amordaçados, uns por conveniência, outros por conviência. É-se obrigado a reconhecer o imenso poder exercido pelas influências das forças políticas e pelas pressões financeiras na sobrevivência das empresas de comunicação.

Se a situação descrita vem estampada nos veículos das Capitais não é lícito fingir que no interior a mesma não se repita; como em determinadas ocasiões, sob conhecidas influências, alcança o almejado destaque ou o imerecido ostracismo. De qualquer forma, diante de forças conhecidas por uns e ocultas para outros, nos centros urbanos, grandes ou pequenos, o respeito a cidadania e as liberdades individuais foi, e ainda é, um luxo ao qual a maioria dos órgãos de imprensa forçadamente renunciavam. Um privilégio só alcançado pelos dispostos a arcarem com seu alto custo: a

ameaça, sempre presente, de empastelamento de jornais e revistas e concessão de canais de rádio e televisão.

Assim, a título de estabelecermos histórica e temporalmente os primórdios da radiodifusão no Brasil, estendendo-a às principais capitais e cidades interioranas identificadas como pioneiras na prática da radiodifusão, onde observam-se quadro semelhante. Tratarei resumidamente da relação estabelecida entre o poder político e os meios de comunicação de massa, no ponto em que tal relação coincide com a ocorrida em Bauru.

Pode-se afirmar que a dissociação entre comunicação de massa e regime político vigente é impraticável no imenso continente sub-equatorial denominado Brasil. Salientando, ainda, ser tal afirmação endossada pela Legislação adotada sobre a matéria e pela política de apadrinhamentos e troca de favores, responsáveis, desde sempre, pela determinação de quem obterá o direito de difusão, por meio de quem e a qual preço. Tal impraticabilidade fica mais evidente se recorrermos ao registrado na História do Brasil em dois períodos praticamente simultâneos: a *República Velha* e a *Era Getúlio Vargas*.

O primeiro vai de 1889 a 1930 e traz como característica a prevalência dos partidos regionais, verdadeiras expressões das oligarquias dos Estados que se resguardavam nas influências locais. Sistema partidário conivente com o poder federal estruturado no poder das oligarquias. República velha e desgastada que assiste, em março de 1922, a fundação do Partido Comunista Brasileiro - PCB, transferindo-o à ilegalidade no junho seguinte, calcando-se nos dispositivos da declaração de Estado de Sítio. Em janeiro de 1927, interrompido o Estado de Sítio, o PCB volta a atuar na legalidade, até o mais próximo agosto, quando é novamente inserido na categoria dos não legalmente existentes.

República velha e desgastada que se rende aos pampas. Getúlio Vargas ascende definitivamente no cenário político nacional em 1930, no decorrer da campanha eleitoral sucessória a Presidência da República. De



certa forma um oportunista, quando aproveita-se da quebra do compromisso Minas/São Paulo, até então em vigor. Se Washington Luiz dá-se ao capricho de apoiar o paulista Júlio Prestes, num momento em que as influências políticas signatárias morais do pacto *café com leite* impunham como politicamente correto a concentração do apoio em torno do candidato mineiro Antonio Carlos de Andrade, e os gaúchos não haviam ainda sido privilegiados. Por que não? Tira bom proveito um tal *Gegê*.

A ruptura do acordo alimenta as divergências já existentes nas oligarquias hegemônicas caracterizadoras da Primeira República. Também funciona como porta de entrada às elites em ascensão, mais notadamente a gaúcha. Esta é a brecha pela qual se infiltra Getúlio, via Aliança Nacional, feito candidato à presidência pelas forças políticas opositoras à indicação oficial de Júlio Prestes engendrada, por aquele que, se mantido o pacto até então vigente, seria o candidato de direito oficialmente indicado e apoiado pelos dois grandes colégios eleitorais, Minas Gerais e São Paulo.

Antonio Carlos de Andrade ferido em suas pretensões, não contando com apoio de São Paulo, desce das Gerais, funda a Aliança Liberal, sigla agora aglutinadora de todas as facções dispostas à oposição. Parece ser um desígnio dos deuses a história eleitoral brasileira não registrar vitórias das oposições. Talvez opor-se não combine com a trajetória política nacional.

Mas, não contavam com uma oposição vinda dos pampas. E, se a apuração conferiu vitória à situação, a oposição não só contesta. Era carnaval. Aproveita-se da festa, articula e desafia. Grita que é fraude. Marcha estampando em bandeiras e manchetes o corpo inerte do vice assassinado. Sabe-se que por outros motivos, alheios aos políticos, mas não faz mal. Tem-se a derrota e o morto. Convince. Ganha a adesão das altas patentes. Se houve fraude ou não já não conta, registra-se na história um *golpe*. Por sinal outro *golpe*. Atitude que já merecia institucionalização, fez carreira e deixou seguidores, até porque não foi o primeiro nem seria o último. Revisitando o nascimento da República de pronto o encontramos: o *golpe*. Aliás, já

vislumbrável na Independência, apesar dos Generais terem tornado-se mais ativos depois dela.

Generais e Almirantes retiram a faixa presidencial de Washington Luiz e entrega-na a Getúlio. Um gesto provisório, como tantos outros que o seguiriam, que vigorará pelas décadas seguintes, apesar do movimento constitucionalista intentado por São Paulo em 1932, até certo ponto, outro registro histórico de que oposição e vitória não combinam, pelo menos sem o socorro certo das Forças Armadas. Outra evidência de que comunicação de massa inexistente sem compactuar com o poder político ou financeiro, ou ambos já que um fatalmente também não sobrevive sem o outro.

Comunicação de massa pressupõe a existência de uma massa, a certeza da vitória estampada na primeira página. Mistura que não dispensa boa dose de ação política e de dinheiro. A ausência de um ingrediente, qualquer um, inviabiliza o produto.

Voltemos ao ponto do qual partimos: não há viabilidade na dissociação meios de comunicação de massa e sistema político adotado.

Incompatibilidade tão bem atestada se assistirmos a dois *video-tapes* sobre 1922, captados por diferentes ângulos e enquadramentos, produzindo, enfim, um quadro tão distante, quanto parecido: A Semana de Arte Moderna, que arrebentou com incontáveis valores estético-sociais-morais e a primeira transmissão por radiodifusão, que se, por um lado, adere à modernidade colocando no ar algo de novo, por outro segue o esquema político, quando empresta sua estréia à comemoração do Centenário de uma Independência que a rigor não aconteceu.

Iluminação e cor conferem outra marca da distância e semelhança. Esta, talvez não possa ser visualizado no ano de 1922, mas nas características particulares de dois Pessoas. Um é Eptácio, presidente, paraibano, indicado pelo Partido Republicano Mineiro, dono da situação e compactuante com a política externa norte-americana - potência mundial emergente da decadência européia provocada pelo primeiro conflito mundial



mal resolvido (1917-19). O outro, é Fernando, poeta de espírito limpo e idéias claras, vive num outro tempo, sem compromissos com linhas políticas, sem dívidas ou créditos com banqueiros internacionais. Segue o Homem e o contempla com seus versos ora calmos, ora irados, deixa a vida fluir respeitando-se e aos seus semelhantes enquanto indivíduos, condição viabilizadora do pleno direito à cidadania e o respeito a ela devido.

Respeito e cidadania que os veículos de comunicação de massa poderiam fomentar. Favorecendo a capacidade transformadora para ações político-econômico sociais mais efetivas.

As mudanças tecnológicas, mais acessíveis às camadas sociais de maior poder aquisitivo, têm influenciado na estruturação de novos modos e valores de vida. O produto dessa moderna tecnologia está presente no cotidiano do homem interferindo em suas concepções e caracterizando o seu fazer na dinâmica, na agilidade. Assim a noção de tempo e de espaço sofrem modificações. Os veículos de comunicação contando com suportes da eletrônica, estão aptos a produzirem novos conteúdos reimplantando o conceito de cidadania no tecido social.

Contrariando os *apocalípticos* o homem passaria de receptor passivo a sujeito de seu tempo e espaço, possibilitando um divisor entre o tempo acelerado das produções com o tempo lento e muitas vezes difícil das decisões.



2.2 FORÇAS HUMANAS E SOCIAIS

Uma sociedade, além de seus traços político-econômicos, firma-se também pela ação de seus homens. Nesse palco dividido entre a atuação de personagens e personalidades, encontramos os vestígios da presença humana modificadora do destino de uma cidade. Regidos pelos mesmos esquemas semelhantes e conflitantes, que envolvem a política instituída e a comunicação, e entre os dois polos o homem político, partidário, social, idealista e assustado. Espantado com um susto que vai da possibilidade de dizer à inviabilidade de fazê-lo; da inspiração e vontade de implantar o *novo* à definitiva incapacidade de ser constante a idéia por ele lançada - mesmo estando tal incapacidade reduzida aos aspectos financeiramente mensuráveis.

Embora, seja possível estabelecer distinção clara entre personalidade e personagem¹ observamos em várias ocasiões da vida pública, indivíduos capazes de empreender um elevado grau de dissociação entre estes dois polos: a personalidade, que registra na História a presença e realizações de um homem, e a personagem, que reina em universo restrito e efêmero, escondendo sob pesada maquiagem o homem que a personifica.

No palco da Bauru, dos finais da década de 1910, encontramos os traços de João Simonetti. Cidadão bauruense desde 1916. Traça sua trajetória impondo sua marca como cidadão empreendedor. Inicia seus negócios em Bauru como carpinteiro, inaugurando uma loja de móveis. Idealista e detentor de amizades politicamente influentes, Bauru acolheu,

¹ O filme *Mephisto*, de István Szabó, é um dos mais belos exemplos, quando por seu talento, e mais que tudo, por amor ao seu ofício, a arte de ser ator, mesmo em situações adversas - abre mão de seus ideais, desfaz-se de sua vida própria e de seus sentimentos. Como única chance deixa que a máscara da personagem que tanto agrada o seu senhor dele se incorpora. Sobrevive. É para nós, hoje, um ninguém. Só conhecemos a personagem.



conheceu e respeitou como uma de suas personalidades a pessoa nele encarnada. Atento ao desenvolvimento e encantado pela ciência, envolve-se na indústria de laticínios montando uma usina de pasteurização de leite. A comunidade, despreparada para tal avanço tecnológico, inviabiliza o empreendimento conduzindo-o ao fracasso. Fracassos e sucessos polarizaram sua vida. Se num lance não alcança seus objetivos, parte logo para outra empreitada.

No final dos anos 20 descobre o cinema. Arrenda o Cine Brasil e passa a exhibir filmes mudos. Não é propriamente novidade, em Bauru já existia, desde 1910, o *Bijoux Théâtre* encarregado até então do entretenimento público. Antecipou-se aos demais quando sua empresa exibiu o primeiro filme sonoro da cidade. Evento anunciado pela imprensa e bem recebido pela população, imprimiu seu envolvimento com a área de comunicação. Segue em ritmo acelerado, tendo por horizonte o futuro; entrega-se, em 1932, à criação de uma empresa de propaganda comercial. Esta baseava-se na instalação de altos-falantes, na fachada da sede da Sociedade Dante Alighiere, espalhando música, enquanto, simultaneamente, propagandas de seus clientes surgiam em uma tela a partir de uma projeção utilizando lâminas de vidro sensibilizadas.

O hiato, de uma década, entre o advento da rádiodifusão no país e a instalação da empresa de propaganda comercial representou para João Simonetti mais uma possibilidade de aventura. Ao saber das primeiras Rádios Sociedades e Rádios Clubes no Brasil contatou os diretores da Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, vislumbrando obter a concessão de um prefixo para Bauru, como emissora regulamentada, como mencionado anteriormente.

Do sonho à sua realização há grande distância e inúmeras dificuldades a serem vencidas. Em janeiro de 1934, reúne-se com 26 amigos, fundando a Bauru Rádio Clube, elaboram seu estatuto baseando-se na legislação vigente.



O momento mostrou-se propício à concretização do sonho radiodifusivo de João Simonetti. Contando com apoio de seus amigos entre os quais incluía-se o Presidente Getúlio Vargas, foi à luta. Desvencilhando-se dos últimos empecilhos obteve a autorização e aparelhagem necessárias à emissora.

A partir de março de 1934 a Bauru Rádio Clube inicia seu funcionamento em caráter experimental, conforme prevê a Legislação Brasileira sobre a matéria. No ano seguinte recebe o prefixo PRG-8.

A amizade política de João Simonetti e Getúlio Vargas renderá outros frutos, como a concessão, em 1949, da primeira Estação de Rádio em Frequência Modulada; e a possibilidade de concessão de uma estação de televisão para Bauru, cogitada no início de 1951.

Entretanto, este não era o único cidadão preocupado com a criação de espaços culturais na cidade. Uma das razões à falta deste, na época em estudo, e ainda hoje, pode ser explicada pela vocação comercial da cidade que a moveu rumo a outros empreendimentos, relegando o campo cultural. Este foi parcialmente preenchido pelos clubes, sociedades culturais e escolas que utilizavam qualquer possível palco para a realização dos eventos, dos quais a cidade era sequiosa.

Muitos foram os que procuraram aplacar tal sede, entre eles destacamos, nos anos 50, o então prefeito Nicola Avallone Jr., que organizava shows com grandes nomes da Música Popular da época como: Emilinha Borba, Angela Maria, Marlene, Dalva de Oliveira e Dolores Duran. Tempo que traz saudades - cantava-se nos palcos, nas praças, nas ruas; sem objetiva, sem transmissão televisiva. Cantava-se.

Representava-se também. Os anos 60 marcaram-se, em Bauru, pelas dores e amores da vida, representadas nos palcos da Sociedade Dante Alighieri - situada na Rua 1º de agosto - ainda que os verdadeiros palcos da cidade fossem seus cinemas: o Cine Bauru, o Cine Teatro São Paulo, o Bandeirantes, o Capri, o Bela Vista, e o São Rafael casas de espetáculo



vinculados à empresa Teatral Pedutti, que cresceu economicamente mais alugando seus palcos e projetando produções americanas que investindo em arte e cultura - até porquê, desde aquele tempo, cultura neste país não é um produto lucrativo.

Interessante lembrar que as salas de exibição dos cinemas também estão guardadas na memória de muitos - eram amplos espaços escuros, acolhedores, requintados. Para vivenciá-los requeria-se todo um cerimonial do vestir-se ao comportar-se. Era o modo elegante de estar em público. Esta idéia e sua concretização eram muitas vezes mais importantes que o ato de assistir ao filme em cartaz. Era como se estivesse em exibição não a película, mas seu público.

Do ritual de preparação para a ida ao cinema, com direito à uma esticadinha ao passeio público e na praça Rui Barbosa. Desta forma de lazer nasceram novas famílias e empreendimentos e Bauru manteve seu curso rumo ao progresso. O mesmo progresso que decretou o fim da Empresa Teatral Pedutti, que vendeu ou arrendou suas casas de espetáculo dando ao mesmo tempo que um tom saudosista à história da cidade, a oportunidade de outros empreendimentos. Hoje os cinemas mencionados não existem, foram substituídos por salas menores e menos glamourosas: Cine Bauru I e II na área central e os Cine Center I e II no Bauru Shopping Center. Dos antigos, resiste ao tempo o Cine Capri, exibindo em suas telas a pornografia - não aquela da vida real, que escondemos de nós mesmos, mas a pornografia que ajuda o homem a alheiar-se de si e de seu meio, esquecendo por instantes as asperesas do cotidiano.

Esta cidade, pelas idéias e influências de alguns de seus membros e com a contribuição anônima de seus demais cidadãos, vivenciou a idade de ouro da Rádio Nacional - com seus programas de auditório, de calouros e com o rádio-teatro. Eventos que mereceram aqui o mesmo lugar de destaque à eles destinados no eixo Rio-São Paulo. Bauru destoou deste conjunto por ter dado espaço à produções culturais de vários níveis e de



diferentes envergaduras sem contudo ter sido capaz de firmar-se como centro de produção, aglutinação e exportação de cultura.

HISTÓRIA DA TV NO BRASIL

3.1 IDEIAS E PRÁTICAS QUE SE REPETEM

Quatro décadas após o advento da Televisão no Brasil, sua travessia histórica revela, ainda hoje, certas dificuldades de ordem técnica, uma das aspectos mais de um país pobre e a precária da rede e local da principal atividade. Foi em 1939, a primeira transmissão de televisão experimental, em 1939, a demonstração do funcionamento de equipamentos de televisão em uma sala, onde se apresentava uma câmera e um receptor montados em uma mesa, no interior do rádio.

Outros documentos e registros da época também apontam a data de 1939 de 12 de setembro de 1939 a data oficial da primeira transmissão de televisão, que ocorreu com a inauguração da TV-Tupi de São Paulo. Dado alternativo como a proposta por Alvaro N. T. de Almeida, referindo-se a uma transmissão de programas de televisão pelo Rádio Industrial de Juiz de Fora - MG, em 29 de setembro de 1943 ou as registradas em São Paulo em 09 de abril de 1950, conhecida como primeira transmissão de 1.º de setembro de 1950, quando foi transmitido um filme de Getúlio Vargas sobre seu governo ao cenário político nacional e algumas transmissões experimentais empreendidas pela TV-Tupi do Rio de Janeiro (Mello e Souza, 1984:33).

Assim, interações, desequilíbrios de conteúdo e um olhar colado em uma perspectiva de disputa pela preferência temporal, algumas observações pela primeira transmissão, onde paulistas, mineiros e cariocas se apresentavam para disputar o espaço da televisão.

3 TONS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E ASPECTOS DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA TV NO BRASIL

3.1 IDÉIAS E PRÁTICAS QUE SE REPETEM

Quatro décadas após o advento da Televisão no Brasil sua trajetória histórica revela, ainda hoje, certas dificuldades de sintonia. Dentre estas, um dos aspectos mais discutidos refere-se a precisão da data e local da primeira emissão. Em entrevista à Liba Frydman, Dermival Costalima declara ter presenciado, em 1939, a demonstração do funcionamento de equipamentos alemães numa feira, onde empregando uma câmera e um receptor mostravam os acontecimentos no interior do recinto.

Outros depoimentos e registros da época também contrariam a determinação de ser o 18 de setembro de 1950 a data oficial da primeira transmissão televisiva, assinalada com a inauguração da TV-Tupi de São Paulo. Datas alternativas como a proposta por Alceu N. Fonseca referindo-se a uma transmissão de programas televisivos pela Rádio Industrial de Juiz de Fora - MG, em 29 de setembro de 1948 ou as registradas em São Paulo em 03 de abril de 1950, conhecida como primeira pré-estréia de 10 de setembro de 1950, quando foi transmitido um filme de Getúlio Vargas sobre seu retorno ao cenário político nacional e algumas transmissões experimentais empreendidas pela TV-Tupi do Rio de Janeiro. (Mello e Souza, 1984:33)

Assim, interferências, desajustes de contraste e brilho colocam em tela, paralelamente à disputa pela preferência temporal, algumas controvérsias pela primazia territorial, onde paulistas, mineiros e cariocas se auto-proclamam, para despeito dos demais, os verdadeiros pioneiros.



Apesar de tantas informações desencontradas, consta no *script* oficial, que o carro-chefe da vida televisiva no Brasil foi a PRF-3, TV Difusora - Canal 3 de São Paulo colocada no ar em 18 de setembro de 1950. Emissora vinculada aos Diários Associados, na pessoa de seu fundador e principal dirigente - Assis Chateaubriand, que:

"entrou nos anos 50 dividido entre a campanha presidencial, a consolidação do Museu de Arte de São Paulo e a realização do velho sonho de implantar no Brasil a quarta estação de televisão do mundo (e a primeira da América Latina). Quando circulou a notícia de que o Brasil ia entrar na era da TV, o projeto, na realidade, já estava muito avançado" (Morais, 1994:496).

Esta passaria a ser reconhecida na história da comunicação de massa como TV-Tupi, uma lenda e uma escola nos bastidores da televisão brasileira.

Pioneirismo e amadorismo aliados ao espírito do brasileiro, traduzido como *o jeitinho* - aqui utilizado em seu melhor sentido - são marcas constantes da grande maioria das novidades tecnológicas implantadas no país. E não nos faltou na primavera de 50, como atestado pelas palavras de Candido Almeida (1988:17) que ao descrever a estréia afirmou: "No geral venceu o conjunto e a PRF-3, TV Tupi de São Paulo, entrava no ar em grande estilo, servindo um coquetel de ousadia, improviso e inconseqüência: para o dia seguinte à estréia não havia nada programado".

Da improvisação inaugural seguiu ousando e audaciosamente manteve suas transmissões. Seguindo seu prefixo proliferaram novas emissoras, a grande maioria concentrava-se em São Paulo, capital do Estado mais rico e industrializado e Rio de Janeiro, capital da República. A proximidade das emissoras emergentes aos dois principais polos de concentração dos poderes políticos e financeiros, obriga-nos a reconhecer e a percorrer aspectos do panorama histórico-social-político do país, especialmente, a partir de meados da década de 40.

Façamos pois o percurso, a fim de mais além, no horizonte desta investigação, traçar-se uma sintonia que tem prevalecido em nossa



sociedade - a do poder com os meios de comunicação de massa, conforme anteriormente discorrido.

Em outubro de 1945, uma decisão tomada nos quartéis, encabeçada pelos Oficiais-Generais Góes Monteiro, Eduardo Gomes, Cordeiro Faria e Eurico Gaspar Dutra depõe Getúlio Vargas, governo que já vinha sendo combatido por políticos e profissionais liberais.

Nas eleições convocadas para 2 de dezembro de 1945, por Ato Adicional do próprio Getúlio Vargas, de 28 de fevereiro de 1945, Eurico Dutra, candidato do PSD - Partido Social Democrático, que aglutinava alguns setores getulistas com velhas oligarquias estaduais derrota o candidato da UDN - União Democrática Nacional - Brigadeiro Eduardo Gomes.

Dutra marca politicamente seu governo atendendo a uma restauração da *democracia representativa* apoiado pelos setores agrários e conservadores. Une as forças políticas de centro contra o *perigo comunista*, rompendo relações diplomáticas com a URSS e fechando o PCB - Partido Comunista Brasileiro - por decreto em 1947. Economicamente abandonou a política de dirigismo vigente no Estado Novo, adotando uma postura de descompromisso do poder público frente aos modelos de desenvolvimento econômico adotados. Uma das consequências desta não interferência na economia veio sob a forma de queda das reservas - pela exacerbação das especulações financeiras e descontrole sobre as importações. O desequilíbrio na balança comercial não significou benefícios ao país, pois não houve a importação necessária de máquinas e equipamentos, nem aquisição da tecnologia vinculada à sua produção.

A década de 50 inaugurou-se com o retorno de Vargas ao Catete, após vitoriosa campanha eleitoral. Procurando retomar suas estratégias político-econômicas anteriores ao golpe, nacionalista e intervencionista. Enfrentou tensões sociais e políticas, sendo pressionado pelo operariado reivindicante de melhorias salariais e sofrendo oposição dos setores liberais e dos representantes dos interesses do capital estrangeiro ingresso no país



durante o governo Dutra. A avalanche de crises em quase todas as esferas conflitantes, levam-no ao suicídio em agosto de 1954.

Tragado pelo vácuo criado com a morte de Getúlio, o Brasil entra nos corredores progressivamente mais estreitos e escuros, da chamada fase da política sem Vargas. Com boa quantidade de válvulas queimadas, nos meses seguintes - início efetivo do *pós getulismo* - até a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart em 31 de janeiro de 1956, o país assiste ao desfile de três chefes do Executivo: o Vice João Café Filho, que se afasta alegando problemas de saúde logo após a posse; Carlos Luz, Presidente da Câmara, declarado impedido pelo Congresso em novembro de 1955 e Nereu Ramos, que conduziu o governo até a posse do novo presidente eleito Juscelino Kubitschek.

A posse, ameaçada pelos opositores do *getulismo* e viabilizada pela proteção do Exército, inaugura uma nova fase desenvolvimentista integrada nas correntes do capitalismo ocidental, particularmente o americano. Calcou-se no crescimento industrial, na diversificação das importações e na entrada de grande volume de capital estrangeiro no país. É, também, reconhecido pela alta dos índices inflacionários, pelo deslocamento de boa parte dos trabalhadores rurais para as indústrias - provocando súbito inchaço dos centros urbanos, com consideráveis alterações na estrutura social urbana.

Assistiu-se ainda à realização do genial projeto de uma capital no coração do Brasil. Edificação de um dos mais belos conjuntos arquitetônicos advindos da contemporaneidade: Brasília, capital federal da nova era. Moldura de concreto sob medida para o país que hoje se vê na tela, ostentando no planalto central seus castelos sem rei; em seu pré-anunciado crescimento, os valetes que o governam; refletindo em seus espelhos d'água, as idéias e práticas que se repetem; em sua ostensiva pompa, a miséria nacional. Retrato fiel ao gigante acorrentado em berço estreito.



Reflexo e sombra do sonho de um povo encarcerado no cimento, do futuro escoado no tráfego rápido de suas avenidas. Encenação da autodeterminação nacional vendida e entregue há mais de um século e meio às margens do Ipiranga. Ilusão de ótica perfeita perpetuada em video-tape: o subdesenvolvimento.

Política econômica determinadora da internacionalização, por ser introdutora das multinacionais no cenário empresarial, fator posteriormente traduzido nas modificações das relações entre as classes sociais e entre estas e o Estado.

Externamente, buscou redefinir as relações sul-americanas pela operação Pan-americana, englobando nessa política o relacionamento das Américas do Sul e do Norte. Uma tentativa de unir esforços no combate ao subdesenvolvimento sediado nas porções central e sul do Continente Americano.

Embora seja estatisticamente comprovada uma aceleração no desenvolvimento do país, mais acentuada no sudeste, a inflação no período JK parece tê-la acompanhado de perto ou até tomado-lhe a dianteira. O vertiginoso aumento do custo de vida e o acirrado confronto das forças políticas anunciavam as crises do próximo governo.

Usando a artimanha da promessa de combate à corrupção, controle da inflação e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores brasileiros, em discursos inflamados e utilizando-se ostensivamente dos meios de comunicação de massa, Jânio Quadros é eleito, pela UDN, em janeiro de 1961. Campanha de *marketing* tão bem elaborada e conduzida que mereceu reedição no primeiro processo eleitoral a presidência da República, a 15 de novembro de 1989, data em que infelizmente o país empalideceu, por voto direto, após 28 anos (1961-89) de distanciamento entre o público e o poder.

Jânio Quadros foi incapaz de cumprir com sua palavra. Seu programa de estabilização econômica, baseado na restrição do crédito e congelamento de salários e subsídios, provocou uma onda oposicionista por



parte dos trabalhadores e empresários. Sua tentativa de praticar uma política externa independente da já imprescindível tutela *ianque* contribuiu para exacerbar a desconfiança dos setores políticos mais conservadores. Sem nenhum apoio político-partidário estabelece uma convivência com o Congresso em níveis insustentáveis.

Pressionado pela elevação das cifras inflacionárias, do custo de vida, dos descontentes, das oposições políticas e das atitudes de evidente desatino envia ao Congresso Nacional sua solicitação de renúncia, em 25 de agosto de 1961. Ao contrário das tentativas anteriores de obter apoio do Legislativo para seu governo, para sua própria surpresa, nesta ocasião a decisão presidencial foi prontamente aceita.

Considerando seu sucessor o próximo presidente eleito por voto direto, podemos correlacionar as medidas de estabilização econômica como seqüência ao projeto original - mesmo não tendo a forte oposição política que Jânio enfrentou, sua idéia de implantar a modernidade atrelava-se a procedimentos pouco ortodóxicos, ou ao menos, não publicamente revelados e aceitos anteriormente, que conduziram a população e a *media* a exigirem do Congresso Nacional seu impedimento.

Se, por um lado a renúncia de Jânio tranquilizou boa parte de seus opositores, por outro causou desconforto na sociedade. De qualquer modo não houve como evitar-se o impasse da sucessão: João Goulart, vice-presidente e legalmente o primeiro nome na linha sucessória encontrou forte resistência, principalmente, por parte da UDN e das patentes militares.

O *jeitinho*, em seu não tão bom sentido, articulado nos batidores do poder, veio formatado no Ato Adicional enxertado na Constituição de 1946 - transformando o regime de República Presidencialista em República Parlamentarista, e conseqüentemente restringindo a ação do presidente - permitiu acalmar tanto opositores quanto os defensores da legalidade. Jango assumiu em setembro de 1961.



Nem o retorno do presidencialismo pelo plebiscito de 1963, nem as inúmeras tentativas de obter apoio político de seus antagonistas conferiram sucesso ao seu governo. O fracasso no combate à inflação, a reivindicação de reabertura dos créditos e de aumentos reais de salário, empurraram-no ao empreendimento de uma política internamente marcada pelas reformas de base e externamente independente. A mudança de rumo só obteve boa dose de incremento da oposição e seus simpatizantes. O cargo de Presidente da República passou a exercer o papel de um troféu cobiçado pela oposição organizada, desde 1962, na Frente Patriótica Civil e Militar. Nesta encontravam-se oficiais das Forças Armadas, jornalistas e políticos ligados aos partidos declaradamente anti-janguistas.

Isolado por um Congresso marcadamente oposicionista, sistematicamente atacado pela imprensa, reduzido ao discurso ideológico das reformas, especialmente a agrária, Goulart colocava-se numa posição insustentável, onde não podia contar com o apoio efetivo das massas operárias e dos estudantes, defensores da legalidade mas descontentes com a política econômica em curso. Encarcerado pelo aumento das pressões tenta virar o jogo. Fracassa, em definitivo, quando anuncia publicamente suas intenções de conferir maiores poderes ao Executivo pela revisão da Constituição, em 13 de março de 1964. Pronunciamento detonador da reação oposicionista ao movimento comandado por Generais. - Mobilização que contou com franco apoio das forças militares e governadores de vários Estados, bem como de políticos e populares contrários a um governo esquerdista. Este movimento culmina no Golpe Militar, de 31 de março de 1964, e no exílio de Jango, em 1 de abril de 1964, data folclórica da mentira e da política nacional.

Uma semana após assegurada a *normalidade* - ameaçada pelo Presidente expulso -, o Alto Comando da Revolução composto pelo General Costa e Silva, pelo Almirante Augusto Rademacker e pelo Brigadeiro Correia de Melo, decretam o AI n 1 - Ato Institucional n 1. Introdução ao filme nacional de maior audiência e, contraditoriamente, o mais odiado. De AI



a AI, merecedor do repúdio amplo, geral e irrestrito, o qual confere ao Congresso a responsabilidade e privilégio de confirmar o nome do novo presidente. Em 15 de abril, cumprindo determinação da *vitoriosa revolução*, o Congresso ratifica o General Humberto de Alencar Castelo Branco, chefe do Estado-Maior do Exército, como Presidente da República. Os objetivos e diretrizes do longo período de permanência dos Generais na presidência foram estruturados teoricamente pela Escola Superior de Guerra - o mais destacado centro de produção do pensamento político oficial. Segue-se a promulgação da Constituição de 1967, a Emenda Constitucional de 1969 e os demais Atos Institucionais.

A política econômica instituída, em 1964, reformulou as relações de produção, deu condições e incentivos ao funcionamento e expansão da indústria e comércio nacionais e estrangeiros. O Estado passou a atuar como supervisor das relações econômicas, incentivando o ingresso de capitais e tecnologias estrangeiros. Paralelamente, utilizando-se de estratégias de guerra e de guerrilha administrou a vida civil do país mantendo-a sob forma latente por mais de duas décadas.

Para isso obrigou-se de imediato, a ampliar os serviços de comunicação no Brasil, exemplificável pela promulgação da Lei 4117/62 que discorre sobre a criação e competência do Código Brasileiro de Comunicações, o qual embora aprovado pelo Congresso Nacional tem indiscutível inspiração no modo militar de governar. Este código ativa, em 1965, a EMBRATEL - Empresa Brasileira de Telecomunicações e o Instituto Nacional do Cinema, em 1966; pela instituição do Fundo Nacional de Telecomunicações, o Conselho Nacional de Telecomunicações, em 1967 e pela criação do Ministério das Comunicações, um ministério com recursos, moderno e contando, quase sempre, na sua direção com militares. Em 1968, forma-se a rede nacional de micro-ondas e o sistema de transmissão via satélite. Apesar de todo esse sistema de comunicação a repressão e a censura das manifestações culturais e de comunicação não podem ser justificadas. E,

mesmo sabendo que em todo o arsenal tecnológico implantado estava inegavelmente embutido um interesse claro de controle da sociedade civil, não se pode negar, porém, um aspecto positivo, um dos poucos do regime: a implementação de uma política nacional de comunicação. A EMBRATEL foi programada para o cumprimento das seguintes finalidades básicas:²

- dotar o País de infra-estrutura no campo das telecomunicações;
- possibilitar serviços de telecomunicações de alta qualidade e confiabilidade em termos de telefonia, telex, fac-símile, transmissão de dados, transmissão de alta fidelidade e de televisão;
- introduzir sistema de discagem direta à distância nos circuitos interestaduais;
- implantar sistema internacional de alta confiabilidade mediante participação do País no Sistema Internacional de Comunicação por Satélites e no Sistema Mundial de Cabos Submarinos.

Assim, neste período registra-se uma determinação ideológica - Integração Nacional - que colaborou para a expansão das telecomunicações e da comunicação de massa.

²Extraído de FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. História da Comunicação. Petrópolis: Vozes, 1982. p.107.



3.2 QUESTÃO DE SINTONIA

Se é verdade que a partir de 1950 o Brasil passou a ver o mundo sob outros planos, ângulos, truques de maquiagem e iluminação, também é verdade que o brasileiro viu desfilar, em sua sala de jantar, a necessidade governamental de legitimar-se face ao povo. A sagrada doutrina da Segurança Nacional foi ao ar diariamente, pontual e eficiente, via Intelsat ou Embratel e em cadeia nacional manteve a *massa* ouvindo. Silenciada.

Mas antes do *poder* tornar-se excessivo e castrador houve tempo para que os auto-didatas televisivos aprendessem, de improviso, a disfarçar. Malabaristas em 1950; doutores em 60. A *TV Amadora Brasileira* assiste o VT de sua fase pioneira em meados de 60.

No interior de seus estúdios repassam a história da Televisão Brasileira, divertem-se com as lembranças dos tempos de inauguração, episódios marcantes que hoje revelam a inexperiência e audácia das primeiras tentativas. Graças ao milagre do *video-tape*, considerado a solução ideal para as improvisações irremediáveis das transmissões ao vivo, o enquadramento correto da TV no caminho da conquista do aperfeiçoamento audio-visual.

O instante eternizado no filme, entre outros acontecimentos recordam a rixa São Paulo versus Rio de Janeiro, onde São Paulo adiantou-se enquanto os cariocas brigavam com seus morros - o clero não os queria no Corcovado concorrendo com Cristo e a Aeronáutica não liberava o Pão de Açúcar, por acreditar que as instalações da Televisão atrapalharia o tráfego - pousos e decolagens - do Aeroporto Santos Dumont. Após muitas negociações terminaram permitindo a instalação do transmissor, em caráter experimental e provisório. Assim em 20 de janeiro de 1951, após terem transportado toda a parafernália de equipamentos, via bondinho, para o alto do Pão de Açúcar, vai



ao ar a TV Tupi - canal 6, da cadeia dos Associados. Riem mais ao lembrarem que após tantas lutas para a instalação, o Pão de Açúcar não era o local ideal para as transmissões, apesar disto, ficaram no alto desse morro até 1957, quando mudaram-se para o Morro do Sumaré.

O canal 5, concedido ao grupo do deputado Ortiz Monteiro, inaugura-se em 14 de março de 1952 com o nome de TV Paulista. Instalada precariamente na Rua da Consolação, em edifício originalmente residencial, sua programação consistia de novelas, noticiários, esportes, musicais, infantis e humorísticos. A Organização Victor Costa, detentora da concessão da Rádio Excelsior adquire a Rádio Nacional e a TV Paulista. Sob nova direção passa a desenvolver programações em intercâmbio com as emissoras de Televisão Tupi de São Paulo e Rio de Janeiro, e posteriormente com a TV Bauru - canal 2.

Paulo Machado de Carvalho, em 27 de setembro de 1953, inaugura a TV Record - Canal 7 com um grande show, reunindo os artistas mais famosos da época: Dorival Caymmi, Elizeth Cardoso, Inezita Barroso, Isaurinha Garcia e outros. Primeira emissora instalada em prédio construído especificamente para atender as necessidades deste empreendimento. Música e humor foram os pontos predominantes em sua programação, e alcança seu ponto alto justamente com os Festivais de Música Popular Brasileira, reveladores de muitos dos grandes nomes atuais da MPB.

Líder de audiência por vários anos e parte importante da REI - Rede de Emissoras Independentes - quase tão poderosa quanto as Emissoras Associadas, entra em derrocada no final da década de 60, após incalculáveis prejuízos provocados por uma sucessão de incêndios.

A TV Rio - canal 13, instalada no Cassino Atlântico inaugura-se em 1955. Enfrenta, ao lado da TV Continental, uma série de dificuldades para contratação de artistas num mercado dominado pelo grupo Emissoras Associadas e Rádio Nacional. Independentemente de seus estúdios adaptados e equipamentos técnicos não muito eficientes, produziu programas



de sucesso e lançou no mercado uma nova geração de profissionais. Ligada a TV Record de São Paulo, por laços familiares, a TV Rio sofreu os reflexos da quebra da Record. Ao mesmo tempo assiste ao esvaziamento de seu *cast* promovido pela entrada em cena da TV Excelsior de São Paulo. Sem condições de competir, embora tenha resistido por mais algum tempo, entrou em franca decadência. Saiu do ar no início do anos 70.

O interior do Estado de São Paulo é atingido por sons, imagens e fantasmas em 1957, ainda sob liderança da Tupi.

Brasil 60, foi o tema da festa de inauguração da TV Excelsior, fundada no início de 1959 por empresários de Santos e, em seguida, vendida aos Simonsen. Suas principais características foram a visão empresarial de seus proprietários, que não tinham nenhuma empresa na área de comunicação e por isso a primeira a fazer propaganda de si mesma. Mesmo com muitos investimentos não lograram desbancar a Tupi do topo da audiência.

Entre outras novidades a Excelsior introduziu a telenovela como é conhecida hoje, modificou o telejornalismo dando-lhe um formato mais dinâmico e adaptado ao meio e, também, lançou seus astros e estrelas na constelação televisiva. Deve seu silenciar, em 1969, à Revolução de 1964, quando o novo regime coloca os Simonsen em posição difícil. A sucessão de revezes inicia-se com o fechamento da Panair e conclui-se com a cassação da concessão do canal 9.

As Emissoras Associadas, em setembro de 1960, lançam a TV Cultura. Se hoje este é reconhecido como um dos principais canais da TV Educativa no Brasil, a princípio era de caráter tão comercial quanto os outros. Em 1969 é vendida para a Fundação Padre Anchieta, do Governo do Estado de São Paulo e destinada a finalidades educativas e culturais.

Cuidadosamente planejada a partir de 1962, em 1967, sem improvisos, inaugura-se a TV Bandeirantes - canal 13, de João Jorge Saad, principal acionista e diretor. Lançam um telejornal mais interpretativo do que



os modelos até então utilizados. Em seus primeiros dois anos, enfrenta a concorrência por audiência com a pioneira Tupi - agora unida a Excelsior -, e com a Record e a Paulista, já Globo. O incêndio em suas instalações, em 1960, forçam uma transferência em condições inadequadas para o Teatro Brigadeiro. Não conseguindo superar a crise com a produção de novelas, passa a fundamentar sua programação em filmes e programas dirigidos ao público feminino. Mesmo assim, manteve seu telejornalismo e lutou por espaço com empresas mais ricas.

Ao final dos anos 70 adquire os direitos sobre um canal no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Inaugura um novo estúdio para gravação de novelas, contrata um gabaritado elenco e um novo diretor para o departamento. Tantos investimentos não conferiram à Bandeirantes o lugar pleiteado no índice de audiência, mas deu a João Jorge Saad um conceito de televisão, em suas palavras: "a TV é esporte muito violento", ao que pode ser acrescentado os adjetivos: dispendioso, se relativos ao capital; e perigoso, se avaliadas suas condições de sobrevivência num mercado largamente atrelado a outra importante força, ou seja, o poder político.

Se não alcançou êxito, ao menos tem a seu favor o fato de ser a primeira a transmitir em cores. Embora, já em 1950 Chateaubriand ao assinar contrato referente a compra de equipamentos para a instalação da TV Tupi com a RCA Victor, foi convidado por David Sarnoff, um dos diretores da empresa, para visitar a fábrica da RCA em Burbank, na Califórnia:

"onde 'uma surpresa especial' aguardava o brasileiro. Depois de atravessarem os Estados Unidos de costa a costa, foram todos para o hotel e na manhã seguinte tomaram um carro com destino à fábrica. Lá o jornalista foi conduzido a um pequeno auditório acarpetado onde só havia meia dúzia de poltronas e um grande monitor de televisão. A um sinal de Sarnoff as luzes se apagaram e o monitor passou a transmitir imagens de uma banda de jazz - em cores! Chateaubriand não podia acreditar no que via: - O que é isso, senhor Sarnoff? Que bruxaria é essa?"

O americano explicou-lhe que não havia mágica nenhuma, aquela era uma experiência que vinha sendo desenvolvida fazia algum tempo pela empresa: a transmissão de TV em cores. Para



espanto de todos os que se encontravam no diminuto auditório, Chateaubriand abriu a pasta que carregava, tirou de dentro dela as cópias dos contratos que assinara na véspera e picou-os, maço por maço, em pedacinhos, enquanto gritava em seu inglês com sotaque paraibano: -Não pense que só porque eu venho de um país atrasado o senhor vai me vender equipamento obsoleto, senhor Sarnoff! Só aceito fazer negócio com a Victor se levar transmissores de televisão em cores para o Brasil.

A surpreendente reação do jornalista brasileiro à exibição experimental custou a David Sarnoff o trabalho de ter de mandar rebater todos os contratos e de explicar a Chateaubriand que mesmo nos Estados Unidos as pesquisas ainda iriam levar alguns anos até que a televisão em cores fosse acessível ao público."(Morais,1994:496-497)

A derrocada do império dos Diários e Emissoras Associadas coincide com a ascensão da empresa do Sr. Roberto Marinho.

Em 1965 entra em campo a *TV Globo*, sem demonstrar a revolução que protagonizaria não causou aflições em suas concorrentes. Seu proprietário, herdeiro de um jornal recém-fundado *O Globo*, de algumas emissoras de rádio e da Rio Gráfica Editora ao envolver-se com a televisão já contava com larga experiência em empresas de comunicações.

A competição até então tranqüila muda de rosto a partir de março de 1966, quando a empresa associa-se ao Grupo *Time-Life* - e passa a receber além de tecnologia e equipamentos uma injeção de dólares (nunca especificada em números) -, e com a entrega total da direção a um profissional de *marketing*, Walter Clark, filho de Milton Bueno que seria diretor do canal 2/Bauru por dez anos a contar de 1968.

A introdução de pessoas ligadas a funções empresariais e de mercado corresponde a uma mudança de filosofia. O pensamento agora indicava a realização de uma programação não importando o custo, mas sim que o importante não era fazer arte e sim um bom negócio - envolvia, é certo, a elaboração de um bom produto, capaz de alcançar o sucesso de vendas: na TV, traduzido pela audiência.

De acordo com Furtado (1988:57-69) a Globo importou novas estratégias de comercialização de primordial importância para o seu avanço e sucesso. Deixou de lado a comercialização ao estilo do rádio e passou a utilizar técnicas bem mais avançadas, criando patrocínios, vinhetas de passagem, *breaks* e outras inovações que continuam sendo utilizadas até hoje.

Nesse ponto a organização passa a compreender a necessidade de formar uma rede nacional. Inicia, então, o processo de associação com emissoras nos locais onde não havia canais próprios e a implantação do sistema de repetidoras destinado a alcançar o interior, horizontalizando a distribuição do produto.

O incêndio em suas instalações em São Paulo - adquiridos da TV Paulista -, seguido do sinistro na Bandeirantes, com quem tinham acertado a utilização dos estúdios e equipamentos para continuidade da programação, inviabiliza temporariamente o projeto de formação de rede.

Se para muitas emissoras os incêndios, ou sucessão de infortúnios significou a declaração de falência, para a Globo parece ter significado mais um bem que uma tragédia. Obrigada a centralizar sua produção no Rio de Janeiro capacitou-se à lançar, em pouco tempo, um produto de ampla aceitação nacional. Alguns anos mais tarde esse núcleo de produção seria um dos maiores do mundo, e receberia o codinome de *Hollywood do Jardim Botânico*.

A cooperação com o Grupo *Time-Life* deixou sem dúvidas registros da eficiência técnica norte americana. Jogando pesado pela disputa de audiência inauguraram o *padrão globo de qualidade*.

Ocorrida a conhecida ascensão do Império das Organizações Globo, a emissora de TV passa a ser conhecida como a líder de audiência, oferecendo ao seu público boa dose de enlatados norte-americanos. Opção econômica e funcional, produções de mérito cultural duvidoso, mas

com razões econômicas inquestionáveis. Surgem e firmam-se no horário nobre da preferência nacional com seu elenco de tele-lágrimas e notícias.

Pouco tempo e muito dinheiro depois a Rede Globo de Televisão tornou-se sinônimo de televisão no Brasil. Mais à frente, os destinos nacionais, desde há muito assunto de bastidores, passam a ser regidos pelas ondas emanadas do Jardim Botânico - produziu-se e foi ao ar a *Era da Vênus Platinada*.



4 PRIVILEGIANDO O INTERIOR

4.1 TV Bauru - Canal 2: Primeira Emissora do Interior de Estado da América Latina

"O país estava irreconhecivelmente inteligente", esta expressão de Roberto Schwarz, define e situa o Brasil nas décadas de 50 e 60, como o tempo das reformas estruturais, da efervescência política e da organização de um amplo movimento cultural pautado por propósitos concientizadores. Época, também, do despontar da TV como novo veículo de comunicação e de nomes que a firmariam definitivamente no cenário nacional.

João Simonetti talvez seja a maior expressão do interior paulista em termos de empreendimento. Se não a maior, com certeza uma das mais notáveis. Seu interesse pelos novos rumos da comunicação, já conhecidos desde meados dos anos 30 sob o prefixo PRG-8, intensifica-se durante uma de suas visitas a São Paulo, onde a novidade tecnológica vinha provocando um pipocar de emissoras.

O interesse assumiu os contornos da necessidade eufórica e urgente: fazer TV em Bauru é agora sua principal razão para lutar. Entre armas, munições e estratégias necessárias para sua concretização não poderá dispensar o suporte dos amigos. Precisa da concessão de um canal; para obtê-lo desembarca na então Capital da República. Segue para o Catete, domicílio de seu poderoso amigo, pessoal e político. Getúlio endossa o processo encaminhando-o para atendimento.

Apadrinhamento político e morosidade nas tramitações foram, e são, elementos tradicionais na esfera dos grandes empreendimentos neste país. No caso particular da TV - Bauru um dos elementos responsáveis



pela aceleração de seu desfecho, dada as condições da época, parece ter provocado efeito adverso. De fato, um processo naturalmente lento evoluiu com lerdeza incomum. E na atmosfera de surpresa e pânico criada pelo suicídio de Vargas, emperrou de vez.

Do princípio à realidade a distância continuará sendo grande. O povo bauruense deveria esperar um pouco mais; o processo arrastava-se junto ao Governo Federal; pacientemente João Simonetti - homem de caráter pessoal definido, atraído pelo futuro, mas nem por isso alheio à sua época, ciente do valor e risco do aval do Presidente - inteirava-se do desenrolar do processo, encaminhando a documentação exigida enquanto, paralelamente, contabilizava o capital e as decisões para aquisição dos equipamentos necessários à instalação da emissora. A correspondência enviada pela Organização N. de Macedo a Bauru Rádio Clube sobre o orçamento solicitado a *RCA - Rádio Corporation of América* - em outubro de 1955, comprovam as providências tomadas. (Anexo 01)

Em julho de 1956 a *Phillips International Corporation* encaminha pelo seu representante, a empresa J. Brady, proposta para aquisição de uma estação de Televisão e equipamentos necessários à transmissão e produção em estúdio (Anexo 02). A pronta interferência desta empresa, aliada ao vocabulário escolhido, para manifestar-se no desenrolar da instalação da emissora em Bauru, mostram dois aspectos importantes no desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no Brasil: um representado pela ostensiva presença do capital estrangeiro outro esclarecedor da política do favoritismo imperante nas concessões.

A imprensa local divulgava rotineiramente o andamento do processo de concessão do canal, bem como, a necessidade de aumento de capital da concessionária Bauru Rádio Clube PRG 8 para consolidação da iniciativa.

Houve necessidade de alterar alguns pontos do Estatuto Social da Emissora de Rádio, - o que já era previsto pelo seu Diretor João



Simonetti - para o poderoso veículo de comunicação que viria modificar conceitos e estruturas sociais, transportando Bauru ao mundo do virtual. O, não intencionado, continuísmo personificado por Juscelino brinda o interior paulista com a almejada concessão do canal.

Muitas conversas, acordos e correspondências esquentam o jogo, trazendo ao sonho o tom do real. Em 23 de julho de 1958, a *Folha do Povo* noticia: **JÁ EXISTE UM CANAL BAURUENSE DE TV** "o Sr. João Simonetti, diretor-presidente da PRG-8 - Bauru Rádio Clube, recebeu ontem, cerca das 21:30 horas um telefonema do deputado Dr. João Batista Ramos, no qual o prestigioso parlamentar reproduziu um telegrama que havia recebido, momentos antes, da Presidência da República, nos seguintes termos: '*Deputado Batista Ramos - Câmara dos Deputados - Comunico ao prezado amigo, de ordem do senhor Presidente da República, que acaba de ter assinado o decreto que estabelece concessão de TV para Bauru, em nome de Bauru Rádio Clube - atenciosas saudações - Victor Nunes Leal - Chefe da Casa Civil do Presidente da República.*' concretiza-se assim um velho e acalentado sonho do grande empreendedor, que é o Sr. João Simonetti, incansável batalhador das grandes causas em prol do engrandecimento e da projeção da nossa cidade. É de justiça que salientemos aqui o trabalho profícuo que desenvolveu o Deputado João Batista Ramos, batendo-se para que se tornasse uma realidade a concessão de um canal de televisão para a nossa cidade. Nossos parabéns ao pelejador João Simonetti, simpática e indispensável figura do progresso de Bauru; parabéns ao deputado Dr. João Batista Ramos, que a cada dia mais se identifica com os anseios da nossa terra, merecendo o nosso carinho e a nossa admiração." (Anexo 03) e o *Diário de Bauru* imprimia o clima do dia: "a cidade amanheceu sob intenso entusiasmo com a notícia de que o Presidente da República havia concedido à Bauru o canal de Televisão", publicando matéria referente ao telegrama enviado a João Simonetti por Víctor Nunes Leal, filho de família bauruense e Chefe da Casa Civil de Juscelino Kubitschek, comunicando oficialmente a concessão do



canal à PRG-8 - da cidade de Bauru. João Simonetti recebeu também telegrama de congratulações, assinado pelo vice-presidente João Goulart em 13 de agosto de 1958. (Anexo 04)

Obtida a concessão, de acordo com exigências do Departamento Especializado em Radiofônia, a PRG-8 passava a contar com um prazo de 180 (cento e oitenta) dias para aquisição e montagem da estação de televisão. Em cumprimento à lei João Simonetti envia ao Ministério da Viação e Obras Públicas a documentação requerida para a lavratura do contrato de concessão. (Anexo 05)

João Simonetti, Nicola Avallone Júnior e Horácio Alves Cunha entregaram ao advogado Hélio Augusto Ribeiro a missão de realizar um levantamento das possibilidades de atender, o mais brevemente, a necessidade de aquisição dos equipamentos para a nascente emissora. No desempenho da tarefa encontra uma série de compatibilidades entre o pretendido e a estação emissora de Santos - SP, iniciando contatos com a direção da Rádio Club de Santos, base da TV - Canal 5, da Organização Victor Costa. Recebendo especial atenção de seu diretor administrativo Saulo Ramos, coincidentemente o mesmo da Rede Brasileira de Televisão - REBRATEL - indústria de equipamentos emissores e receptores

Entre outras informações obteve, de Saulo Ramos, uma estimativa do capital a ser dispendido aliado à proposta de aquisição consorciada, saldável mediante comissão. Inclui em seu levantamento um cálculo estimado do capital destinado à folha de pagamento, a recomendação do tipo societário a ser estabelecido, detalhes sobre o funcionamento inicial da emissora e a necessidade de estudar as questões mais cautelosamente, já que o empreendimento envolveria e dependeria de vultoso capital. (Anexo 06)

Levantamento e instruções entregues, após avaliação e ponderação pelos solicitantes, conduzem João Simonetti a iniciar contatos com a REBRATEL. Propostas e contra-propostas levam ao acordo final. Em meados de 1959, a PRG-8 firma contrato com a REBRATEL, contando com



parecer da Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo - ARESP (Anexo 07). As condições contratuais estabelecidas: a instalação dos equipamentos dentro de 60 dias; preço vinculado ao número de receptores vendidos na cidade, compromisso de pagar o correspondente a 50% do valor do equipamento transmissor e do estúdio; participação de 50% para cada uma das partes na administração, lucros e responsabilidade de obrigações; pagamento a efetuar-se dezoito meses após a concessão do canal de TV, período durante o qual caberia às duas partes a direção geral da emissora e de seus negócios.

A manchete do *Diário de Bauru* em 19 de maio de 1959, dizia: "**EM BAURU, O EQUIPAMENTO PARA INSTALAÇÃO DO CANAL 2**". De acordo com o item 7 das considerações sobre a sociedade elaborada pela ARESP - Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo - a TV Bauru será instalada nas dependências da PRG-8 - Bauru Rádio Clube, no Jardim Bela Vista. (Anexo 08)

As datas marcantes do início das operações mencionadas nos depoimentos colhidos e nos jornais da época são extremamente conflitantes. Neste ponto o estabelecimento da trajetória cronológica da TV Bauruense padece de dados comprobatórios, sendo que muitos dos documentos preservados pela família Simonetti, ou amigos e ex-funcionários da empresa, pecam pela falta de referências temporais, alusões ao destino ou procedência das anotações, verificável nas anotações pessoais de Simonetti e em comunicações por ele enviadas ou recebidas. Pautar-se na memória daqueles que vivenciaram o período traz o risco dos desencontros, mas não gravar suas informações seria, certamente, um erro. Nestes princípios convém, mais e melhor, ao pesquisador abrir frentes para novos enfrentamentos, que se omitir.

Contradições e controvérsias sobre datas e lugares marcam a trajetória da TV no Brasil. Entretanto, a ausência da prova documental do fato não indica sua não ocorrência. Assim, mesmo não estando devidamente

documentada e definitivamente estabelecida a relação data/TV Bauru, esta de fato existiu, agitou e influenciou toda a cidade, marcou época, onde conflitos políticos, econômicos e sociais exerciam maior fascínio sobre os homens que a necessidade ou eventual possibilidade de entrar para a história.

A partir de junho de 59 iniciam-se os trabalhos de emissão de imagens para adequação e acertos técnicos nos equipamentos. De julho a dezembro do mesmo ano entra na fase inicial, apresentando uma programação diária de três horas divididas no enfoque às notícias, esportes, filmes e programas infanto-juvenis, seguindo o propósito de ser captada num raio de 60 Km a partir de Bauru.

Experimental e, de certa forma, precariamente a TV Bauru implanta suas transmissões e almeja firmar-se na cidade e região como o veículo da nova era, como se abstrai do depoimento de Silvio Carlos Simonetti: *"A TV-Bauru - Canal 2 não posso precisar a data exata, mas foi no final de 1959 no prédio da Bauru Rádio Clube que pertencia à família Simonetti e inclusive onde era o auditório da Rádio. Onde se instalou a Televisão Bauru e ficou sendo os estúdios da primeira emissora de Televisão do Interior da América Latina.(...)Os apresentadores da rádio eram também os da TV. O João Dias Antunes - o Zito, que era o noticiarista da rádio e passou a ser também da televisão. O Hélio de Aguiar era apresentador de programa de auditório, foi apresentador da televisão durante vários anos, inclusive foi de emissoras de São Paulo, posteriormente. Outras pessoas como: José Fernando do Amaral foi apresentador esportivo, João Henrique Júnior, meu primo, era narrador de corrida de cavalo - turfe pelo rádio - fez também parte da equipe o Paulo Sérgio Simonetti, que também estava começando pelo rádio como locutor participou da TV Bauru.(...)Na verdade ninguém conhecia Televisão aqui em Bauru, nem a população. Porque aqui não vinha imagem nenhuma. Algumas pessoas tinham visto televisão através do cinema ou em São Paulo, lá já existia a TV - Tupi Canal 4.(...) Veio uma equipe de São Paulo, da REBRATEL para dar algumas dicas no que diz*



respeito a postura diante da câmera, de como usar melhor o microfone na Televisão; algumas explicações básicas. Como a própria TV brasileira surgiu do rádio, também em Bauru foi a mesma coisa.(...) eu apresentava esporte, às vezes eu estava na rádio ou brincando na quadra,(...), e à vezes faltava um locutor. Uma vez ou outra acontecia isso. Tínhamos que apresentar; a gente corria lá, colocava o paletó, a gravata, lavava o rosto, passava uma base e ia para o ar.(...) existia também programa de teatro que era ao vivo, não havia video tape na época. Toda a programação que a Televisão tinha, que algumas pessoas do teatro de Bauru dirigiam, inclusive veio gente de São Paulo para dirigir, nós tivemos dois grandes diretores: o Valter Avancini que esteve dirigindo durante uma certa época, mas era tudo ao vivo. Então, errou, errou. Um fato curioso foi quando uma peça que estava sendo levada ao ar sobre uma prisão, e o desfecho deveria ser assim: o guarda, o policial fazia a chamada geral para ver se todos estavam na cela. O presidiário de um determinado número, era uma pessoa boa, mas estava no meio de outros presidiários. Houve alguns problemas com a guarda e ele morreu. Se eu me lembro bem devia chamar o nº 2300, mas esse detento 2300, não sei bem se é esse número, mas estou citando um exemplo, não responderia. E o desfecho era, logicamente: 2300. Depois de chamar várias vezes e ninguém responder, então entrava aquele vazio, entrava o tema musical e encerrava. Só que como a gente tinha que responder várias vezes para muitas pessoas, um companheiro esqueceu que esse era o número que não deveria ter resposta, após ser chamado ele respondeu: presente. A peça acabou assim, sem nenhuma explicação lógica.(...) Bem, sobre a programação: a emissora entrava no ar as cinco da tarde. Inclusive um dia desses eu estava vendo em uma revista de Bauru acho que foi a Revista Atenção, uma programação da TV Bauru e deu para recordar um pouco. Me parece que começava às cinco da tarde, ou às quatro da tarde com um desenho até às seis horas. Às seis entrava um programa feminino com a Clorinda Resta ia até as sete ou até seis e meia, depois tinha uma oração uma fala de um padre de uma das igrejas de

Bauru. Em seguida entrava um noticiário de meia hora, ao vivo. O máximo que a gente usava era filmes, filmes de notícias, não tinha tape não. Mais tarde entrava esporte e tinha programas de shows artísticos. Assim a programação era até regular para Bauru na época, porque você não podia retransmitir. Era artista de Bauru, cantores de Bauru. No final de semana vinham pessoas de fora. Eu me lembro de Moacir Franco, do Canarinho mais um pessoal que na época não era da TV Globo porque até a TV Globo não tinha entrado no mercado era da TV Paulista Canal 5 que a Globo adquiriu. (...) A televisão Globo comprou a OVC - Organização Victor Costa - Canal 5 de São Paulo englobou também a TV Bauru porque a minha família já havia negociado com a OVC. Mas a gente continuou trabalhando lá. Tudo bem. Porque na verdade nós não tivemos folego financeiro para conseguir manter um canal de televisão. (...) Então meu avô João Simonetti (a gente ainda fala hoje), que ele teve visão. Um pioneiro. Pioneiro geralmente é assim; ele pensou, lançou, conseguiu o canal através de Getúlio do qual ele era muito amigo. Mas muito cedo, essa televisão deveria ter vindo uns dez ou quinze anos depois, quando já era possível. Por exemplo, agora se nós tivéssemos... agora não, há 20 ou 15 anos atrás se a gente conseguisse um canal de Televisão, tivesse um canal de televisão não seria da Globo. O máximo que ela teria, a participação dela seria nós nos afiliarmos. Então o que aconteceria? (...). Não vou mais discutir, mas acho o nome da Globo espetacular. Mas nós teríamos programas regionais, não é tudo que a Globo coloca no ar que nós iríamos colocar. Por exemplo, nós iríamos aumentar o noticiário; eles não nos dariam apenas 5 minutos, teríamos pelo menos 20 ou 30 minutos a noite e a tarde; como é a TV Gaúcha, a RDC lá do Sul, como ela faz nós faríamos em Bauru. Mas veio muito cedo, nós sem dinheiro precisamos praticamente entregar. Podia a OVC? Ficou com ela. A OVC acabou sendo comprada pela Globo. (...) Dessa maneira a TV Bauru foi pioneira e com ela revolucionou-se a cultura da cidade. Abriu espaço, porque (...) você vê aqui todo mundo aprendeu a trabalhar em TV na época.

Fin
do
canal

Formaram-se conjuntos que já existiam e atuavam em rádio e na televisão. Acho que ela cooperou, ela abriu espaço para Bauru. Qualquer participação para um bauruense na televisão, abre espaço, mas foi isso aí."

Anotações de João Simonetti sobre o período inicial da implantação da recentíssima novidade tecnológica (Anexo 09) denunciam a precariedade instrumental, contando com apoio financeiro da REBRATEL para contratação de artistas, e assim, procurando manter o nível da programação dentro de um padrão de razoável para alto. As anotações referem-se também as suas preocupações com a venda de aparelhos receptores, não só por representarem parte do acordo contratual, mas principalmente pelo significativo aumento de prestígio e audiência - uma consequência natural do aumento do número de espectadores.

Cerca de quinhentos aparelhos receptores foram vendidos, a um preço médio de 55.000,00 (cinquenta e cinco mil cruzeiros). - Uma das cláusulas acordadas estipulava que a instalação definitiva do transmissor seria efetuada dentro de um prazo de oito meses, após a venda de mil televisores da REBRATEL em um ano, a partir do acordo de 16 de maio de 1959. (Anexos 8 e 10)

Aqui cabe analisar que a população de Bauru na época não representava um público consumidor desta tecnologia, dado o caráter de novidade e primordialmente pelas atividades exercidas na cidade: ferroviárias, comerciais e operárias. Bauru não se destacava como pólo industrial, o município crescia na área central pelo comércio e nos bairros oriundos do núcleo ferroviário - Vila Independência, Bela Vista, Falcão e Paulista - dando início a especulação imobiliária, característica da expansão urbana que não se traduziu, necessariamente, por expansão do poder aquisitivo.

O recenseamento de 1950 (IBGE, 1954:134) informa que a população da cidade era de 65.452 habitantes.

Segundo os depoimentos obtidos, os aparelhos eram vendidos de porta em porta e representaram uma fase difícil para a TV Bauru,



Fechamento
TUB.
 já que o equipamento era pouco conhecido pela população e causava certa estranheza e desconfiança junto ao público consumidor. Outras dificuldades para a manutenção da emissora em funcionamento foram marcadas pelos poucos lucros com publicidade, já que os comerciantes locais e da região não estavam habituados a esse tipo de investimento. Costume, talvez até, relacionado ao próprio crescimento da cidade, bastante marcado pelas atividades comerciais, nas quais empresa e clientela progrediam num clima de confiança mútua, de certo modo, tornando desnecessário o investimento em propaganda.

Como mostra a tabela a seguir, o investimento era passível de intimidar os investidores locais, embora saibamos que a propaganda na televisão, no seu período inicial era mais barata do que no rádio ou no impresso. Já que seu alcance era restrito.

RÁDIO TELEVISÃO BAURU - CANAL 2

TABELA DE PREÇOS PARA
 PROGRAMAÇÃO LOCAL
 (valores em Cr\$ - 1959)

ESPÉCIE	DAS 20:00 AS 21:00	OUTROS HORÁRIOS
slide de 30"	350,00	250,00
Jingle 60"	600,00	500,00
Jingle 90"	700,00	600,00
Jingle 120"	850,00	750,00
Comerciais ao vivo 60"	1.000,00	900,00
Comerciais ao vivo 90"	1.200,00	1.100,00
Comerciais ao vivo 120"	1.400,00	1.300,00
Programas de 5'	1.800,00	1.500,00
Programas de 10'	3.000,00	2.750,00
Programas de 15'	4.200,00	4.000,00
Programas de 25'	7.500,00	7.250,00
Programas de 30'	15.000,00	14.750,00

Observações:

1. Os preços para programas, referem-se exclusivamente a tempo.
2. *Slides e Jingles*, o material deverá ser fornecido pelo cliente.
3. Para reportagens externas comerciais, políticas, esportivas e sociais, preços a combinar.
4. Anunciadores exclusivos, preços a combinar.

5. Os desenhos para confecção de *slides* deverão ser fornecidos com 24 horas de antecedência.
6. Os textos para comerciais *ao vivo* deverão ser fornecidos com 48 horas de antecedência.

A concessão, em caráter experimental, obtém o *status* de definitiva em maio de 1960. Em cumprimento às exigências legais, encaminham-se ao Departamento de Correios e Telégrafos as solicitações de aferição do canal e aprovação de horário para o funcionamento da TV Bauru. (Anexo 11)

Luciano Dias Pires - jornalista - em conversa informal, conta como os jornais locais e da região mantinham na população a expectativa pela chegada das novas imagens nos televisores situados num raio de sessenta quilômetros a partir de Bauru, quando noticiavam a presença, cada vez mais próxima, do canal 2. Recorda-se de que: *"grupos se reuniam nos bares da cidade e discutiam acaloradamente a importância da televisão de Bauru, defendendo a REBRATEL e o canal 2, e deixando reinar na cidade um clima de euforia, de confiança, quanto a emissão das primeiras imagens aqui geradas."*

Os dados obtidos no fluir de conversas são confirmados em anotações pessoais de João Simonetti. Luciano Dias Pires também menciona a pouca divulgação dos primeiros tempos da TV Bauru pelos jornais locais, explicando o fato com seu parecer de que: *"os órgãos de imprensa local viram no novo veículo, uma ameaça, melhor dizendo, uma possibilidade de séria concorrência no ramo da publicidade."* Ao contrário do ocorrido com a Tupi

"a expectativa geral era estimulada por páginas e páginas de reportagens do Diário da Noite e do Diário de S. Paulo, que destacavam os menores detalhes daquela aventura. Como parte das festividades pré-inauguração, as chamadas 'classes produtoras' (banqueiros, comerciantes, industriais e fazendeiros de São Paulo e do Rio) ofereceram um banquete no restaurante do Mappin para homenagear Chateaubriand pela implantação da televisão no Brasil" (Moraes, 1994:499)

Embora poucos comerciantes utilizassem a TV - talvez, também pelo número ainda restrito de receptores, fazendo com que os outros veículos representassem melhor investimento, ou retorno mais imediato -, o canal 2 dispunha desde sua inauguração, como já exposto, de uma tabela de preços para veiculação dos anúncios. Entraram no ar, apesar de contar com um material técnico precário e nenhuma experiência no ramo, com uma programação inicial de três horas recheadas de entrevistas, esporte, filmes e programas infanto-juvenis, como já se fez referência.

Seguindo o modelo das outras empresas de televisão situadas no eixo São Paulo - Rio de Janeiro, a de Bauru também, baseia-se na programação do rádio. E, como suas congêneres, utiliza os profissionais da PRG-8 na emissora do canal 2. Assim, nomes como: João Dias Antunes, Hélio de Aguiar, José Fernando do Amaral, João Henrique Júnior, Paulo Sérgio Simonetti, Cira de Oliveira, Célia Paiva, Célio Gonçalves e Maria Estela já conhecidos do público bauruense por suas atividades no auditório da Bauru Rádio Clube, foram transplantados para o elenco da televisão.

A política no interior sempre foi um assunto presente nas rodas de amigos, na casa e no trabalho, e as eleições representavam seu ponto máximo. *Cartas na mesa* é o programa lançado pela TV Bauru - canal 2 em setembro de 1959, direcionado ao debate entre os candidatos ao pleito daquele novembro, esquentando um pouco mais a vida de candidatos e eleitores.

Mas, a política não resumia os interesses bauruenses e atender outros anseios da população também era a proposta do canal 2. Por isso, sábado era dia de teleteatro. Um programa dirigido técnica e artisticamente por profissionais paulistas, mas com os recursos da casa, a saber: um *set* bastante restrito, uma câmera fixa e artistas locais. Caldo ao qual se acrescentava o forte tempero do *ao vivo*, para desespero de uns e gostosas gargalhadas de outros. Não havia video-tape. Assim não era evento raro que um desses talentosos atores, por desconhecerem as regras da imagem e despreparados para as técnicas de filmagem, demonstrassem tanto entusiasmo ao ponto de extrapolar os *sets* ou

Profissionais
do
Rádio
40
101
TV

evadirem-se do alcance da imóvel objetiva, provocando risos nos bastidores e não abrindo mão - ao vivo - da aparência de naturalidade. Nessas horas soava sempre o lendário aviso: *"Tudo bem pessoal, foi um fora; mas amanhã é outro dia e novos foras virão"*.

No primeiro teleteatro da TV Bauru - *Remorso* -, o papel principal coube a Célio Gonçalves, auxiliado em cena por Maria Estela, Célia Paiva e Paulo Sérgio Simonetti. O cenografista desta primeira fase do canal 2 - denominada Simonetti/REBRATEL - foi o artista plástico Rodolfo Hayzok, que produzia seus cenários artesanalmente utilizando, em especial, pinturas em papelão, não dispensando os móveis e utensílios arrebanhados na vizinhança para a devida ambientação.

Entrevistar e noticiar eram funções dessa TV e esses programas, muitas vezes, armavam o palco para o debate de assuntos locais ligados ao cotidiano dessa população. E se os anos 50 e 60 eram 'dourados',⁽¹⁾ e se os bailes conduziam magicamente lindas princesas e apaixonados príncipes ao reino encantado dos sonhos, da fantasia, então tinha de haver música.

Bauru não contava, como hoje não conta, com uma orquestra, mas tinha um bom número de conjuntos aprimorando-se na delicada arte de sonorizar as noites. Assim, este espaço da vida também passou para a TV. E dos estúdios da TV Bauru surgiram nos aparelhos de TV as imagens e os sons de Benê e seu conjunto, dos pianistas Adilson e Hamilton Godoy (Zimbo Trio), do acordeonista Badê (Edvard Viotto), e do cantor Élvio Gobbi.

A despeitos da intensa campanha para venda de aparelhos receptores em Bauru e região, a cota estipulada pelo acordo entre a Bauru Rádio Clube e a REBRATEL não foi alcançado em tempo de fazer desta TV uma empresa lucrativa. Embora contar também, com o Clube dos Amigos da Televisão de Bauru, mais tarde substituído pelar SERVIT - Serviço de Retransmissão de Bauru, criado pela Lei Municipal 1204 de 14 de dezembro de 1965, na gestão do prefeito Nuno de Assis.

Contrato
Luciano e
Tereza

Os fracos resultados obtidos forçaram a adoção de novos rumos. Em outubro de 1960, o controle acionário do Canal 2 passa para a OVC - Organização Victor Costa, proprietária, também da TV Paulista e das Rádios Nacional e Excelsior.

A transferência do controle empresarial traduziu-se por um aumento, na hora do encerramento da programação, de um programa diário transmitido pela TV Paulista. Se o primeiro momento representava a novidade e sua reação pontual-se na incrementação da programação variada, mais tarde, devido ao desenvolvimento da TV Paulista, o nível das produções artísticas, musicais e teatrais, impulsionou a programação.

A decisão de transferir a sede da OVC para a TV Paulista, foi uma boa transição pelo ex-diretor técnico da TV Baurista - Canal 2 - Luiz Palanga, que sua nova direção, aos telespectadores baurienses:

"Ao deixar a direção da TV Baurista - canal 2, devo agradecer por oportunidade de consciência profissional que a partir deste dia, Baurista terá a oportunidade e a condição de conhecer outro tipo de programação mais variada, pois a OVC é uma organização especializada e em condições de realizar aquilo que não me foi possível fazer dentro das limitações e recursos de que dispunha durante o período em que o Canal 2 esteve sob minha responsabilidade.

Que o público possa ao estabelecer comparação entre uma e outra fase, tenha presente esse aspecto, isto é, um período de amadurecimento, tanto para a programação, quanto para a equipe profissional. Mais não se pode fazer, devido à insuficiência de recursos e não por inexistência de qualificação profissional. É o mesmo espírito que se fez A Realidade de Hoje, que virá O Samba de Janeiro, A Televisão de Baurista - Baurista 24 de outubro de 1960, Luiz Palanga".

Neste período atuaram como diretores Nelson Telen, Jorge Farah e Valtair Avarone, embora esta fase de direção não tenha correspondido a uma direção do estúdio. Manter-se a programação ao vivo e as ambientações de Rodolfo Hayek.

Certo é que havia uma distância física e temporal entre a transmissão de um programa no estúdio e no teatro, colocando de outro modo,

4.2 TV Bauru - Canal 2: Alternância de Sinais

A transferência do controle empresarial traduziu-se por um aumento, na tela, do número de horas no ar, apresentando agora uma programação direcionada pela TV Paulista. Se o primeiro momento representou a novidade e sua reação pautou-se na incrementação da programação veiculada. Nesta segunda fase do desenvolvimento da TV Bauru elevou-se o nível das produções artísticas, musical e teatral, importando-se o elenco da capital.

A novidade desta nova fase está registrada na imprensa, e foi muito bem traduzida pelo ex-diretor técnico da TV Bauru - Canal 2, Luiz Falanga, em sua nota dirigida aos telespectadores bauruenses:

"Ao deixar a direção da TV Bauru - canal 2, devo esclarecer por imperativo de consciência profissional que a partir deste dia, Bauru terá a oportunidade e a condição de conhecer outro tipo de programação, mais variada, pois a OVC é uma organização especializada e em condições de realizar aquilo que não me foi possível fazer dentro dos limitados e precários recursos de que dispunha, durante o período em que o canal 2 esteve sob a minha responsabilidade.

Que o público, pois, ao estabelecer comparação entre uma e outra fase, tenha presente esse aspecto, isto é, um período de amadorismo, outro cem por cento profissional. Mais não fiz por insuficiência de recursos e não por inexperiência ou ignorância profissional. (...) terminou minha tarefa: aí fica A Realidade de Hoje, que era O Sonho de Ontem: A Televisão de Bauru. - Bauru, 28 de outubro de 1960, Luiz Falanga".

Neste período atuaram como diretores Nilton Teles, Jorge Farah e Valter Avancini, embora essa troca de diretoria não tenha correspondido a uma alteração do cenário. Manteve-se a programação ao vivo e as ambientações de Rodolfo Hayzok.

Certo é que havia uma distância física e temporal entre a veiculação de um programa na capital e no interior, colocando de outro modo,

a programação da segunda-feira em São Paulo era transmitida na terça-feira em Bauru. Assim, se trazia novidades, eram já usadas; se houve uma melhoria técnica, sua consequência só foi vista no dia seguinte.

E a programação seguiu seu curso, estabelecido o ritmo e a duração. Ligado o receptor, às dezessete e trinta divertiam-se as crianças com a "Sessão Zás-Trás"; passado uma hora era o público feminino brindado com "O Assunto é Mulher", tratando problemas de economia doméstica, educação dos filhos e beleza, em seguida dá-se aos senhores a chance de divertirem-se com "Dois no Esporte". Mas tinha uma larga faixa de telespectadores que não poderiam ser deixados sem opção e podiam, então, assistir a "Jonhny Quest", "Batman", "Três Patetas". E, encerrando um dia cheio, via-se o "Noticiário de Utilidades Públicas": campanhas comunitárias, solicitação de doação de sangue, comunicados de documentos perdidos. Para aqueles que não viram hoje seus desejos na tela, podem tentar amanhã a partir das dezessete e trinta. Boa sorte! Boa noite!

Dezenove horas e quarenta e cinco minutos na capital da Terra Branca. Hora e lugar de Edson Fagnani apresentar o TeleJornal Vigorelli - Semp. Além do noticiário local e da região, havia as notícias de São Paulo. Trazê-las a Bauru incluía recorrer a todos os meios. Utilizava-se, entre outras fontes, do telefone, dos contatos pessoais e do malote, pelo qual vinham em negativo os filmes com as informações e documentava-se o fato jornalístico com *slides*, partindo de um *script* enviado pela OVC. Os fatos nacionais e do mundo eram, por sua vez, copiados da rádio e adaptados para uma versão televisionável.

Como muita notícia com certeza atordoa um bom e assíduo telespectador merece um momento de descanso. Seguiam então, seriados americanos baratos, variados e bem aceitos: nas segundas-feiras, Cheque Mate; nas terças-feiras, Chayne; nas quartas-feiras, Seventy Seven; nas quintas-feiras, Maverick; nas sextas-feiras, White Service; aos sábados,





Combate e aos domingos, *Os intocáveis* e, em seguida, os longa-metragens da *Sessão das Nove* encerrando-se a programação ao final desta exibição.

Os grandes destaques desta programação na linha teatral era o *Teatro Intimidade*, patrocinado pela Gessy Lever, com a participação de Walter Forster, Yara Lins, Lourdes Rocha, que vinham a Bauru para as montagens e apresentações. *Eneida Internacional* era o musical representativo desta fase, um programa em série com uma artista que cantava muito bem e o *Big Show TV - 2*, onde participavam cantores famosos e alguns iniciantes na carreira, entre eles: Moacyr Franco, Elza Laranjeira, Zimbo Trio, Nelson Gonçalves, Ted Moreno, Canarinho, Peri Ribeiro, entre outros. Para todas as produções de entrevistas, musicais, teleteatro, jornalismo, a equipe de profissionais da TV Bauru contava com duas câmeras e muita garra. Paulo Sérgio Simonetti, um dos nossos recordadores, lembra que, "fazer TV" em Bauru, nas décadas de 50 e 60 não foi fácil, todavia pôde-se contar com profissionais das áreas diretivas - Nilton Salles, direção artística; Jorge Farah, diretor de programação, todos altamente credenciados. E assim, permitiu aproveitar talentos existentes na cidade, especialmente do rádio e do meio artístico.

No ano de 1965 a OVC foi vendida para a TV Globo e, em Bauru, a emissora passou a ser dirigida por Arceno Athas. Pode-se dizer uma transição tranqüila, sem conflitos, perfeitamente encenável num coquetel.

A programação foi novamente reformulada, para enfrentar e vencer a concorrência com a TV Tupi. Sob a coordenação de Luiz Henrique Pink, a emissora passou a fazer transmissões de tomadas externas, mantendo seus shows de auditórios diários. Na segunda, *campeonato de conhecimentos*; terça, *a jovem guarda*; quarta, *Broncolino - Broncas*; quinta, *Um passo do Sucesso*; sexta, com apresentação de Sérgio Roberto, *Show de Sucesso*; no sábado, Abel Fernando apresenta *Alto Relevo*; no domingo, *Juventude em Brasa*, com Ademar Dutra e Conjuntos de São Paulo. É possível conhecer a

programação da TV Bauru durante os anos de 65, 66, e 67, através da revista Câmera 2.

Outra grande mudança na TV Bauru acontece em 1969, com a implantação definitiva do *link*, no Jardim TV, colocando um fim em toda a produção regional. O que sobrou? Foram lembranças dos bauruenses no que tange ao teleteatro - com suas histórias escritas por Ricardo Landi, contando com efetiva participação dos autores locais, e uma telenovela transmitida *ao vivo*, ensaiada diariamente durante seis meses e apresentada às vinte e uma horas - *Um Nome Escrito no Céu: Tereza*, de Clorinda Resta.

Não foi uma perda de sinal, porque não desapareceu a imagem, nem o som, nem os ídolos. Assemelhou-se mais a morte lenta do guerreiro que não admite a derrota. Esvaziou-se aos poucos. De 1969 a 1975 foram mantidos uns trinta minutos diários de transmissões de notícias locais. Perdeu-se um pouco mais, não se chama mais TV Bauru, agora é Rede Globo Oeste Paulista, e apresenta ao todo uma média de trinta minutos semanais, nos quais nem todo minuto é realmente Bauru.

Uma rede de televisão além de bom negócio, quando vista pela ótica do lucro, é um valioso divulgador de idéias especialmente caras às esferas de dominação e, muitas vezes, semelhantes às do bloco do poder. Idéias relativas à interesses políticos, ao desenvolvimento, à integração, à identidade local, ao progresso, à modernização. Estas idéias direcionaram este capítulo. Mas na configuração do objeto da análise - TV Bauru - Canal 2 - procurou-se valorizar o trabalho do homem, individual e coletivo, sonhador e realista.

Venda p'
gloss: converso da
desregionalização da TV
Bauru

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já se disse uma emissora de televisão avaliada sob o prisma do lucro representa um excelente negócio, além de ser um dos mais propícios veículos para a divulgação de idéias. Configurado o meio ambiente no qual se desenvolveu a televisão brasileira, fácil perceber as idéias que defende, dissemina e perpetua.

Deste modo é analisado o objeto em estudo, no que diz respeito aos aspectos de complexidade de linhas que o informam. Objeto este acerca do qual procurou-se privilegiar o homem, enquanto ser individual e coletivo, força produtiva, sonhadora e empreendedora.

Do conhecimento amalhado, em especial, pelas entrevistas efetuadas ouse inferir que a implantação da TV Bauru - canal 2 trouxe à cidade certa efervescência cultural, possibilitando a participação de profissionais que já atuavam na emissora de Rádio - PRG 8 - e também fora dela. Com os *recordadores* pode-se sentir: o entusiasmo e o desapontamento. Entusiasmo quando o relato apresenta o desenvolvimento da cultura, e da arte. "*Foi nesta época que despontaram os cantores, os artistas, os músicos da cidade*" lembra Gabriel Pelegrina. Desapontamento pela diluição do espaço *das coisas nossas* na programação. Uma vez que durante as etapas de sua evolução sente-se claro o exaurir-se da participação, nos espaços de produção, dos fatos/homens locais e/ou regionais.

Os aspectos marcadores da identidade da cidade e a participação da *gente da terra* foram diluindo-se, dando margem à estrutura consumo/nacionalização, objetivo agora da retransmissora. Mesmo utilizando no esquema de espaço para noticiário regional; devido a questão: captação de recursos publicitários, desfavorece a comunidade bauruense.



Não há possibilidade de recuperar a programação em seu aspecto formal, tendo em vista que os primórdios da era televisiva caracterizaram-se pelas transmissões *ao vivo*. Delas pode-se apenas usar as lembranças dos que a conheceram ou revisitá-las, como citado, pelos periódicos publicados, os quais fornecem ao menos a idéia do *como se apresentavam*, no segundo momento do trajeto.

Certamente neste trajeto, os desenvolvimentos tecnológicos modificaram e ampliaram as possibilidades de produção, veiculação e acesso as informações ; ao mesmo tempo que a sociedade modificou os processos e critérios de qualificação tanto das produções e das informações quanto dos usuários. Entretanto, não resta dúvida que tais mudanças poderão ser eficazes se atenderem ao desenvolvimento do homem e da comunidade dentro do contexto do *real* no qual se está inserido.

Também ficou claro, no desenvolvimento desta proposta, que a implantação da TV Bauru - canal 2 não propiciou o estabelecimento de um mercado de trabalho ou mercado artístico específico devido a algumas variáveis: amadorismo dos detentores da concessão, restrições do processo de implantação das transmissões, sendo a de maior importância a inexistência de verba para investimento, elemento este deflagrador das alternâncias no controle da emissora.

Evidente que a regionalização da programação da TV traz benefícios para a comunidade no que tange informar sobre as atividades e a produção cultural, divulgar e até reforçar os laços das instituições para um trabalho em parceria. A regionalização pode também ser vista como de grande valia, já que favorece o desenvolvimento de forças agregadoras encaminhando os temas para operacionalizações mais abrangentes , mais rápidas e mais efetivas.

A produção cultural em Bauru deu-se sob a forma de representação teatral, musical e de outras manifestações artísticas. Ao jornal, nosso primeiro veículo, seguiu-se o rádio. Convivendo harmonicamente, a

palavra e a voz, no interstício dos anos 50 e 60 geraram e trouxeram à luz a Televisão. Veículo propício à cultura de massa, aqui produzida e vivida em estilo alheio aos padrões da indústria cultural, já que um tanto artesanal - idealizada, organizada e levada a efeito na *Capital da Terra Branca*, para deleite de uma parcela da população local ou, no máximo, da vizinhança mais próxima.

Bauru trasmutou-se, aos poucos, de centro interiorano de efervescência em captador de sons, imagens, idéias e produtos. Desatrelados do nosso ambiente natural como são grande parte dos produtos artístico-culturais consumidos nos consagrados grandes centros do país.

A TV Bauru é aqui dissecada conforme se viu, sob vários aspectos, compreendendo da concessão do canal à sua viabilização. Neste retratar procura-se, de modo especial, localizar o homem em seu tempo e espaço social, delineando o papel representado pelas forças sócio-econômicas e políticas.

O papel do elemento político é bastante claro tanto na TV Bauru, como na TV do Brasil, e não se restringe apenas a este veículo mas interfere em todos os meios de comunicação de massa. Em contrapartida, o fator econômico, embora desempenhe papel importante, não raras vezes, é pouco comentado e documentado, permanecendo obscuro em vários pontos. Conhecendo, mesmo que não na totalidade, a parte desempenhada pelo jogo de forças políticas e econômicas, pode-se facilmente acreditar que a empresa de televisão bauruense não tenha sido capaz de capitalizar, de modo mais selvagem, sua audiência, fazendo-a intervir no processo cotidiano condutor do progresso da cidade. Mas é necessário também atentar para os aspectos próprios da empresa e do município naquele período. E, a partir daí, visualizar em uma cidade de poucos recursos financeiros, destinada basicamente ao giro de capital e não à sua produção, uma empresa que ao ser implantada já contava, por isso, com mais dívidas que possibilidades de lucros.

n.º 218

BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURU

Dentro, deste quadro e no curso aqui desenvolvido procura-se contribuir com o estudo da TV Bauru - canal 2, no sentido de preencher uma lacuna existente, também, na História da TV Brasileira.

Faz-se imperativo salientar que a proximidade existente, em decorrência da própria natureza do objeto de estudo, entre os responsáveis pela instalação da TV Bauru e a pesquisadora propiciou, por outro lado, conferir aos papéis amarelecidos pelo tempo e aos relatos embaçados pela intransigência da própria vida ocupada com o presente, mas vivos na lembrança, uma dimensão que se quer intensamente humana, uma vez que fazer História é incorrer, também, em recordações, ou seja, sintonizar o coração com o passado. Assimilando, com outro olhar, a ligação entre um acontecimento longínquo se significado no presente e suas possíveis repercussões futuras.

Tendo estabelecido como objetivo do presente trabalho reconstruir os fatos que propiciaram a instalação da TV Bauru - Canal 2 e delimitar, pela pesquisa histórica, os aspectos socio-político-econômicos favorecedores ou não deste empreendimento, bem como os atores que dele participaram, entendo ter alcançado a meta proposta.

Após este desenrolar dos fios, nem sempre visíveis do início e percurso da existência - da TV Bauru - Canal 2 - contextualizando-a histórica e culturalmente, penso ter trazido à vida, ao menos em alguns de seus aspectos sócio culturais o que, até então, estava encoberto pela poeira do tempo, que passa, e relegado pelo tempo, que alega-se indisponível para conhecer nossas raízes culturais, conferindo-lhe, assim, forma e função no quadro da TV Brasileira.

Tenho consciência, porém, que restaram margens... mas o estudo delas ficará para outros momentos e/ou outros estudiosos interessados em tirar os véus que ainda encobrem a História da TV Brasileira.



APÊNDICE



Um fragmento da memória visual da TV Bauru - Canal 2 está sendo recuperado, e é composto de doações de familiares e profissionais que atuaram no veículo - no nosso objeto de estudo - nas décadas de 50 e 60. São fotos que registram aspectos da trajetória da TV Bauru - Canal 2, tanto na área de recursos humanos quanto nos recursos materiais: equipamentos e instalações. Vem ao encontro dessa colocação, o enriquecedor pensamento de Francastel:

"O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis é uma das chaves de nosso tempo. (...) É o meio também de julgar o passado com olhos novos e pedir-lhe esclarecimentos condizentes com nossas preocupações presentes, refazendo uma vez mais a História à nossa medida, como é o direito e dever de cada geração." (Pierre Francastel, A Realidade Figurativa)

O material está disponível, integralmente, no Núcleo de Documentação Histórico da Universidade do Sagrado Coração; no Museu Histórico de Bauru; nos arquivos pessoais de: Gabriel Ruiz Pelegrina, Sr. Luciano Dias Pires e Sra. Maria Odila Carvalho Simonetti



Fonte: Arquivo Família Simonetti

Foto nº 01 - Fachada do prédio da PRG - 8 e Televisão Bauru - Canal 2 , em frente Praça dos Expedicionários no Jardim Bela Vista , Bauru - São Paulo.



Fonte: Arquivo Família Simonetti

Foto nº 2 - Participação do cantor Roberto Luna para o programa musical :
"Big Show TV - 2"



Fonte: Arquivo Família Simonetti

Foto nº 3 - Paulo Sérgio (ator); Eneida (cantora) e Maristela (atriz) - Programa musical "Eneida Internacional"



Fonte: Arquivo Família Simonetti

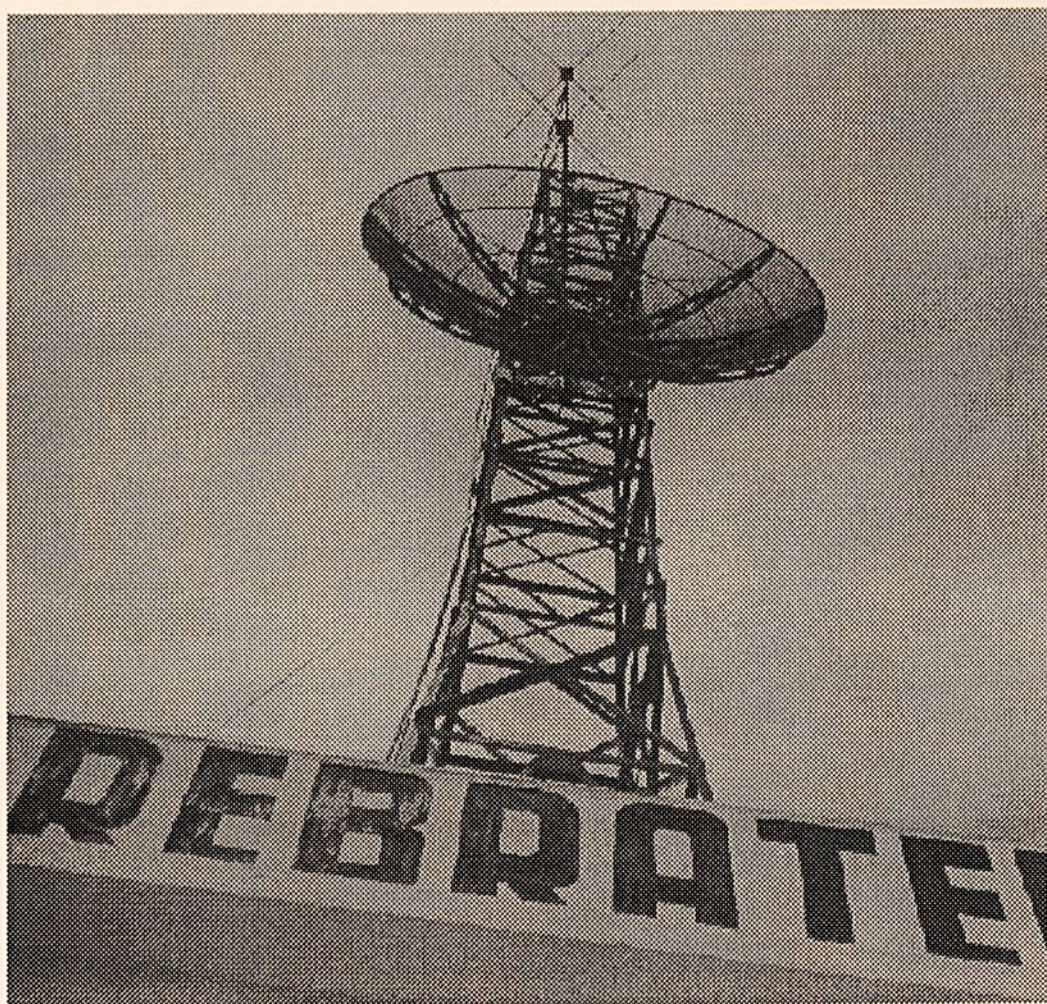
Foto nº 4 - Aspectos do estúdio , durante a gravação de um programa musical de auditório.



Fonte: Arquivo Família Simonetti

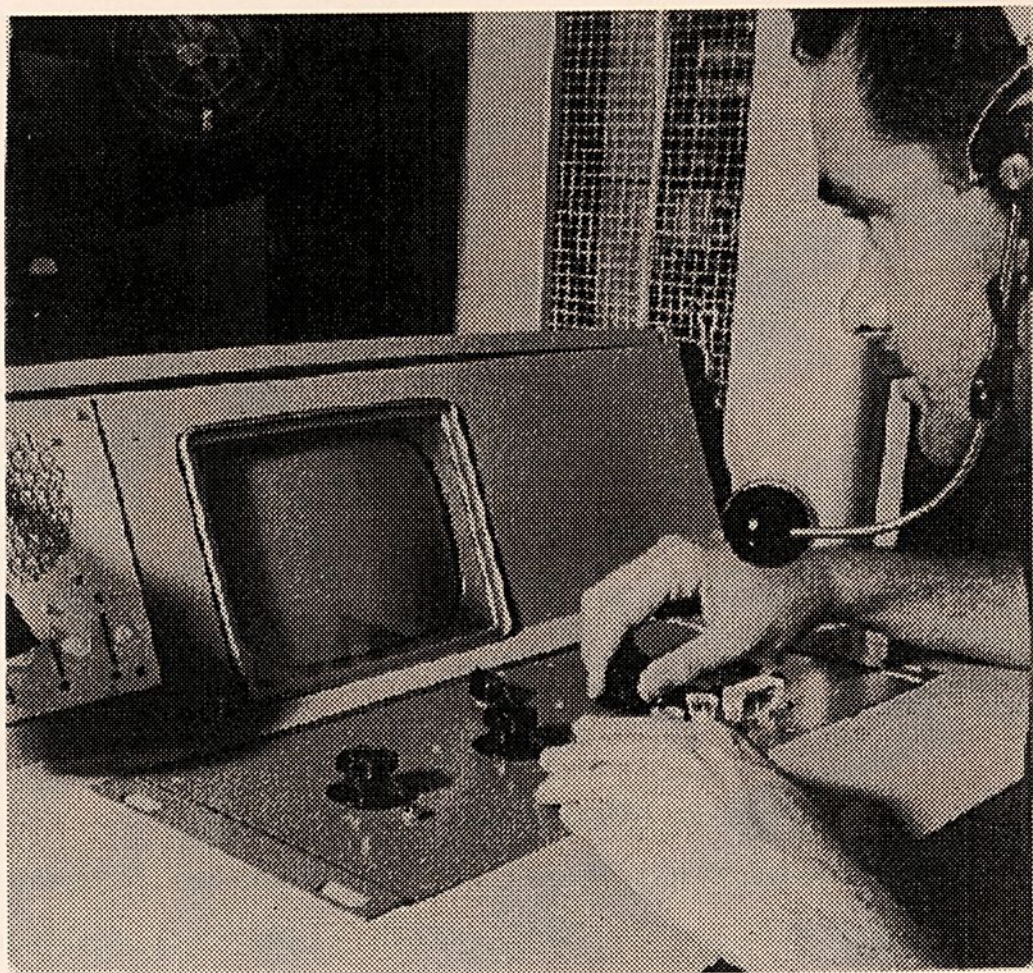
Foto nº 5 - Garotas - propaganda que atuaram na TV Bauru - Canal 2 .

Propaganda *ao vivo* , do aparelho receptor da REBRATEL.



Fonte: Arquivo Família Simonetti

Foto nº 6 - Torre de micro-ondas instalada no Jardim TV , sistema de transmissão (irradiante) da TV Bauru - Canal 2.



Fonte: Arquivo Família Simonetti

Foto nº 7 - Operação de vídeo - o equipamento está sendo operado pelo
Diretor Técnico de TV.

DEPOIMENTOS

Na elaboração deste trabalho considerou-se imprescindível a busca de depoimentos de profissionais que trabalharam na fase de implantação do veículo TV - Bauru - canal 2 e de pessoas da comunidade.

Na transcrição dos depoimentos, a fim de tornar mais claras as informações utilizou-se de alguns procedimentos sem prejudicar a informação, tal como a eliminação de palavras de apoio, próprias do registro oral, como: "né", "então", por exemplo, e a transcrição completa de palavras, que oralmente nem sempre foram pronunciadas inteiramente.



DEPOIMENTO: SILVIO CARLOS SIMONETTI

A TV-Bauru - Canal 2 não posso precisar a data exata mas foi no final de 1959 no prédio da Bauru Rádio Clube que pertencia família Simonetti e inclusive onde era o auditório da Rádio, onde se instalou a Televisão Bauru e ficou sendo os estúdios da primeira emissora de Televisão do Interior da América Latina. Os apresentadores da rádio eram também o da TV. O João Dias Antunes - o Zito que era o noticiarista da rádio e passou a ser também da televisão. O Hélio de Aguiar era apresentador de programa de auditório, foi apresentador da televisão durante vários anos, inclusive foi de emissoras de São Paulo, posteriormente. Outras pessoas como: José Fernando do Amaral foi apresentador esportivo, João Henrique Júnior, meu primo, era narrador de corrida de cavalo - turfe pelo rádio - fez também parte da equipe o Paulo Sérgio Simonetti que também estava começando pelo rádio como locutor e participou da TV Bauru. Na verdade ninguém conhecia Televisão aqui em Bauru, nem a população, porque aqui não vinha imagem nenhuma. Algumas pessoas tinham visto televisão através do cinema ou em São Paulo, lá já existia a TV - Tupi Canal 4. Veio uma equipe de São Paulo, da REBRATEL para algumas dicas no que diz respeito a postura diante de uma câmera, como usar melhor o próprio microfone na Televisão; algumas explicações básicas. Como a própria TV brasileira surgiu do rádio também Bauru foi a mesma coisa. Bom eu lembro que..., não sei se eles fazem isto ainda hoje, mas como eu apresentava esporte, às vezes eu estava na rádio ou brincando na quadra, tinha uma quadra de basquetebol e futebol de salão no prédio da PRG-8, e às vezes faltava um locutor. Uma vez ou outra acontecia isso. Tínhamos que apresentar tal coisa; a gente corria lá colocava o paletó, gravata, lavava o rosto, passava uma base e ia para o ar. Agora existia também programa de teatro que era ao vivo, não havia vídeo tape na época. Toda a programação que a Televisão tinha, que algumas pessoas do teatro de Bauru dirigiam. Inclusive veio gente de São Paulo para dirigir, nós tivemos dois grandes diretores: o Valter



Avancini que esteve dirigindo durante uma certa época, mas era tudo ao vivo. Então, errou, errou; um fato curioso foi quando uma peça que estava sendo levada ao ar sobre uma prisão, e o desfecho deveria ser assim: o guarda, o policial fazia a chamada geral para ver se todos estavam na cela. O presidiário de um determinado número, era uma pessoa boa, mas estava no meio de outros presidiários. Houve alguns problemas com a guarda e ele morreu. Se eu me lembro bem devia chamar o nº 2300, mas esse detento 2300, não sei bem se é esse número, mas estou citando um exemplo, não responderia. E o desfecho era logicamente 2300 depois de chamar várias vezes e ninguém responder, então entrava aquele vazio, entrava o tema musical e encerrava. Só que como a gente tinha que responder várias vezes para muitas pessoas, um companheiro esqueceu que era esse o número e respondeu presente e a peça acabou assim, sem nenhuma explicação lógica. Bem, sobre a programação: a emissora entrava no ar às cinco da tarde. Inclusive um dia desses eu estava vendo em uma revista de Bauru, acho que foi a Revista Atenção, uma programação da TV Bauru e deu para recordar um pouco. Me parece que começava à cinco da tarde ou às quatro da tarde com um desenho até às seis horas. Às seis entrava um programa feminino com Clorinda Costa ia até às sete ou até seis e meia, depois tinha uma oração, uma fala de um padre de uma das igrejas de Bauru. Em seguida entrava um noticiário de meia hora *ao vivo*, o máximo que a gente usava era filmes, filmes de notícias, não tinha *tape* não. Mais tarde entrava esporte e tinha programas de shows artísticos. Assim a programação era até regular para Bauru na época, porque você não podia retransmitir. Era artista de Bauru, cantores de Bauru. No final de semana vinham pessoas de fora. Eu me lembro de Moacir Franco, do Canarinho mais um pessoal que na época não era da TV Globo porque até a TV Globo não tinha entrado no mercado era da TV Paulista Canal 5 que a Globo adquiriu. Com a presença da Globo; quando ela comprou. - A História da TV rapidamente: A televisão globo comprou a OVC - Organização Victor Costa - Canal 5 de São Paulo englobou também a TV Bauru porque a minha família já havia negociado a TV Bauru com a OVC,



mas a gente continuou trabalhando lá. Tudo bem. Porque na verdade nós não tivemos folego financeiro para conseguir manter um canal de televisão. Então meu avô João Simonetti (a gente ainda fala hoje), que ele teve visão. Um pioneiro. Pioneiro geralmente é assim. Ele pensou, lançou, conseguiu o canal através de Getúlio do qual ele era muito amigo, mas muito cedo. Essa televisão deveria ter vindo uns dez ou quinze anos depois, quando já era possível. Por exemplo agora, se nós tivéssemos... agora não, há 20 ou 15 anos atrás se a gente conseguísse um canal de Televisão, tivesse um canal de televisão não seria da Globo. A Globo o máximo que ela teria, a participação dela seria nós nos afiliarmos. Então o que aconteceria. Não vou mais discutir, mas acho o nome da Globo espetacular. Mas nós teríamos programas regionais não era tudo que a Globo coloca no ar que nós iríamos colocar. Por exemplo, nós iríamos aumentar o noticiário; eles não nos dariam apenas 5 minutos, teríamos pelo menos 20 ou 30 minutos da noite e a tarde; como é a TV Gaúcha, a RDC lá do Sul, como ela faz nós faríamos em Bauru. Mas veio muito cedo. Nós sem dinheiro precisamos entregar praticamente. Podia a OVC? Ficou com ela. A OVC acabou sendo comprada pela Globo. Dessa maneira a TV Bauru foi pioneira e com ela revolucionou-se a cultura da cidade. Abriu espaço, porque (...) e daí você vê aqui todo mundo aprendeu a trabalhar em TV na época. Formaram-se conjuntos que já existiam e atuavam em rádio e formou a televisão.

Acho que ela cooperou, ela abriu espaço para Bauru. Qualquer participação para um bauruense na televisão, abre espaço, mas foi isso daí. Os programas (...) alguns eram bem elaborados, peças teatrais, eram bem escritas. Eu participei mais do esporte que era mais simples inclusive, eu confesso. Então a gente dominava, conhecia mais esporte na época. Não precisava escrever nada, daí a gente improvisava a notícia, porque conhecia. Agora o jornalismo eles elaboravam melhor, mas não tinham câmera portátil, não tinha *video tape*, o filme chegava com dois dias de atraso. Eles mandavam de São Paulo para nós da TV Canal 5. Por exemplo: a Erundina ontem recebeu Ayrton Senna o filme



iria chegar hoje a tarde, então só amanhã ou hoje a noite que iria apresentar-se a entrevista. Então era muito atraso não tinha Embratel, não tinha nada.

Era usado o *Teleprompter* ?

Não, não existia. Isso é usado recentemente, naquele tempo era improvisação mesmo!

Existiam muitos erros nas apresentações?

Existiam falhas, como eu citei naquele exemplo do teleteatro. No começo inclusive era difícil. A câmara era fixa. Tinha espaço que ela corria assim...era uma fixa e uma de controle remoto. O diretor da TV que falava... ele controlava. Era pequenininho você não podia sair muito ou então você saía de foco. Ela não pegava mais, ela tinha um espaço de trabalho muito pequeno.

Tem algum fato que lhe marcou?

- O dia em que eu entrevistei o Pelé. Que era o maior jogador de futebol do mundo. Até hoje ainda, o tempo passa e vai anos, e continuam falando em Pelé. Isso foi em 1961 ou 1962 e *ao vivo* inclusive. Ele já havia jogado em Bauru quando criança e eu o conhecia. Ele falou: Cica acho que eu vou parar - e antes de entrar no ar, eu falei: Pelé acho bom você parar mesmo. Você já foi Campeão do Mundo, mal sabia eu, na época, que ele voltaria ser Campeão do Mundo em 1970. Agora essa entrevista com Pelé parece que foi a coisa mais importante da época.

DEPOIMENTO: MARIA ODILA CARVALHO SIMONETTI

Qual a data e local onde foi inaugurada a TV Bauru?

A data não me lembro, faz muito tempo. O local foi os altos do Jardim Bela Vista no prédio da antiga PRG-8.

Quais os apresentadores na ocasião?

Paulo Sérgio, Hélio de Aguiar, José Fernando e outros.

Qual era a preocupação com o vestuário da programação?

Aquele tempo tinha que vir todos "esfarpelados". Tinha que ter uma postura; então todos bem trajados, bem vestidos de acordo com o programa.

Qual era a programação?

Tinha noticiário, tinha teatro, tinha musical. Programa musical, deixa eu ver que mais; tinha esporte, mas não transmissão esportiva, tinha programa esportivo. A base era essa.

Qual o critério para a escolha da programação?

O diretor artístico de São Paulo é que fazia toda a programação. Mais ou menos de acordo com as emissoras de São Paulo, lógico que em menor escala, mas tinha que ser mais ou menos naquele padrão.

Qual o critério para a escolha do apresentador?

(riu) Não tinha muito que escolher, porque eram poucos os apresentadores. Mas sempre exigiam que fosse inteligentes, talvez que tivesse um bom improviso. Uma aparência mais ou menos bonita. Naquele tempo se exigia na Televisão muito a beleza física, sabe?

Como era feita a produção desses programas?



Com muita dificuldade, porque não existia *vídeo tape* ! Então se você levava um teatro tinha que ser ao vivo. Não podia errar, tinha que decorar. O Paulo Sérgio mesmo, trabalhou em diversas peças de teatro com muitos artistas que vieram de São Paulo. E ficavam até 2 ou 3 horas da manhã ensaiando, para poder ficar tudo em ordem e para poder apresentar no outro dia o programa. E, era difícil mesmo os programas de cantores também. Era tudo ao vivo, se errasse minha filha; saia errado porque não tinha concerto e nem *vídeo tape*. Hoje tem uma facilidade enorme a televisão.

Como repercutia a programação na cidade?

Ficavam encantados, porque Bauru ficou feliz com o canal de televisão, inclusive: - Para se montar o canal aqui em Bauru, foi preciso vender primeiro os aparelhos. Pois quem nos vendeu os transmissores, as câmeras, os equipamentos todos, só negociava se tivesse parece-me, que 500 aparelhos receptores para depois se montar a estação, então quando começou a funcionar, a transmitir foi um sucesso.

Existiam muitos erros na Programação?

Olha, os câmeras sabiam muito mais que os telespectadores, porque viam os erros, mas muitos caprichavam para sair tudo em ordem, faziam muito sacrifício. (conversa com filho) Lembra-se de algum fato que marcou muito? - Você lembra de algum? Já contou um? Qual você contou? Ah! da cadeia? Eu tinha me lembrado dele. Você lembra de mais algum? Também não lembro não, já faz tempinho, já esqueci.

Um que lhe emocionou bastante.

Um que me emocionou bastante? Acho que não teve nenhum que me emocionasse assim, não. Teve? eu não me lembro, eu sou meio ruinzinha de memória viu! Eu gostei muito que até me emocionou um pouco, uma "poetazinha" que esteve aqui e o nosso diretor artístico fez um cenário



maravilhoso para ela, um cenário lindo, e como ela emocionou-se ao fazer o programa com aquele cenário tão lindo a gente também emocionou-se... e eu também não sei o nome dela, não pergunte porque eu não sei, já esqueci. Lá em casa eu tenho marcado porque tiramos fotos e atrás, eu marquei, não sei, não me lembro, mais foi muito emocionante. Ela se emocionou, e nós também nos emocionamos porque estávamos assistindo.

Tem alguma coisa importante que a senhora gostaria de falar?

Gostaria de falar de importante que tudo isso a gente deve ao pioneirismo de meu sogro - Sr. João Simonetti, que trouxe Canal de Televisão para o interior na América do Sul. Então esse é um fato muito importante. Que destaca mesmo foi o primeiro canal para o interior da América do Sul, e foi meu sogro que trouxe o canal de televisão.

Fale um pouquinho de seu sogro.

Ele era um homem muito dinâmico, o João Simonetti, e ele estava adiantado no tempo, diante das outras pessoas 50 anos, ele era um homem de uma visão muito a frente, muito inteligente, um homem muito respeitador, muito dinâmico, um homem que não pensava praticamente em dinheiro, ele pensava em criar coisas, em fazer coisas para Bauru. Era um idealista, fabuloso, não pensava tanto em ganhar dinheiro não, ele queria era trazer, tanto que ele foi pioneiro aqui em Bauru: em televisão, em rádio, cinema falado, ele trouxe a primeira pasteurização de leite para Bauru, a primeira fábrica de espelho para Bauru, ele era um homem que estava sempre na frente, enxergava longe, um homem muito dinâmico, aliás os meus filhos, o meu marido, a família Simonetti segundo e terceira geração, deve tudo a ele. A esse pioneirismo dele.

Com relação aos técnicos que chegaram junto com a TV, a Sra. tem alguma lembrança que possa discurrir?



Eles vieram todos de São Paulo, já com o conhecimento - *camera-man*, o técnico, todos os que vieram trabalhar nesta parte técnica, todos só vieram de São Paulo. Não foi ninguém de Bauru. Aqui de Bauru só mesmo o pessoal que apresentava os programas, os locutores, os entrevistadores, os cantores, mais essa parte técnica vieram todos de São Paulo, o diretor artístico também veio de São Paulo. Só aproveitaram mesmo daqui o pessoal para fazer mesmo a televisão.

Como ficou a parte cultural na cidade depois da instalação da TV?

Televisão influi muito na cultura, não é bem? Mas como estava mesmo começando assim a TV, não teve essa influência que tem hoje, isso não teve, porque hoje a TV têm uma influência bárbara. Naquela época foi pequena, foi o começo.

E surgiram grandes profissionais de televisão?

Que eu me lembre ter ido para São Paulo e que está até hoje é a Maria Estela, que parece-me estar fazendo novela na Globo. A Maria Estela deixa eu ver quem é que foi para São Paulo... Foram mais pessoas que trabalharam na parte interna, técnica - *câmera-man* que aprenderam e depois foram para São Paulo, a parte artística que eu me lembre foi a Maria Estela, Cascatinha e Inhana, deixa eu ver se me lembro de mais alguém. Não estou lembrada não. Locutores, apresentadores, o Hélió de Aguiar, olha eu não falei para você do Hélió, falei sim. O Hélió de Aguiar também foi para São Paulo não trabalhou muito para televisão, mas trabalhou em rádio. Deixa eu ver se tem mais alguém, precisa puxar pela memória, acho que é só. Paulo Sérgio não foi, aqui era o galã. Paulo Sérgio que era o galã, o Silvio que trabalhava mais no noticiário também não foi, o José Fernando também não foi. É eu acho que são só esses mesmo!

Qual a preocupação com o vestuário, com os acessórios de uma maneira geral?



Tinha costureira, tinha cabeleireira, tinha maquiador, e o diretor artístico, Milton Teles, que eu falei para você pegava um tecido, assim uma peça de tecido, e, conforme a cena, ele enrola no corpo e precisava ver que lindo que ficava parecia um vestido mesmo feito, e não era, era só pano que ele dava um jeito, aquele drapeado. Coisa linda, Mas... tinha costureiro, tinha cabeleireiro, tinha maquiador, tinha tudo filha, a televisão começou bem, tanto que está aí até hoje!

Até que ano que ela funcionou?

Não pergunta data não. Não pergunta que eu não consigo guardar número. Até que ano que nós ficamos com ela. Você quer dizer e depois nós passamos... eu não lembro não. Sim, faz tempo, acho que 60. Quando foi inaugurado Brasília? 60? Então foi antes. Eu me lembro que depois, logo inaugurou Brasília. Deve ter sido então... Sabe como que eu guardo as coisas? Assim ligando os fatos. Por exemplo eu lembro que quando inaugurou Brasília nós já não estávamos mais com a televisão. É foi 59, 60 por aí, por aí se eu estou certa, não sei.

Atualmente, se tivesse oportunidade de colocaria um canal de televisão em Bauru novamente?

Não, eu acho que a televisão dá muito trabalho, muita gente, eu acho que é... prá mim não dá mais, meus filhos não sei. Eu, nem outra rádio quanto mais uma televisão. É muita mão de obra, mas eu gosto de televisão. Mas não, não queria não; começar outra experiência. Foi muito trabalhoso, muito trabalho; televisão é um negócio muito caro para se fazer também. Precisa trabalhar muito para compensar.

Programas de auditório eram muito concorridos?

Ah! minha filha, isso ia, o auditório, porque nós já tínhamos programas na G-8 de auditório de segunda a domingo. Todas as noites. Então muitos daqueles



programas nós transferimos para a televisão, e o auditório ficava superlotado. Nós tínhamos um programa na G-8 que ao meio dia já tinha gente na fila. Era o Cirquinho do Benjamim, que vem a ser a Praça é Nossa, a Praça da Alegria, o que eles fazem hoje na televisão, hoje... já vem fazendo há muito tempo na televisão, nós fazíamos no rádio, na G-8. Depois passávamos alguns desses programas também para a televisão. O que a televisão também dava condição, porque era umas duas "camerazinhas" só, filha. Não era fácil não. E aquelas câmeras pesadas, não é essas bonitinhas que põe no ombro agora não, era um negócio... Então se fez, a Praça é Nossa era o Cirquinho do Benjamim inclusive muitos daqueles quadros que tem, a gente cansou de fazer e ver. Nós tínhamos programas de calouro; calouro mirim e adulto, tinha o Cirquinho do Benjamim. Eles não fazem na televisão agora essas séries em capítulos, mini série? Nós fazíamos também. No rádio, nós fizemos Rancho Fundo, hoje tem Pantanal, nosso era Rancho Fundo, levamos diversos. Eu gostei muito do Rancho Fundo por isso que eu estou falando. Tudo em capítulos semanais. Era semanal, era grande sucesso, ficava lotado o auditório, parece que também chegamos a levar na televisão. Vários tipos de programas de hoje. Nós já fizemos naquela época, tiramos do rádio. Porque a televisão tirou muita coisa do rádio.

Programas de maior sucesso na televisão?

Na TV acho que era o teatro. Eles gostavam do teatro, porque também vieram artistas de São Paulo. (...) Como é que chama aquele baixinho, que também vinha muito aqui, aquele de cor, que vinha muito aqui? Grande Otelo? - o Canarinho! O Canarinho, tem outro cantor também, ah! meu Deus do céu. O Jair Rodrigues os primeiros programas dele foram aqui em Bauru, (...) o Moacir Franco não é? (...) Nós fazíamos muitas entrevistas, sobre diversos assuntos: político, científico, o que fosse atual, assunto atual era legal para a televisão, fazia-se entrevista dentro do jornalismo, "incrementadinha".

Como era feito o jornalismo?

Como é hoje, com dois locutores. Como a globo faz, como as outras emissoras fazem; sempre dois locutores, às vezes até três, conforme: um com especialidade(...) no esporte aí ele entrava de vez em quando. Os outros dois, um entrevistador (...) Era baseado mais no noticiário da cidade. Quando estava conosco era mais baseada nos assuntos da cidade, mas também dava notícias do país todo, internacional, nacional, tudo...

Como recebia de fora?

Não, não recebia quando estava conosco ainda não, depois que a OVC ficou com o canal aí sim eles retransmitiam parte do jornal deles e também tinha uma parte que era obrigada por lei da cidade. Era? eu acho que ainda é, tem que ter noticiário da cidade, porque o canal 2 é canal próprio, como o canal 7, canal 5, canal 13 e um canal de televisão que o meu sogro trouxe, não é expedidor, repetidor como eles repetem agora. O canal de Bauru era canal 2.

Era produzido aqui todos os programas?

Ah sim, quando estava conosco sim, toda a programação inteira era feita aqui em Bauru, por nós.

E atualmente se voltasse a produzir regionalmente?

Eu já acho que aí já ficaria difícil, porque você iria compará-lo com os programas das outras emissoras, que aqui pega muitíssimo bem, aí já cairia o padrão, porque antes também não chegava aqui outras emissoras de televisão, não tinha nenhum canal que chegava aqui em Bauru, depois é que começou a vir a imagem de outras emissoras de São Paulo. Não tínhamos televisão aqui em Bauru. E, você tinha que ver, pegava preto e branco, tudo cheio de chuva no começo e a gente achava tudo maravilha, não tinha um televisor, os primeiros televisores tivemos que vender, e depois começaram a trazer as redes repetidoras aí...acho que falei tudo, falei de mais não é?!(...) Eu tenho



tudo do canal 2, desde o dia em que montou até entregarmos para a OVC, tenho até da G-8, da fundação até hoje, meu acervo é grande, eu guardo tudo, tudo. Inclusive do canal 2 tínhamos uma revistinha semanal em que dava a programação da emissora para a semana. Saia a foto dos apresentadores, notícias de São Paulo, dos artistas, eu tenho todas as revistas desde o primeiro número, eu guardo tudo, eu tenho um acervo e tenho muitas fotos. Meus filhos costumavam dizer para mim, eles eram jovens ainda, que era besteira. Já vai levar para o baú, mamãe?! Eu pegava e dizia eu vou guardar isso aqui. Já vai levar para o baú? Mas hoje eles sabem o quanto foi bom guardar tudo, não é? Então eu costumo dizer a eles que quando eu ficar bem velhinha, quando estiver meio "esclerozadinha", eu vou pegar o baú e vou passar o dia mexendo, olhando, vendo, não sei se vai dar para ler não é? Se os olhos vão ajudar. De tanto que eu gosto daquele baú com os meus acervos todos, eu acho que vou ficar com essa mania. Mas eu guardo, tenho muita coisa. A Globo fez uma reportagem em homenagem ao meu sogro e eu forneci todo o material. Eles queriam falar sobre o canal 2 e eu forneci. Revistas? sou eu que forneço tudo, eu guardei tudo, só que de cabeça não guardo, porque eu confio no meu baú. Fico contente de vocês terem vindo, foi um prazer, quando precisar de qualquer esclarecimento estamos às ordens.



DEPOIMENTO: CÉLIO GONÇALVES

Profissão: Eu sou advogado por formação, mas me julgo sempre um radialista, um jornalista.

Qual a data e local onde foi instalada a TV Bauru?

Bom alguém já disse que Bauru também prima como de boa parte do Brasil, de ser uma cidade sem memória. Há poucos dias a Revista Atenção publicou uma matéria e houve muita discussão prévia para se saber esta data, infelizmente eu não tenho e acredito que bem poucos possam ter uma data exata, eu colocaria mais ou menos 1959. É no Jardim Bela Vista, onde hoje está a Rede Globo e que era a sede da então PRG-8 Bauru Rádio Clube que foi a detentora inicial dessa concessão.

Qual era a sua função na TV Bauru?

Bom, a televisão era novidade para Bauru e para boa parte do interior da América Latina, Bauru foi bastante intrusa, bastante pioneira, então a profissão de todos, a atividade de todos, era a que se julgasse capaz de fazer, nós tínhamos que ser apresentadores de notícias, de programas musicais, e até atores de televisão em termos de teleteatro.

Quais os apresentadores na ocasião da inauguração?

Bom, primeiro que a televisão de Bauru teve algumas inaugurações, teve um lançamento inicial onde um apresentador importante era um radialista muito conhecido. Na época muito respeitado, Hélio de Aguiar e os demais Paulo Sérgio, Silvio Carlos, José Fernando, radialistas Romildo Adani, Maria Estela, Célia Paiva, todos da antiga G-8 e que enfrentavam esse desafio.

Qual a preocupação com os vestuários dos apresentadores?

A preocupação era ver o que tinha em casa, porque cada um usava o seu, e como naquele tempo não havia video-tape tudo ao vivo, a grande preocupação



era sair vivo daquilo. Não errar muito, porque não havia possibilidade de correção e, maiores preocupações ficavam com a área do diretor artístico que incumbia-se de transformar um terno daqueles senta levanta da época na novidade do nailon! Para que a pessoa pudesse aparentar ser dos anos 30 ou de outro século. Enfim, tudo improvisado.

Como era feita a programação?

Bom, a programação até onde trabalhei, incluía tudo aquilo que se imaginava através dos diretores que vieram de São Paulo. O que uma televisão deveria ter, programas de esportes, programas de notícias, programas de música, e principalmente programas infantis, também bons espetáculos para músicas entre adultos. Os teleteatros que apresentávamos todo sábado à noite. E principalmente notícia e a música dublada ou apresentada ao vivo.

E a produção desses programas?

Bom, a história é a seguinte: Bauru obteve através de João Simonetti a concessão do Canal de Televisão, posteriormente para a implantação ele associou-se a um grupo de Santos, uma empresa chamada REBRATEL, que veio a Bauru com a preocupação de implantar a televisão e ao mesmo tempo iniciar a venda de aparelhos de TV, com esse grupo que depois se transforma na OVC "Organização Victor Costa" de São Paulo e atual Rede Globo, esse grupo trouxe a Bauru: um diretor técnico, um diretor artístico e o pessoal de operação de câmera e essa coisa toda. Então, essas pessoas é que nos orientavam de como proceder já que cada 10 funcionários acredito de 11 nunca tinham visto direito televisão até aquela época.

E haviam muitos erros?

Tem alguns que são célebres né?! Principalmente na área do teatro ou do teleteatro, mas a esse respeito é interessante deixar claro a boa vontade do espectador de Bauru. Como a maioria também não conhecia muito bem a



coisa, havia um índice de tolerância muito grande. Agora, não creio que tinha erro que pudesse comprometer o trabalho de ninguém, era um esforço muito grande, a maioria de jovens e com muito entusiasmo e não me lembro de nenhum que pudesse comprometer o trabalho da equipe.

E houve algum momento que marcou bastante a TV Bauru?

A própria TV Bauru foi um marco para pouca gente esquecer, porque, repito, é a pioneira no interior da América Latina é uma coisa muito forte. Acho que só isso bastaria. Outro ponto, é a conquista por uma família dedicada ao rádio em Bauru que é a família Simonetti e também o desafio que aqueles jovens todos enfrentaram. Significando então um marco na vida da cidade, um profissional que deu um pouco da sua competência, de seu entusiasmo, para que a televisão fosse uma realidade.

Sendo a pioneira da América Latina, o que ela trouxe para Bauru em termos de divulgação?

Eu acredito que essa divulgação ocorre do fato de Bauru ter conquistado esse canal.(...) A imprensa toda, as pessoas, não apenas de nossa pequena região, mas também dos grandes centros que tiveram conhecimento desse pioneirismo de Bauru.

O que o Sr. gostaria de falar sobre a TV?

É, eu gostaria de falar o seguinte: Eu li o que o Paulo Sérgio Simonetti escreveu na edição da revista Atenção, que falou da televisão de Bauru, estou com ele em um ponto, guardada as devidas proporções. Eu acredito que tenhamos feito alguma coisa da qual Bauru não se envergonharia hoje. Lá se vão mais de 30 anos e acredito que comparado ao que se fez naquela época com o que se faz hoje, e também, vamos admitir as dificuldades para se fazer alguma coisa local nos dias de hoje. É muito difícil ter uma emissora absolutamente local, tudo isso, essa rede toda, essas redes que correm o Brasil

todo, então eu acho que a mensagem que deve ficar é essa de admiração, de pessoas que se valeram apenas do entusiasmo para transformar um sonho em realidade, ou pelo menos iniciar esse processo de tornar concreto uma conquista cultural e também de lazer e de informação, como foi a TV Bauru - Canal 2.

DEPOIMENTO: PAULO SÉRGIO SIMONETTI

Para entender o que significou o começo da televisão em Bauru é preciso saber que na época (final da década de 50 e início da década de 60) a cidade recebia mais ou menos a imagem do canal 7 (Record) E começava, muito mal, o sinal da TV Tupi - Canal 4. Fazer televisão hoje no interior, com programação própria, é uma coisa muito diferente daquela época. Em segundo lugar, a cidade e região ainda não registravam um número significativo de receptores. Ao contrário... eram bem poucos. Foi neste quadro que começamos a "fazer TV" em Bauru. Aqui, estavam técnicos e engenheiros da REBRATEL, gente de muita competência, e profissionais das áreas diretivas, também altamente credenciados. E isso foi uma vantagem muito grande. Essas pessoas souberam aproveitar alguns talentos que existiam na cidade, especialmente no Rádio e nos meios artísticos em geral e, embalaram e dirigiram esse potencial para o novo veículo. Acredito que pudemos fazer boas coisas na Televisão e não tenho nenhum constrangimento em afirmar que fizemos muito mais e melhor (guardadas as proporções) do que se faz hoje no interior! Além dos musicais, programas infantis, entrevistas e outros, ainda tínhamos a petulância de desenvolver programas de jornalismo esportivo e teatro... pasmem... teatro! E fizemos! fizemos bem feito! No esporte, por exemplo, no início da década de 60, eu pessoalmente transmiti "ao vivo" o jogo do Santos de Pelé, em Bauru. Na época o Canal 2 já pertencia a OVC (Organização Victor Costa). Bauru, só voltou a fazer isso na década de 80. Eu mesmo transmiti alguns jogos para a Globo. No teatro realizamos com muito sucesso (e o público de Bauru era sabidamente exigente) vários "casos especiais". Muitos deles foram dirigidos por nada menos que Walter Avancini. Eu também trabalhei sob seu comando e



posso testemunhar isso. Na linha de shows e musicais, recebíamos Ted Moreno, Tito Madi, Peri Ribeiro, Canarinho, Paulo Silvino, Altemar Dutra, Raul Gil, que vinham toda semana, cada um em determinado dia, para apresentar seus programas. E um fato incrível: Tudo era feito ao vivo! Não havia ainda o recurso do *Vídeo-tape*.

ANEXOS



SUMÁRIO DE ANEXOS

ANEXO 01: Organização N. de Macedo e Cia Ltda. responde à consulta sobre custos e tramitações legais 116

ANEXO 02: Equipamentos: oferta multinacional - Phillips Internacional Corporation 118

ANEXO 03: Bolha de pavo: já existe um canal Bourgeois de Televisão 127

ANEXOS

ANEXO 04: Congratulações do Vice Presidente 129

ANEXO 05: Documentos da lavatura de contrato de concessão - Ministério da Viação e Obras Públicas 131

ANEXO 06: Instalação - Parecer Confidencial 134

ANEXO 07: Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo: Análise da Proposta/REGRATIB 140

ANEXO 08: Instalação da TV no Prédio da PRO 143

ANEXO 09: Anotações do Sr. João Simoes 148

ANEXO 10: Prazo para instalação definitiva do transmissor 153

ANEXO 11: Solicitação de afiliação e renovação de licença 158

SUMÁRIO DE ANEXOS

ANEXO 01: Organização N. de Macedo e Cia Ltda. responde à consulta sobre custos e tramitações legais.....	116
ANEXO 02: Equipamentos: oferta multinacional - Phillips Internacional Corporation.....	118
ANEXO 03: Folha do povo: Já existe um canal Bauruense de Televisão..	127
ANEXO 04: Congratulações do Vice Presidente.....	129
ANEXO 05: Documentos da lavratura de contrato de concessão - Ministério da Viação e Obras Públicas.....	131
ANEXO 06: Instalação - Parecer Confidencial.....	134
ANEXO 07: Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo: Análise da Proposta/REBRATEL.....	140
ANEXO 08: Instalação da TV no Prédio da PRG-8.....	143
ANEXO 09: Anotações do Sr. João Simonetti.....	148
ANEXO 10: Prazo para instalação definitiva do transmissor.....	155
ANEXO 11: Solicitação de aferição e aprovação de horário.....	158



Organização N. de Macedo e Cia Ltda
29 de Outubro
1955

Prezados Senhores,

TRIBUTÁRIO

Conforme solicitação dos Amigos, apresento a seguir a documentação necessária para a obtenção de uma licença de funcionamento de uma indústria de transformação de alimentos.

a) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

b) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

c) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

ANEXO 01: Organização N. de Macedo e Cia Ltda responde à consulta sobre custos e tramitações legais

d) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

e) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

f) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

g) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

h) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

i) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.

j) O estabelecimento é uma indústria de transformação de alimentos, localizada no município de São Paulo, Estado de São Paulo, sob o nome de Organização N. de Macedo e Cia Ltda.



Organização N. DE MACEDO

& CIA. LTDA.

EL UNIDOS CANADÁ FRANÇA INGLATERRA

REPRESENTANTE EXCLUSIVA DE ESTAÇÕES DE RÁDIO

Rb10/2 - 2022
RIO DE JANEIRO
29 de Outubro
1955

Bauru Rádio Clube S/A
BAURU - S. Paulo

Prezados Senhores.

TELEVISÃO

Conforme solicitação dos Amigos, passamos a responder alguns itens formulados, com respeito ao canal de televisão ora reservado para esta emissora.

a) É imprescindível que o capital social seja elevado para o mínimo de 8.000.000,00 (oito milhões de cruzeiros) A C.T.R. não aceitará apenas a comprovação de existência de patrimônio nesta importância.

b) O prazo para cumprimento desta formalidade é de 180 (cento e oitenta) dias a contar de 7 p.p., data da publicação em Diário Oficial.

c) Estivemos em contato com a RCA, tomando informes sobre orçamento para a nova emissora, que que expianamos abaixo.

A RCA não possui em estoque estações televisoras. A importação do material deverá ser feito pela entidade concessionária, que conseguirá com isto melhor cotacão na cambial, diretamente com a RCA nos Estados Unidos.

A firma supra nos informou que uma emissora de 2 (dois) kwa de potência, 3 (tres) cameras, unidade móvel, - projetores para films e outros acessórios, está orçada em aproximadamente U.S.\$ 260.000 dollars, ou seja por volta de \$ R\$ 13.000.000,00 (treze milhões de cruzeiros).

O Sr. Walter Obenmuller, diretor da RCA, saienta que pela complexidade do assunto, seria de bom alvitre que viesse a nossa Capital um dos diretores da PRG-8, para melhor estudar este assunto.

Sem mais, sempre ao inteiro dispor dos nobres Amigos, firmamo-nos mui, atenciosamente

RZR/NA.

SÃO PAULO

Praga da República, 64 - 10º andar - Caixa Postal, 247
End. Teleg.: "RADICO" - Fones: 36-4546 - 36-4547
e 36-8085



Rua do Máximo, 41-11 - and. Conj. 1º - Caixa Postal, 5125
End. Teleg.: "SEURADICO" - Fones: 32-1244 - 32-1256
e 32-3808

[Handwritten signature]
RIO DE JANEIRO

1
Diretoria de
Serviço Rádio Clube
CURTIS - RJ

Prezada Senhora:

Desde chegada ao Rio de Janeiro, sou Sr. J. J. Torres benefici-
ciário do plano de televisão para o Rio de Janeiro, objetivando ir ao encontro aos
seus desejos, expressando, de qualificação de representantes da "Phillips Internacio-
nal Corporation" - Divisão Internacional e Industrial, em uma submissão sobre
a oferta, uma proposta - divisão de quatro grupos - para uma estação de TV, a
sua estação, 1110 metros em 1.500, com todos os equipamentos necessários de
transmissão e recepção.

O equipamento aqui proposto, engloba-se de necessidade de
Sr. J. J. Torres, que se dá a resposta a sua qualificação superior de transmissão,
além de sua especialização técnica, bem como de sua grande experiência, relativa

ANEXO 02: Equipamentos: oferta via multinacional - Phillips Internacional Corporation

Este, portanto, Sr. J. J. Torres, que se dá a resposta a sua qualificação superior de transmissão,
além de sua especialização técnica, bem como de sua grande experiência, relativa
a esta estação, 1110 metros em 1.500, com todos os equipamentos necessários de
transmissão e recepção.

Subscrevo, assim, uma análise diferente de plano entre os
contornos e outros, isto porque os fabricantes, considerando a necessidade de
um transmissor de potência inferior, este sendo necessário, que permitisse a
utilização da televisão em todos os estados.

Este sendo, portanto, Sr. J. J. Torres, que se dá a resposta a sua qualificação superior de transmissão,
além de sua especialização técnica, bem como de sua grande experiência, relativa
a esta estação, 1110 metros em 1.500, com todos os equipamentos necessários de
transmissão e recepção.

Entretanto, é preciso dizer que, Sr. J. J. Torres, que se dá a resposta a sua qualificação superior de transmissão,
além de sua especialização técnica, bem como de sua grande experiência, relativa
a esta estação, 1110 metros em 1.500, com todos os equipamentos necessários de
transmissão e recepção.

Entretanto, é preciso dizer que, Sr. J. J. Torres, que se dá a resposta a sua qualificação superior de transmissão,
além de sua especialização técnica, bem como de sua grande experiência, relativa
a esta estação, 1110 metros em 1.500, com todos os equipamentos necessários de
transmissão e recepção.

- segue -

São Paulo, 30 de junho de 1956.

1
Diretoria da
Baurú Radio Club
BAURÚ - Sp

Presados Senhores:

Tendo chegado ao meu conhecimento que Vv. Ss. foram beneficiados com um canal de televisão para Baurú e, objetivando ir de encontro aos seus desejos, apresso-me, na qualidade de Representante da "Philco International Corporation" - Divisão Governamental e Industrial, em lhes submeter anexo a esta, uma proposta - dividida em quatro grupos - para uma estação de TV a sua escolha (150 watts ou 1 Kw), com todos os equipamentos essenciais de transmissão e estúdio.

O equipamento ora propôsto, enquadra-se às necessidades de Vv. Ss., quer no que diz respeito a sua qualidade superior de transmissão, - aliado ao seu reduzidíssimo custo, bem como ao seu prazo de entrega, relativamente curto.

Isto pôsto, permitam-me Vv. Ss. esclarecer que graças ao extraordinário incremento no campo da eletrônica, nos Estados Unidos, onde a Philco vem tomando parte saliente, tornou-se possível o lançamento no mercado, em data recente, do já famoso "Low Power Television Station" ou seja Estação de Televisão em Baixa Potência. Essas estações são precisamente idênticas às anteriores de alta potência e em nada ficam a lhe dever, no campo de padrão de qualidade.

Entretanto, existe uma enorme diferença de preço entre um conjunto e outro, isto porque os fabricantes compreenderam da necessidade de um transmissor de potência inferior, até então inexistente, que permitisse a infiltração da televisão em todas as cidades.

Assim sendo, verificou-se o esperado ou seja o espetacular sucesso obtido, haja visto a grande quantidade de instalações que foram e estão sendo procedidas, não somente nos Estados Unidos, como no México, Venezuela, Cuba e outros países, com resultados altamente satisfatórios.

Efetivamente, é sabido hoje em dia, que com a apresentação dos novos modelos de transmissores e seus componentes, a televisão estendeu-se pelos quatro cantos do globo, o que outrora era impraticável dado ao elevado custo, não somente do equipamento em si, porém, acima de tudo, da sua manutenção anti-econômica e, conseqüentemente, proibitiva.

Revertida a situação onde outrora, somente as grandes metrópoles eram favorecidas com a televisão, hoje - com o novo desenvolvimento - qualquer cidade poderá adquirir a sua estação a sua escolha, de acordo com a potência desejada, sem que para tanto incorra em vultuosas despesas.

- segue -

Enorme são as facilidades que tais estações oferecem, a saber:

- 1 - Reduzido custo de instalação
- 2 - Reduzido custo de manutenção
- 3 - Reduzido espaço para a instalação do transmissor
- 4 - De instalação rápida e pronta para funcionamento em dias.
- 5 - Reduzido pessoal para operação.

Além do mais, ressalta nesses modernos transmissores, a sua grande elasticidade, por quanto qualquer aumento de potência, poderá ser feito incontinenti e também, por outro lado, eles estão construídos de tal forma que poderão operar tanto em preto e branco, como em cores.

Isto pôsto, nota-se que, por todos os motivos expostos, a estação ora em oferta, é realmente a ideal para Vv. Ss., quer pela sua performance, custo, manutenção e instalação.

E assim sendo, a seguir acha-se descrita, para o seu governo, em linhas gerais, uma estação completa de TV PHILCO, com os itens que a compõe :

TRANSMISSOR

1 transmissor de televisão de 150 watts em VHF
modelo VBT-1.

Esse transmissor está capacitado para transmitir um mínimo - de 150 watts, de poder visual para a linha de transmissão e tem a seguinte configuração :

Os moduladores visuais e finais da auresa são gerados em nível baixo, nas frequências de VHF.

A N T E N A :

1 antena para o transmissor acima (FOUR BAY) em Banda Baixa VHF com ganho de 5 DB - MODELO VIA-1

A antena acima, com ganho de 5 DB, é fabricada especialmente - para televisão e traz a marca já famosa da " Adler Electronics". De construção sólida e apropriada para todas as circunstâncias, apresenta-se com elementos em "V" supridos por uma seção de 1 - 5/8" de cabo coaxial de transmissão " AIR DIELECTRIC".

MONITOR DA ESTAÇÃO TELEVISORA :

1 monitor completo modelo 335 E

O monitor da estação televisora, modelo 335 E, fabricado por "Hewlett Packard", cobre todos os canais de televisão de 2 a 83. Esta provido de indicadores visuais para a frequência de desvio tanto visual como auresa e também porcentagem de modulação auresa.

- segue -



DEMULADOR :

1 demulador em VHF modelo DM 1

O demulador modelo DM-1 para VHF é de alto padrão de qualidade e indicado especialmente para este fim.

VIDICON FILM CHAIN - modelo PA 505

(cadeia de film para estúdio)

Este conjunto de film Vidicon se compõe de vários itens , descritos abaixo, cuja função específica diz respeito à transmissão de - films e slides em conjugação com o projetor de films. (não confundir com aparelhamento de cameras para transmissão de programas ao vivo).

- a) Vidicon modelo 6326
- b) Lentes de 25 mm para câmera
- c) Power supply
- d) Câmera
- e) Video Chassis
- f) Painel de controle
- g) Sweep chassis
- h) Bias supply
- i) Cabo interconector de força
- j) Video Sweep
- k) Cabo controle
- l) Livro de instruções

PROJETOR DE 16 MM PARA TELEVISÃO

Projetor de film de 16 mm modelo 614 CVM

Fabricação da famosa marca mundialmente conhecida, BELL & HOWELL, desenhado e construido especialmente para a televisão. Apresenta o mais alto padrao de qualidade.

CONJUNTO PARA PROGRAMAS AO VIVO E ACESSÓRIOS

Esse conjunto compõe-se de todo o equipamento necessário - para a transmissão de programa de estúdio ao vivo, onde inclui câmera, monitor de imagens, tripé, tripé dolly, lentes, microfones, microfones boom stand, cabos e acessórios.

CAMBIADOR DE SLIDES 2 x 2 "

Cambiador Telojector

Pedestal Telojector modelo 63 A

O cambiador de slides 2x2" é de fabricação moderna e atualmente usado na maioria das estações televisoras do mundo. De simples e fe

-segue-



cil manêjo.

AUDIO/VIDEO CONSOLETE DE CONTRÔLE

Consolete Audio/Video modelo AVC2

Housing Console para o Master Monitor

Housing Console para a Câmera de film

84" Rack com porta traseira

Portas laterais para o rack de 84"

Painéis laterais para o "Housing Console"

Kit misturador de video para o video Fade
com facilidades.

De Lap para a consolete.

A consolete MODÉLO AVC-2 de Audio/Video vem provido de dispositivo para a mudança de video, misturador de audio e controle de mudança do projetor /slide.

O painel misturador de audio foi fabricado para controlar 4 programas diferentes e também acha-se adequado para muitas outras aplicações.

REPRODUTORA DE DISCOS

Gabinete modelo TT-14B com 3 rotações com braço de tonalidade, cabeça de pick-up e equalizador.

Esse gabinete para reprodução de discos é de alta sensibilidade e ideal para a transmissão de discos de 33, 45 e 78".

MICROFONES E ACESSÓRIOS

Modelo 635 EY - Dinâmico

Modelo 420 EY - com suporte para mesa

POWER SUPPLIES

24 VDC - 5 Amperes

500 MA - regulador de força

GERADOR SINCRONIZADOR

Gerador modelo 2204

MONITORES

21" montado em gabinete modelo GP-21C

Monitor Master

- segue -



- continuação -
fl. 5

RECEPTOR VHF E ACESSÓRIOS

Receptor VHF modelo AV - 12 A

Balun - 1219

Contrôle de cristal, conversor do receptor
VHF (canal simples)

Finalizando, tenho prazer de fornecer a Vv. Ss.
qualquer outras informações adicionais que julgarem necessário
e, aguardando o pronunciamento de Vv. Ss., subscrevo-me

Mui atentamente,

- J. BRADY -

Anexo: Proposta formulada em 4 grupos,
cuja escolha ficará ao critério
de Vv. Ss.

JB/fs.

PROPOSTA PARA UMA ESTAÇÃO DE TELEVISÃO
DIVIDIDA EM QUATRO GRUPOS

GRUPO I : (não inclui programa de estúdio ao vivo)

ITEM :	QUANT:	DESCRIÇÃO :
1	1	- Transmissor de televisão com potência de 150 watts VHF, modelo VBT-1, incluindo um jogo de válvulas e cristais.
2	1	- Antena para o transmissor acima(FOUR BAY) VHF Ban da Baixa e ganho de antena de 5 DB.
3	1	- Monitor para a estação televisora modelo 335 E.
4	1	- Demulador VHF modelo DM - 1
5	1	- Conjunto Vidicon de film modelo PA-505, que inclui: tube Vidicon tipe 6326; lentes de 25 mm para a camera; Power supply; video chassis; painel de controle; sweep chassis; Bias supply; cabo de - força interconector; video - sweep jumper; cabo controle; livro de instruções, Multiplexer com as respectivas lentes.
6	1	- Projeter de filmes 16 mm para televisão, modelo - 614 CVEM
7	1	- Cambiador de slides "Telejector" com o pedestal tipe 63 A.
8	1	- Consolete de controle Audio/Video-modelo AYC2, - acompanhado de um "Console Housing", para o monitor master e com " Console Housing" para a camera de filme; um "Rack de 84" com porta traseira; paineis laterais para o Rack acima; paineis laterais para o console Housing; Kit misturador de Video.
9	1	- Gabinete reprodutora de discos com 3 rotações, modelo TT-14B que inclui o braço de tonalidade; cabeça de Pick-up e equalizador.



- segue -

ITEM	QUANT.	DESCRIÇÃO
10	2	- Microfones: um dinâmico modelo 635 KV e outro para mesa modelo 420 KV.
11	1	- "Power Supply" modelo 24 VDC, de 5 amperes e um regulador de forma 500 MA.
12	1	- Gerador sincronizador modelo 2204.
13	1	- Monitor de 21" montado modelo CF-17R
14	1	- Monitor Master
15	1	- Receptor VHF modelo AV-12A
16	1	- Balun - 1219
17	1	- Receptor VHF de controle de conversão de cristal.

GRUPO II (Opcional)

A mesma descrição de Grupo I, com inclusão de equipamento para programa de estúdio ao vivo, que se compõe:

1	1	- Câmera Orthecon e seus acessórios
2	1	- Tripé de metal
3	1	- Tripé "Dolly"
4	1	- Microfone uniaxial
5	1	- Boom stand

GRUPO III

A mesma descrição de Grupo I, incluindo um transmissor de 1(un) KV ao invés de 150 watts:

1	1	- Transmissor de potência de 1 KV em Banda baixa, incluindo um jogo de válvulas e cristal.
---	---	--

GRUPO IV

A mesma descrição de Grupo III, incluindo um transmissor de 1 KV ao invés de 150 watts e também equipamento para programa de estúdio ao vivo.

PREÇOS :

GRUPO I - Estação de televisão completa, com um transmissor de 150 watts VHF, com equipamento para programa de estúdio ao vivo.

US\$:- 34.600,00

- segue -

PREÇOS - (continuação)

GRUPO II - Estação de televisão completa, com um transmissor de 150 watts VHF, incluindo o equipamento para - programa de estúdio ao vivo.

US\$:- 78.500,00

GRUPO III - Estação de televisão completa com um transmissor de 1 Kw, sem equipamento para programa ao vivo.

US\$:- 75.000,00

GRUPO IV - Estação de televisão completa com um transmissor de 1 Kw, incluindo o equipamento para programa - de estúdio ao vivo.

US\$:- 96.800,00

Os preços cotados acima são líquidos, para pagamento em moeda corrente Norte Americana, FOB Fabrica Philadelphia - Estados Unidos da America do Norte.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO :

O combinado mutuamente por ocasião do fechamento definitivo da compra.

PRazo DE ENTREGA:

A entrega dos equipamentos constantes nos grupos I e II, será feita em Philadelphia - USA, no prazo de 120 dias após a data do recebimento da respectiva licença de importação, nos Estados Unidos.

Entretanto, para entrega do transmissor constante nos - grupos: III e IV, esse prazo fica alterado para 210 dias após o recebimento da respectiva licença de importação.

VALIDADE DE PROPOSTA:

Esta proposta é válida até o dia 8 de Setembro de 1956, salvo modificação por escrito.

São Paulo, 27 de junho de 1956.

- J. BRADY -

JN/rs.

ANEXO 03: Folha do Povo: Já existe um Canal Bauruense de Televisão

Folha do Povo

Quarta-feira 23 de Julho de 1958

no 7341

AUSPICIOSA NOTICIA PARA BAURU

Já existe um canal bauruense de TV.

O sr. João Simoneiti, diretor-presidente da PIG-8 — Bauru Rádio Clube, recebeu ontem, cerca das 21,30 horas,



Dep. João Batista Ramos

em telefonema do deputado sr. João Batista Ramos, no qual o prestigioso parlamentar produziu um telegrama que havia recebido, momentos antes, da Presidência da República, nos seguintes termos:

«Deputado Batista Ramos — Câmara dos Deputados — Comunico ao prezado amigo, a ordem do sr. presidente da República, que acaba de ter

assinado o decreto que estabelece concessão de TV para Bauru, em nome de Bauru Rádio Clube — Atenciosas saudações — Victor Nunes Leal — chefe da Casa Civil do Presidente da República.»

Concretiza-se assim um velho e acalentado sonho do grande empreendedor, que é o sr. João Simoneiti, incansável batalhador das grandes causas em prol do engrandecimento e a projeção da nossa cidade, de justiça que salemos aqui o trabalho profícuo que



Sr. João Simoneiti

desenvolveu o deputado sr. João Batista Ramos, para que se tornasse uma realidade a consecução de um canal de televisão para a nossa cidade.

Nossos parabéns ao pejeador João Simoneiti, simpática e indispensável figura do progresso de Bauru; parabéns ao deputado sr. João Batista Ramos, que a cada dia mais se identifica com os anseios da nossa terra, merecendo o nosso carinho e a nossa admiração.

ANEXO 04: Congratulações do Vice Presidente

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE EXPEDICAO 1850	CARIMBO DA ESTAÇÃO 	INDICAÇÃO DE SERVIÇO TAXAS E ENDREÇO	DE PARA DESENTE JOAO SIMONETTI DIRECTOR PRESIDENTE DA SAUVU RADIO CLUBE SAUVU CP
Recebido: De <u>11 CL</u> às _____ horas por _____			
PREAMBULO 39 DE AIO DE 129700 33 8 19			
O preambulo contém as seguintes indicações do serviço, especie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora de apresentação.			
HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
TEXTO E ASSNATURA	CONGRATULO ME AMIGO GRANDES VITORIAS PT ESTOU CERTO QUE SEU		
	CANAL TELEVISAO ESTARA SEMPRE NA PRIMEIRA LINHA DEFESA IDEAS-		
	NACIONALISTAS INCORTAL PRESIDENTE GETULIO VALGAS PT ATTS SAUVU		
	JOAO COULANT		

Mod. 562

ANEXO 05: Documentos da lavratura de contrato de concessão - Ministério da Viação e Obras Públicas



Organização N. DE MACEDO

& CIA. LTDA.

EL UNIDOS CANADA FRANCA INGLATERRA

REPRESENTANTE EXCLUSIVA DE ESTAÇÕES DE RÁDIO

Rb10/2 - 2086
RIO DE JANEIRO
24 de Outubro
1958

1
Bauru Rádio Clube S/A
BAURU - S. Paulo

Prezados Senhores.

" DOCUMENTO TRIBUNAL CONTAS TV. "

Acusamos o recebimento da favor de VV. SS., datado de 8 do corrente anexando documentos referentes a lavratura do contrato de - concessão de Televisão.

Os referidos documentos foram encaminhados sob nº - 40.454 a 24 do corrente. Segue cópia.

Outrossim estamos expedindo telegrama nesta data soli citando nos seja enviado com a máxima urgencia, novas fotocopias autenticadas dos títulos de eleitor dos diretores, com a rubrica do juiz, comprando que votaram na última eleição de 3/10, rubrica esta aposta no verso do proprio título.

Será também necessário a publicação em Diário Oficial dos estatutos dessa emissora, pois a enviada não tem validade perante o Tribunal de Contas.

Lembramos outrossim que todos estes documentos devem estar em nosso poder até dia 10 de novembro proximo.

Sempre ao inteiro dispor, firmamo-nos com estima e re al apreço.

Atenciosamente,

Organização N. DE MACEDO

RAEL Z. RIBEIRO - G.
Fund. - Rio

BZR/NA.

*providenciado
pelo Rafael
5-11-58
em S. Paulo*

SÃO PAULO

Praga da República, 84 - 10.º andar - Caixa Postal, 247
End. Telegr. : "RADICO" - Fones: 36-4848 - 36-4847
e 36-0008



RIO DE JANEIRO

Rua do Moleiro, 41 - 11.º andar - Conj. 102 - Caixa Postal, 5128
End. Telegr. : "SEURADICO" - Fones: 22-1088 - 22-0398
e 22-3888

EXMO. SR.

MINISTRO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

A BAUREU RADIO CLUBE S/A., concessionária do serviço de Televisão, na cidade de BAUREU, Estado de São Paulo, conforme Decreto nº 44.434 de 10/3/58, vem pelo presente muito respeitosamente apresentar para a devida aprovação de V. Excia., os documentos abaixo relacionados, destinados ao Tribunal de Contas da União, e referentes à lavratura do contrato de concessão.

- a) Estatutos
- b) Folhas de Diário Oficial contendo alterações estatutárias e - eleição diretoria atual.
- c) Certidão negativa de quitação Lei Dois Terços
- d) Certidões negativas de quitação com o Imposto de Renda
- e) Fotocópias títulos eleitor dos diretores.
- f) Fotocópias verificados militares dos diretores
- g) Fotocópias do título de eleitor e certificado militar do procurador.
- h) Procuração em nome do sr. Rael Ziller Ribeiro

Respostas Fornecidas

Pede Deferimento.

40.454

24-10-58

Das Múrcias - 41 a/1102
D.J.

Quarta, 11 de agosto de 1956.

SECRETARIA

(Confidencial)

ASSUNTO: Instalação de
TV-Paraná.

Assessoria: João Simões,
Eduardo Antônio de
Faria A. Costa.

Senhores:

Assessoria: João Simões,
Eduardo Antônio de
Faria A. Costa.

ANEXO 06: Instalação - Parecer Confidencial

Assessoria: João Simões,
Eduardo Antônio de
Faria A. Costa.

Assessoria: João Simões,
Eduardo Antônio de
Faria A. Costa.

Assessoria: João Simões,
Eduardo Antônio de
Faria A. Costa.

Assessoria: João Simões,
Eduardo Antônio de
Faria A. Costa.

Bauru, 11 de agosto de 1958.

RELATÓRIO
(confidencial)

ASSUNTO : Estudos preliminares da
TV-Bauru.

As senhores João Simonetti,
Nicola Avallone Jr.
Horacio A. Cunha.

Senhores:

Incumbido por V.V.S.S. de efetuar, como advogado, os estudos preliminares indispensáveis à instalação de uma estação de televisão em Bauru, tomei a iniciativa de procurar o tipo padrão que nos servisse de modelo para nossa futura organização.

O nosso conhecimento anterior nos indicava a estação emissora de Santos que, apesar de se utilizar do Canal 5(Radio Record), possui as mesmas características da que estamos planejando para Bauru. Em tudo semelhante: potência, despesas de instalação, manutenção, pessoal técnico. As grandes organizações não nos seriam uteis, pela disparidade de amplitude funcional e econômica.

Assim, na última Sexta-feira, conforme combinação prévia, dirigi-me a Santos, entrando imediatamente em contato com a direção da Radio Club de Santos, que é a base da TV-Canal 5, da Organização Victor Costa. O seu diretor administrativo, que o é também da Rede Brasileira de Televisão(Rebratel), fabricantes de equipamento emissor e de aparelhos receptores, Sr. Saulo Ramos, nos prestou todas as informações desejadas, não só como membro da direção da TV, como também como diretor da Rebratel.

Tivemos em mira saber o seguinte: a) viabilidade da TV em Bauru; b) custo do equipamento completo, inclusive montagem, c) custo do pessoal, d) custo da manutenção da TV em funcionamento, com vistas à produção econômica, e) capital necessário ao empreendimento e forma societária mais indicada.

A REBRATEL, acima citada, nos prestou todos os esclarecimentos indispensáveis ao nosso raciocínio. A estação emissora é fabricada no Brasil, com exclusividade por ela e outros equipamentos(câmeras, "slides" etc.) são importados. Com seu auxílio a estação poderá posta em funcionamento, a

digo, poderá ser posta em funcionamento, a grosso modo, pela despesa de mais ou menos G\$7.000.000,00 (sete milhões de cruzeiros): A Rebratel fornece o equipamento, realiza a montagem e nos prestará toda a assistência para atingir nosso objetivo. A venda será feita do modo que se combinar em tempo, podendo ser parte do preço financiado.

Como fabricantes de aparelhos de recepção, estabelecem conosco consórcio para a venda dos mesmos, mediante comissão.

Pelos dados fornecidos pela Rebratel, que juntamos a este relatório, verifica-se que o empreendimento é viável. O comércio de Bauru e região, coadjuvado pelo poderoso mundo industrial e mercantil da Capital do Estado, suportará o onus da empresa. O cálculo de manutenção do pessoal atinge mais ou menos \$130.000,00 (cento e trinta mil cruzeiros) mensais. São despesas absolutas, fatais, mínimas, as que são relacionadas no orçamento incluso.

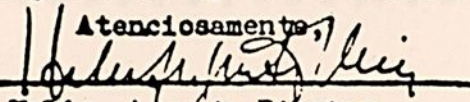
TIPO SOCIETÁRIO

O tipo societário recomendável é Anônimo. Não se deve cogitar de sociedade nova, incorporando a atual que explora a PRG-8, Bauru Radio Club e sim a ampliação do capital desta. É o mais fácil, que carregará onus menos pesado, principalmente eliminando o processo demorado de transferência do canal concedido.

CAPITAL MÍNIMO - O problema deve ser estudado com mais delongas. Mas, pelo menos será de \$10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros). Dependerá do montante do capital imobilizado existente, pois necessitaremos de recursos equivalentes a 5 milhões em dinheiro para pôr em funcionamento a TV.

FUNCIONAMENTO - A estação funcionará, inicialmente, à base de filmes, de baixo custo, com propaganda intercalada. Alguns programas ao vivo poderão completar a programação de 3 (três) horas diárias, na forma que estabelecer o interesse comercial da empresa e os hábitos locais. Notamos que todas as estações televisoras em ação em S. Paulo usam esse método.

Junto ao presente os orçamentos (cópia) fornecidos pela Rebratel.

Atenciosamente,

Helio Augusto Ribeiro

C Ó P I A

Santos, 9 de agosto de 1958

P E S S O A L F I X O D A E M I S S O R A

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO

1 Contador.	1	8.000,00
1 Auxiliar.		<u>5.000,00</u>
		13.000,00

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Publicidade - 1 Chefe de Seção	8.000,00
Produção comercial- 1 Encarregado.	6.000,00
Arquivista de "slide" e "jingle".. . . .	<u>4.000,00</u>
	18.000,00

DEPARTAMENTO ARTÍSTICO

PROGRAMAÇÃO

1 Produtor.	8.000,00
Cenógrafo	5.000,00
Carpinteiro	3.600,00
Maquinista (Contraregra)	6.000,00
Iluminador (Eletricista)	5.000,00
2 Diretores de TV a 6.000,00 cada um.	12.000,00

DEPARTAMENTO TÉCNICO:

1) Operador de transmissores	6.000,00
--	----------

ESTÚDIO

Chefe de operações.	8.000,00
Operador de vídeo	6.000,00
Operador de som	5.000,00
Operador de "slide"	3.600,00
Operador de "boom".	1.800,00

CÂMERAS:

1 Câmera de 1a.	6.000,00
1 Câmera de 2a.	5.000,00
1 Aprendiz de câmera.	3.600,00

CINEMA

1 Cinegrafista	7.000,00
1 Arquivista	5.000,00

Helio Augusto Ribeiro TOTAL GERAL : 121.600,00

C Ó P I A

Santos, 9 de agosto de 1958.-

EMISSORA DE TV PARA 100 WATTS

FABRICAÇÃO DA RE-RATEL:-

- | | |
|---|--------------|
| 1) Transmissor 100watts video 60 wats som | 2.000.000,00 |
| 2) 1 jogo completo de válvulas sobressalentes: | |
| Video: 49.220,00 | |
| Som: 21.250,00 | |
| Total: 71.170,00 | |
| 3) 1 jogo completo de cristais sobressalentes, com câmara térmicas..... | 8.900,00 |
| 4) Antenas para o canal 2 | 100.000,00 |
| (As antenas podem ser de vários tipos, conforme o ganho de potência que se pretenda obter). | |
| 5) Switch (Operação de video) | 50.000,00 |
| 6) 4 monitores | 160.000,00 |
| 7) 5 Spot-Lights | 60.000,00 |

T o t a lCr.\$ 2.520.540,00

MATERIAL DE IMPORTAÇÃO:

- | | |
|---|---------------------|
| 1) <u>Projektor de filmes e "Slides" completo, com gerador de sincronismo próprio, etc.</u> | <u>2.000.000,00</u> |
| 2) Duas câmeras vidicons para "broadcasting", com gerador de sincronismo, monitores de video, etc.. | 1.000.000,00 |
| Total | 3.000.000,00 |

NOSSA FABRICAÇÃO : 2.520.540,00

IMPORTAÇÃO : 3.000.000,00

TOTAL : 5.520.540,00

IMPCSTO DE CONSUMO 4,8 % 44.164,30

MONTAGEM 20 %..... 1.104.108,00

CUSTO GERAL..... 6.668.812,30

NOTA-: A própria emissora pode providenciar o material de som, tais como mesa e microfones (estes de baixa impedância). Por se tratar de estação de rádio já em funcionamento, o material

o material de som existente pode ser aproveitado, obser -
vando-se que a TV, necessita de u'a mesa de operação de /
som independente.-

Helio Augusto Ribeiro

EX-107 Associação dos Funcionários do Banco de São Paulo, Sindicato
Emprego/REBRAD

Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo

ANÁLISE DA PROPOSTA DA REBRATEL

19.2.58

CAPITAL

REBRATEL

50 % do valor do equipamento
no valor de Cr. 225.000,00
(à vista)
Total Cr. 225.000,00

Financiamento da parte do
Sr. Siqueira

SRA. SIQUEIRA

50 % do valor do equipamento no valor
de Cr. 225.000,00
(à prazo)
Total Cr. 225.000,00

Concessão do Canal de Televisão em
Bauré. (50% dos direitos)

ANEXO 07: Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo: Análise da Proposta / REBRATEL

REBRATEL

Lucro resultante de venda
dos 1.000 aparelhos, com
preço de venda de Cr. 1.000,00

50 % do lucro eventual de
futuro, sobre o preço
de venda

Lucro das extensões de sinal
para outras cidades

50 % do lucro de futura extensão

Lucro das extensões de sinal para outras
cidades



sede: av. brig. luiz antônio, 917 - Fone 37-4871

associação dos radialistas do estado de são paulo

endereço telegrafico: ARESP



ANALISE DA PROPOSTA DA REBRATEL.

18.2.59
CAPITAL.

REBRATEL

50 % do valor do equipamento
no valor de cr. \$15.000.00
(à vista)
Total\$15.000.00

Financiamento da parte do
Sr. Simonetti .

JOÃO SIMONETTI .

50% do valor do equipamento no valor
de cr. \$15.000.00
(à prazo.)
Total\$15.000.00

Concessão do Canal de Televisão em
Baurú . (50% dos direitos) .

Concessão para estender o sinal ,
atraves do link , a qual tem valor,
uma vez que será uma grande fonte de
renda num futuro proximo .

Publicidade na PRG 8 . Terreno para as
instalações .

RECEITA

Lucro resultante da venda
dos 1.000 aparelhos. ~~comuns~~

50 % do lucro eventual da
futura emiss ora .

idem das extensões do sinal
para outras cidades .

50 % do lucro da futura emissora .

idem das extensões do sinal para outras
cidades .



Documento - 2

sede: av. brig. luiz antônio, 917 - Fone 37-4871

associação dos radialistas do estado de são paulo

endereço telegrafico: ARESP

~~ANEXO~~ DA PROPOSTA DA REBRATEL A 18.2.59



A REBRATEL SE COMPROMETE :

Instalar uma emissora de Tv , aproximadamente no valor de \$ 30.000.000.00 (trinta milhões de cruzeiros) .

O SR. SIMONETTI SE COMPROMETE :

A autorizar a sociedade a se utilizar da sua concessão de Tv. cabendo a cada uma das partes , 50 % dos lucros eventuaes .
Idem , para os prejuizos .

A autorisar a sociedade a explorar para o futuro o seu direito de estender o sinal para as cidades do interior .

A pagar em prazo a ser estipulado , 50 % do valor do equipamento ou seja , assumirá uma dívida de cr.\$15.000.000.00 (quinze milhões) .

A ceder o terreno para a instalação do pre io da Tv.

A ceder propaganda dos receptores na PRG 8 .

DIREITOS :

REBRATEL TERÁ DIREITO :

do lucro da venda dos televisores Rebratel em Baurú , até 1.000.
50 % nos lucros eventuaes da emissora e dos links.

O S r. SIMONETTI TERÁ DIREITO A :

50 % nos lucros eventuaes da emissora e dos links.



ANEXO 08: Instalação da TV no Prédio da PRG-8



associação dos radialistas do estado de são paulo

endereço telegráfico: ARESP



4

**CONDIÇÕES CONSIDERADAS CONVENIENTES PARA
A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE ENTRE A REBRATEL
E O BAURÚ RÁDIO CLUBE S.A. PARA A EXPLORAÇÃO
DO CANAL DE TELEVISÃO DE QUE A BAURÚ RÁDIO
CLUBE S.A. É CONCESSIONÁRIA. (PARTES DOS
SRS. LUIZ FALANGA E REBELLO JUNIOR).**

1

A Rebratel e o Sr. João Simonetti formarão uma sociedade a qual
será concessionária para a exploração do Canal de Tv. do Baurú
Rádio Clube S. A., na cidade de Baurú, nas seguintes condições:

2 - A REBRATEL INDUSTRIA ELETRÔNICA S.A. se compromete a instalar
em Baurú, dentro do prazo de 6 meses no máximo, uma emissora de
televisão rigorosamente dentro das especificações técnicas e se-
rem relacionadas por cessão da assinatura do contrato da socie-
dade. A referida emissora deverá obedecer às especificações
estipuladas pelos Srs. Luiz Falanga e Rebello Junior, ad referen-
dum do Sr. João Simonetti.

2- O equipamento técnico acima passará a fazer parte da futura
sociedade, da qual, 50 % das quotas serão do Sr. João Simonetti
e 50 % do Sr. José Luiz Moura, ou da Rebratel.

3- O Baurú Rádio Clube S.A. através de uma assembleia dos seus
acionistas, autorizará a concessão de que será objeto a sociedade
acima, pelo prazo em que durar a concessão do canal de Tv. de
que a Baurú Rádio Clube S.A. é portadora.

4 - A sociedade a ser formada ficará autorizada também a explorar
a extensão do seu sinal pelas cidades que achar conveniente e a
que for autorizada, sendo os lucros auferidos divididos em partes
iguais entre as duas partes, ficando a cargo da Rebratel a cons-
trução e instalação dos links necessários bem como a fabricação e
fornecimento dos receptores a serem vendidos nas localidades em
questão.



associação dos radialistas do estado de são paulo

endereço telegráfico: ARESP

2

- 2/
- 5 - Todos os lucros auferidos na venda de televisores, até o número de 1.000 na cidade de Baurú e nas localidades compreendidas num raio de 50 quilômetros, caberão exclusivamente à Rebratel Indústria Eletrônica S.A., a cujo encargo ficarão as despesas referentes à assistência técnica aos aparelhos vendidos. Outrossim, a Baurú Rádio Clube se compromete a ceder uma sala nas suas dependências para servir de depósito e oficina da Rebratel na cidade de Baurú.
 - 6 - Atendida a quota de 1.000 televisores, ~~sendo que os~~ os lucros auferidos com a venda de televisores na área acima, de unidas as despesas inclusive de manutenção, serão divididas em partes iguais.
 - 7 - O Baurú Rádio Clube S. A. se compromete a transferir para a sociedade, no loteamento Jardim Tv. de propriedade do Sr. João Simonetti, a área necessária à instalação do transmissor e dos estúdios da futura emissora de Tv. a qual deverá ser instalada no referido local. Durante o funcionamento da emissora experimental, será a mesma instalada onde atualmente funciona o Baurú Rádio Clube S.A., sendo que as despesas de adaptação e outras necessárias, serão financiadas pela Rebratel e debitadas à sociedade a ser formada.
 - 8 - Uma verba correspondente a Cr. 500.00 (quinhentos cruzeiros) por televisor vendido, será obrigatoriamente empregada na propaganda através de outros veículos, da Tv. de Baurú, no sentido de ser acelerada a venda dos receptores.
 - 9 - Uma vez formada a legalidade a sociedade em estudo, a Rebratel se compromete a instalar dentro de 30 dias, em Baurú, uma emissora experimental de Tv, dispondo de equipamento de telecine completo (2 projetores de vinavide 16 mm e um projetor de "slides" conjugados com uma câmara Vidicon um "switch" provisório e duas câmaras Image Orthicon que farão parte do equipamento da futura emissora.



associação dos radialistas do estado de são paulo

endereço telegráfico: ARESP

3

- 10 - A sociedade a ser formada não terá nenhuma colorido político, sendo a propaganda política cobrada indistintamente a todos e franqueada a todos os partidos, mediante o pagamento antecipado da tabela a ser organizada.
- 11 - A representação comercial da sociedade em S. Paulo caberá preferencialmente a H. Macedo.
- 12 - A sociedade será dirigida de comum acordo pelas duas partes, mediante orçamentos trimestrais que terão de ser aprovados por ambas as partes, sendo vedado a qualquer uma delas, isoladamente, autorizar despesas, efetuar compras ou vendas, ou seja, efetuar qualquer transação que possa comprometer o patrimônio da sociedade.
- 13 - A venda dos televisores, objeto da cláusula 5 somente será início, 15 dias após entrar em funcionamento a emissora experimental.
- 14 - Fica entendido que a sociedade será concessionária da exploração comercial dos direitos oriundos da concessão outorgada pelo Poder Público à Emissora Rádio Clube, a qual não será, nem poderá ser transferida em si.
- 15 - A emissora de Tv. definitiva, deverá ser instalada pela Rebratel, dentro de um prazo máximo de 3 meses a partir da data em que for atingida a venda de 1.000 televisores em Baurú. Findo esse prazo, não tendo a Rebratel instalado a emissora definitiva, o Baurú Rádio Clube S. A. receberá a título de indenização, a emissora experimental, tornando sem efeito o contrato a ser feito entre ela e a Rebratel Indústria Eletrônica S. A.
- 16 - A organização dos serviços da futura emissora de Tv. será esboçada e dirigida pelos Srs. Luis Falanga e Manoel Bitencourt Rebelo Junior, os quais terão direito

séde: av. brig. luiz antônio, 917 - Fone 37-4871

associação dos radialistas do estado de são paulo

endereço telegráfico: ARESP



4
a uma comissão de Cr. 22.000.00 (dois mil cruzeiros) por
televisor vendido até que seja atingida a quota de 1.000
televisores .

17

A Rebratel Industria Eletrônica S.A. facultará ao Baurú
Rádio Clube , sempre que este achar de seu interesse ,
o exame e a fiscalização da sua contabilidade , para fins de
controle de venda de aparelhos até que seja atingida a quota
de 1.000 televisores .

Em tempo :

Caberá ao Baurú Rádio Clube S. A . indicar o contador da
sociedade a ser formada , o qual somente será
admitido mediante a aprovação da Rebratel .



TV canal 2

Plano de vendas e
exploração

Entre Simonetti e Relhotel se farão a
seguintes operações:

1ª FASE

Aquisição de Equipamento

ANEXO 09: Anotações do Sr. João Simonetti

a) Para cada uma adquirir a Relhotel
uma estação emissora de TV para o canal
2, se possível e conhecida de ambas as
partes.

Grupos: O preço da estação estará na re-
lação direta do número (quantidade) de
receptores vendidos pela Relhotel em Beau-
re.

A base de vendas é de M14
aparelhos na cidade de Beau-
re.

BAURU CIDADE

PROPRIETÁRIOS: JOÃO SIMONETTI E HORÁCIO ALVES CUNHA

SEM LIMITES



jardim

TV - canal 2

Plano de venda e
exploração

Entre Simonetti e Pehotel se faria a
seguinte operação:

1ª FASE

Adquisição do Equipamento.

a) Bauri Rádio Clube adquire à Pehotel
uma estação emissora de TV para o canal
2, já descrita e conhecida de ambas as
partes;

Preço: O preço ^{de venda} da estação estará na re-
lação direta do número (quantidade) de
receptores vendidos pela Pehotel em Bau-
rui.

A base de venda é de MIL
aparelhos na cidade de Bauri e

ESCRITÓRIO CENTRAL: PRAÇA EXPEDICIONÁRIOS, 7-41 - CAIXA POSTAL, 446 - FONES: 330 e 432 - BAURÚ - SÃO PAULO

Outras cidades contidas no raio de alcance ^{direto} da emissora de Bauru.

Vendidos MIL aparelhos na a Pelotel
na modalidade de pagamento anterior
e nos preços por ele estabelecidos, o preço
da estação será de R\$

Esse preço aumentará ou diminuirá na proporção do aumento ou diminuição da quantidade de aparelhos vendidos. Pelotel vendidos em Bauru e adjacências, contado o aumento ou diminuição na quantidade de 100 aparelhos (isto é vendido de mais de 900 aparelhos, tomar-se-á a casa de mil; a vendido de mais de 1.100 aparelhos tomar-se-á a casa de 1.200 aparelhos etc)



Pagamento: O pagamento do preço, uma vez o mesmo apurado, será feito em 72 prestações mensais iguais, a partir da 1ª no último mês, depois de inaugurada a estação e início de sua exploração comercial.

Uso do sinal: Fica reservada, com propriedade absoluta, à Relatel o uso do sinal de TV2 - de Bauru para estados fora de seu território de alcance, mediante pagamento de "royalties" a serem combinados.

2ª FAZ

Exploração da estação



Para exploração comercial de
TV-Canal 2, de Bauri, se fará uma
sociedade comercial entre BRC e
Relhotel.

a) a B.R.C., já então proprietária,
em razão de comprar na FAZEL, da
estação completa (canal ^{estação} e equipamentos trans-
missão) do canal 2, alugará à sociedade de
exploração todo o material, pelo preço
correspondente a taxa de juros mensal de
1% sobre o valor do capital investido
no negócio.

b) a Relhotel usará os seus recursos
para obtenção de intercâmbio artístico

procurando manter o nível dos
transmissões locais, dentro de um
padrão de razoável para alto.

c) Também na parte técnica
a Relatou dare' na assistência
permanente no sentido de manter
em alto nível o nível local.

d) ~~de fazer~~ Far-se-á a contabi-
lização da sociedade exploradora
de estação de TV. apurando-se o
receito e despesa, assim como lucro ou
prejuízo mensal de estação, atri-
buindo-se ~~a ela~~ 50% do mesmo
a cada uma das partes.

BAURU CIDADE

PROPRIETÁRIOS: JOÃO SIMONETTI E HORÁCIO ALVES CUNHA

SEM
LIMITES

jardim

O prazo de duração da sociedade era de anos, podendo ser ~~ampliada~~ prorrogada, mediante mútuo consentimento das partes.

ANEXO III: Prazo para instalação do estabelecimento

REBRATEL

INDUSTRIA ELETRONICA S. A.

FABRIL

RUA DO COMERCIO, 10 - VILA

JARDIM - SAO PAULO

CEP 01000-000

FONE (011) 308.1111

TELEFAX (011) 308.1111

CNPJ 06.908.000/0001

INSC. EST. 000.000.000

Sao Paulo, 5 de maio de 1992

Rio, Sr.

JOSE LUIZ MORAIS

Sr. Diretor Geral - REBRATEL - Industria Electronica S. A.

Sao Paulo

Prezado senhor e senhor,

Referente a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, a REBRATEL, Indústria Eletrônica S. A., vem por meio desta, apresentar a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

1 - A REBRATEL, Indústria Eletrônica S. A., vem por meio desta, apresentar a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

ANEXO 10: Prazo para instalação definitiva do transmissor

2 - A REBRATEL, Indústria Eletrônica S. A., vem por meio desta, apresentar a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

3 - A REBRATEL, Indústria Eletrônica S. A., vem por meio desta, apresentar a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

4 - A REBRATEL, Indústria Eletrônica S. A., vem por meio desta, apresentar a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

5 - A REBRATEL, Indústria Eletrônica S. A., vem por meio desta, apresentar a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

6 - A REBRATEL, Indústria Eletrônica S. A., vem por meio desta, apresentar a proposta de instalação de uma estação de rádio AM, a ser instalada no local situado no terreno de 10.000 m², pertencente ao Sr. JOSE LUIZ MORAIS, situado no bairro de JARDIM, cidade de São Paulo, Estado de São Paulo.

(segue)



REBRATEL
INDÚSTRIA ELETRÔNICA S. A.
ESCRITÓRIO:
RUA DO COMÉRCIO, 55 - 7.º and.
Telefone 2-5446
SANTOS

DEPTO. TÉCNICO-INDUSTRIAL
RUA CARDEAL ARCOVERDE, 79
Telefone 8-8984
SÃO PAULO

São Paulo, 6 de maio de 1959

Ilmo. Sr.
JOSE LUIZ MOURA
DD. Diretor Superintendente da REBRATEL-Indústria Eletrônica S.A.
São Paulo

Prezado amigo e senhor,

Formulo a presente para, na qualidade de Diretor Presidente da BAURÚ RADIO CLUBE S.A., sediada na cidade de Baurú, neste Estado, proprietária do prefixo PRG 8 e do Canal 2 de Televisão, também daquela cidade, confirmar o entendimento entre nós havido para a instalação de uma emissora de televisão na cidade de Baurú, que é o seguinte:

1 - A REBRATEL - Indústria Eletrônica S.A., vende à Baurú Radio Clube S.A., uma estação emissora de televisão, cuja descrição consta de relação é parte, devidamente assinada pela REBRATEL E por nós;

2 - O preço da venda é de cr\$ 7.500.000,00 (sete milhões e quinhentos mil cruzeiros) e o pagamento será dividido em 75 (setenta e cinco) prestações mensais, iguais, de cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) pagas a partir do sétimo mês da entrada da estação emissora no ar em caráter definitivo de exploração comercial;

3 - Para que se torne efetivo o preço acima mencionado de cr\$ 7.500.000,00 (sete milhões e quinhentos mil cruzeiros) obriga-se a Baurú Radio Clube S.A. colocar no mercado de Baurú e cidades adjacentes onde seu sinal alcance sem auxílio de repetidores, a quota de 1.000 (um mil) aparelhos receptores de televisão de marca e fabricação REBRATEL, dentro do prazo de UM ANO a contar desta data.

4 - Desses MIL aparelhos, e dentro do prazo de um ano, será reservada uma quota de cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros) por aparelho para ser aplicada na exploração da estação de TV, sob forma de publicidade.

5 - O prazo de colocação do sinal de Baurú e funcionamento da emissora em caráter experimental será de 60 (sessenta) dias a contar desta data. A Baurú Radio Clube por seu lado providenciará imediatamente a adaptação do local onde funcionará a emissora, dentro do entendimento já havido com os técnicos da REBRATEL.

6 - Fica reservada, com prioridade absoluta, à Rebratel o uso do sinal da TV2 de Baurú para as cidades fora de seu perimetro de alcance, mediante o emprego de repetidores, "Boosters" ou outro qualquer meio de transmissão do sinal, mediante o pagamento do "Royalty" de cr\$ 3.000,00 (treis mil cruzeiros) por aparelho REBRATEL vendido nas referidas cidades, podendo a Baurú Radio Clube controlar essas vendas. Desse "royalty" de cr\$ 3.000,00 (treis mil cruzeiros) o aparelho, compromete-se a Baurú Radio Clube a aplicar, pelo menos, 50% (cinquenta por cento) na amortização antecipada de prestações de compra do aparelhamento.

(segue)

N.º 218

BIBLIOTECA - UNESP
CAMPUS DE BAURÚ





REBRATEL

INDÚSTRIA ELETRÔNICA S. A.

ESCRITÓRIO:

RUA DO COMÉRCIO, 55 - 7.º and.

Telefone 2-5446

SANTOS

DEPTO. TÉCNICO-INDUSTRIAL

RUA CARDEAL ARCOVERDE, 79

Telefone 8-8784

SÃO PAULO

São Paulo, 6 de Maio de 1959

Ilmo. Sr.

JOSE LUIZ MOURA

DD. Diretor Superintendente da REBRATEL-Indústria Eletrônica S.A.
São Paulo

pp II - continuação.

7 - Para a exploração comercial da TV-Canal 2, de Bauré, se constituirá uma Sociedade Comercial entre a Bauré Rádio Clube S/A e a REBRATEL, ou seus grupos financeiros representativos.

8 - A modalidade dessa exploração, bem como a definição de direitos, obrigações, vantagens etc., será objeto de outra carta que estamos lhe dirigindo nesta oportunidade.

9 - O acordo confirmado pela presente carta, poderá ser transformado oportunamente em um contrato lavrado em cartório, onde se desdobrarão todos os pontos aqui mencionados.

10 - Solicito o seu "de acordo" apostado na copia da presente.

Cordiais saudações

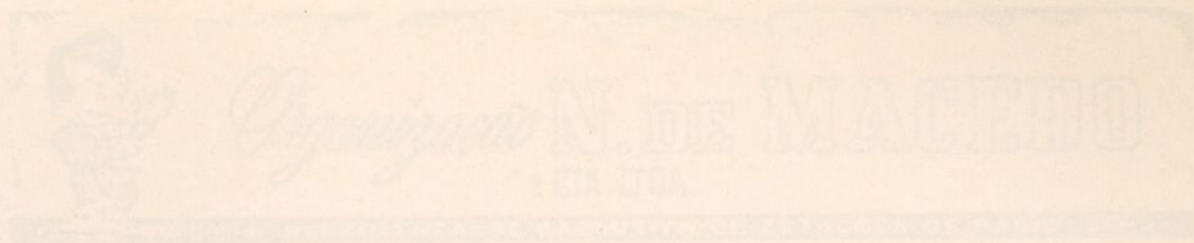
João Simonetti.

Diretor Presidente da Bauré Rádio Clube S.A.

De acordo

REBRATEL - Indústria Eletrônica S. A.

Diretor Superintendente



RIO DE JANEIRO
15 de Junho
1960

Ex. 100.000.000
R\$ 100.000.000,00

Assunto: Solicitação de

certidão

Examinados no XII período ordinário
de trabalho de 1960 e aprovados de acordo com a decisão do TCU
de 15 de maio de 1960, a fim de serem encaminhados para a
execução de 1961, respectivamente, a 11 de maio de 1960.

Seguem anexo dos autos.

ANEXO 11: Solicitação de aferição e aprovação de horário

Cardinalato.

[Handwritten signature]

SÃO PAULO

Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00
Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00
Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00
Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00



RIO DE JANEIRO

Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00
Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00
Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00
Ex. 100.000.000 - R\$ 100.000.000,00



Organização N. DE MACEDO

E CIA. LTDA.

REPRESENTANTE EXCLUSIVA DE ESTAÇÕES DE RADIO

A
Bauré Rádio Clube S/A
BAURÉ - Est. São Paulo

Rb10/2 - 852
RIO DE JANEIRO
1º de Junho
1960

Prezados Senhores:

TELEVISÃO

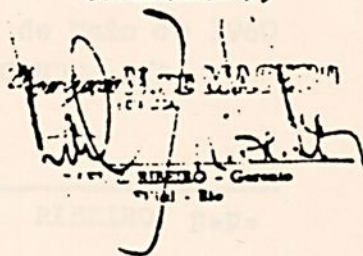
Encaminhamos ao DCT petições solicitando
aferição do canal e aprovação de horário para a estação de Tele
visão dessa emissora.

Os processos foram protocolados sob nº -
30.904 e 30.903, respectivamente., a 31 de Maio ultimo.

Seguem cópias dos mesmos.

Sempre ao inteiro dispor, firmamo-nos com
estima e apreço.

Cordialmente,


N. DE MACEDO - Gerente
Títul. - Rio

RZR/IM.

SÃO PAULO

Praça da República, 386 - 10.º andar
End. Telegr. "RADICO" Caixa Postal, 247
Fones: 36-4846 - 36-4847 e 36-9905
Mod. 26 - 8.000 - 11/59



RIO DE JANEIRO

Rua México, 41 - 11.º andar - Conj 1102
End. Telegr. "SEURADICO" - C. Postal, 5128
Fones: 32-1086 - 32-0356 e 22 3900

EXC^o. SR.

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CORREIOS E TELEGRAFOS

À BAURU RADIO CLUBE S/A, concessionária do serviço de TELEVISÃO, na cidade de Bauru, Estado de São Paulo, vem pelo presente mui respeitosamente requerer a V. Exa., se digne mandar averificar o seu canal de irradiações.

A peticionária pede venia para trazer ao conhecimento de V. Exa., que a mui douta Comissão Técnica de Rádio, em portaria nº 92 de 1/1 de corrente, publicada em Diário Oficial a 23 deste mesmo mês, aprovou a documentação técnica do seu equipamento.

Por ser de direito

p. Deferimento.

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1960

BAURU RADIO CLUBE S/A

RAEL ZILLER RIBEIRO p.p.

30.904

31-5-60

Rua México - 1/1 n.º 1102
Rio de Janeiro

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Candido José Mendes de. *Uma nova ordem audiovisual*: Novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- BAUDRILLARD, Jean. A xerox e o infinito. In: _____. *A transparência do mal*: ensaio sobre os fenômenos extremos. trad. de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1990.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BLOCH, Marc, *Introdução à História*. Mira-Sintra-Mem Martins: Gráfica Europen Ltda., 1987. Trad. Maria Manuel e Rui Grácio
- BOTEON, Terezinha de Jesus, LUZ, Iraci Borges Pereria, OGUSKU, Eliana Fonseca. *Implantação da Rádio Ativa Aimorés*. Bauru: S.c.p., 1991. (Trabalho datilografado).
- BUSELMEIER, Michael. Entretenimento de massa na esfera do trabalho e do lazer. In: MARCONDES FILHO, Ciro. *A linguagem de sedução*: a conquista pela fantasia. São Paulo: Perespectiva, 1988.
- CALDEIRA, Sandro Ferreira. *Aspectos históricos do rádio em Bauru*. Bauru: Polaris, 1984.
- CARDOSO, Ciro Framarion S. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHERRY, Collin. *A comunicação humana*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.
- DEBRAY, Régis. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.



EM BAURU, o equipamento para instalação do Canal 2. *Diário de Bauru*, Bauru, 19 de maio de 1959.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação: Rádio e TV no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRO, Marc. O Filme. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

FALANGA, Luiz. Ao povo de Bauru. *Diário de Bauru*, v. 15, n. 4426, 28 de outubro, 1960.

FURTADO, Rubens. Programação I: Da Rede Tupi à Rede Manchete, uma visão histórica. In: _____. *TV ao vivo: Depoimentos*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GOLDMANN, Lucien. *A criação cultural na sociedade moderna: por uma sociologia da totalidade*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyolla, 1992.

JÁ EXISTE um canal bauruense de TV. *Folha do Povo*, Bauru, n. 7341, 23 de julho de 1958.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LE GOFF, Jaques, NORA, Pierre. *História novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A Linguagem da sedução: a conquista das consciências pela fantasia*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MCLUHAN, Marshall. A imagem, o som e a fúria. In: WRITE, David Manning. *Cultura de Massa: as artes populares nos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1973. (Trad. de Otávio M. Cajado.)



MELLO E SOUZA, Cláudio. *15 anos de história - JN*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.

MILLS. C. Wright. *A imaginação sociológica*. São Paulo: Editora Zahar, 1986.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PROKOP, Dieter. *Fascinação e tédio na comunicação: produtos de monopólio da consciência*. São Paulo: Ática, 1986.

RIBEIRO, José. *Memória e produção historiográfica. Pós-história*, Assis, v.1, p. 36, 1993.

SARAMAN, Ch. (org.) *L histoire et ses méthodes*. Encyclopède de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1961 Apud LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

WEINSTEIN, Robert A. & BOOTH, Larry. *Collection use and care of historical photographs*. Nashville, American Association of State, 1977. Apud KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

WENZEL, Gerd (coord.). *Frutos da Terra*. São Paulo: Marprint Editora, 1988.



BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T.W. "A Indústria Cultural", In: COHN, G., org. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1971.
- _____. "Televisão, Consciência e Indústria Cultural", In: COHN, Gabriel, org.. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: CEN, 1978.
- ALMEIDA, Candido José Mendes de. *Uma nova ordem audiovisual: Novas tecnologias de comunicação*. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- _____. et al. *O ópio do povo: o sonho e a realidade*. São Paulo: O Símbolo, 1976.
- BARBOSA, Gustavo e RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1978.
- BAUDRILLARD, Jean. A xerox e o infinito. In: _____. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. trad. de Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papyrus, 1990.
- BELTRAN, Luis Ramiro, CARDONA, Elisabeth Fox de. *Comunicação dominada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BENJAMIN, W.. "A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica". In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BLOCH, Marc. *Introdução História*. Mira-Sintra-Mem Martins: Gráfica Europen Ltda. 1987. Trad. Maria Manuel e Rui Grácio.
- BOLANO, C.R.S.. "A questão do público de televisão no Brasil: reflexões sobre a pesquisa Lintas". *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, nº 56, 1987.
- BORDENAVE, J.E.D. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa, e Cultura Popular*. Petrópolis: Vozes, 1981.



- BOTEON, Terezinha de Jesus, LUZ, Iracy Borges Pereira, OGUSKU, Eliana Fonseca. *Proposta de Implantação da Rádio Ativa Aimorés*. Bauru: S.C.P., 1991.
- BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola de Annales*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- BUSELMEIER, Michael. Entretenimento de massa na esfera do trabalho e do lazer. In: MARCONDES FILHO, Ciro. *A linguagem de sedução: a conquista pela fantasia*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- CALDEIRA, Sandro Ferreira. *Aspectos Históricos do Rádio em Bauru*. Bauru: Polaris, 1984.
- CAPARELLI, Sérgio. "Televisão e Mobilização Popular". *Cadernos INTERCOM*, nº 2, São Paulo, Intercom, 1982.
- _____. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre: LPM, 1982.
- _____. *Comunicação de massa, sem massa*. São Paulo: Cortez, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. *Uma introdução a história*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARVALHO, Elisabeth et al. *Anos 70 televisão*. Rio de Janeiro: Europa Gráfica e Editora, 1980.
- CHEGOU ao ápice de sua concretização o velho sonho de João Simonetti. *Folha do Povo*, Bauru, 22 de julho, 1960.
- CHERRY, Collin. *A comunicação humana*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.
- COSTA, Alcir Henrique, SIMÕES, Inimá Ferreira, KEHL, Maria Rita. *Um país no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- COSTA, Nilson. Bauru, a pioneira. *A verdade*, Bauru, n. 154, 2 de junho de 1960.
- _____. *Bauru, a Pioneira*, Bauru, 2 de junho de 1960, nº 154.
- DEBRAY, Régis. *Curso de Midiologia Geral*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- EM Bauru, o equipamento para Instalação do Canal 2, *Diário de Bauru*, Bauru, 19 de maio de 1959.



- ENZENSBERGER, H.M.. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- FADUL, Anamaria. "Meios de comunicação de massa e educação no Brasil: Uma Perspectiva Crítica". *Cadernos Intercom*, Cortez: São Paulo, 1982.
- FALANGA, Luiz. *Ao Povo de Bauru*. Diário de Bauru, nº 4426, ano XIV, 28 de outubro de 1960.
- FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação, rádio e televisão no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- FERNANDES, Florestan. *A Ditadura em questão*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.
- FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais na Brasil*. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1960.
- FINLEY, Moses I. *O Uso e Abuso da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FRYDMAN, L.. "Pequena História da TV". *Revista Briefing*, nº 25, São Paulo, 1980.
- FURTADO, Rubens. *Programação I: Da Rede Tupi Rede Manchete, uma visão Histórica*. In: TV ao vivo: Depoimentos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: 1979.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyolla, 1992.
- HERZ, Daniel. *A história secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HUSTON, John. *Um livro aberto*. Porto Alegre: LPM, 1987.
- JÁ Existe um canal Bauruense de TV, *Folha do Povo*, Bauru, 23 de julho de 1958, nº 7.341.



- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- LEAL FILHO, Laurindo. *Atrás das câmeras: Relações entre cultura Estado e televisão*. São Paulo: Summus, 1988.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1988.
- _____. *História Novas abordagens*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1988.
- _____. *História Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1988.
- _____. *Memória*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.
- LIMA, Fernando Barbosa. *Televisão e vídeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- MACEDO, Cláudia, FALCÃO, Angela, ALMEIDA, Cândido José Mendes de. *TV ao vivo: Depoimento*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A linguagem da sedução: a conquista das consciências pela fantasia*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MARX, Karl. *A liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- MATTELART, A.. *Multinacionais e sistemas de comunicação: Os Aparelhos ideológicos de Imperialismo*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- MATTELART, Armand. *Comunicação - mundo: história das idéias e das estratégias*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação, como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MELLO E SOUZA, C.. *Impressões do Brasil*. São Paulo: Praxis, 1987.
- _____. *Quinze anos de história - J. N.* Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.
- MILANESI, L.A.. *O paraíso via Embratel*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. São Paulo: Editora Zahar, 1986.



- MOLES, Abraham. O rádio e a Televisão. In: _____. *Linguagem e cultura de massas, televisão e canção*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- MONTELBAN, M.V. *As notícias e a informação*. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.
- MORAIS, Fernando. *CHATÔ: O rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NASSAR, Silvio Júlio. *1000 perguntas - televisão*. Rio de Janeiro: Rio/Estácio de Sá, 1984.
- PIGNATARI, Décio. *Signagem da televisão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PROKOP, Dieter. *Fascinação e produção historiográfica. Pós-história*. Assis, v.1, p.36, 1993.
- PRIOLLI, G.. "A TV para o bem do Brasil". In: SILVA, Carlos Eduardo Lins da (org.). *Comunicação, hegemonia e contra informação*. São Paulo: Cortez/Intercom, 1982.
- RAMOS, R.. *Gãa-finos na Globo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- RIBEIRO, José. *Memória e Produção Historiográfica*. Pós-História, Assis, v.1, p.36, 1993.
- SAMPAIO, Mário Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SANTOS, Antonio Bueno. Pronta para o ato inaugural a televisão bauruense. *A verdade*, Bauru, 2 de junho de 1960.
- SCHILLER, H.I.. *O Império Norte-Americano das comunicações*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- STASHEFF, G. et al. *O programa de televisão*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1978.





VAMPRÉ, Octávio Augusto. *Raizes e evolução do rádio e da televisão: Cronologia*. Porto Alegre: FEPALN/RBS, 1979.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1971.

WENZEL, Gerd (coord.). *Frutos da Terra*. São Paulo: Marprint Editora, 1988.

218

BIBLIOTECA - UNESP





0810000218

